

A criança e a sua Expressão Plástica: uma reflexão no contexto do estágio pedagógico

Relatório de Estágio

Ana Maria Machado Vieira

Mestrado em

**Educação Pré-Escolar e Ensino do
1.º Ciclo do Ensino Básico**



Ponta Delgada
2021

A criança e a sua Expressão Plástica: uma reflexão no contexto do estágio pedagógico

Relatório de Estágio

Ana Maria Machado Vieira

Orientador

Prof. Doutor Adolfo Fernando da Fonte Fialho

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.



Antes de uma criança começar a falar, ela canta.

Antes de escrever, ela desenha.

No momento que consegue ficar de pé, ela dança.

Arte é fundamental para a expressão humana.

(Phylicia Rashad)

Agradecimentos

Terminado este longo percurso, que percorri durante alguns anos de muito sacrifício, é altura de fazer um agradecimento, muito especial, a todas as pessoas que me ajudaram e apoiaram durante este percurso.

Primeiramente, quero agradecer à minha filha, pela compreensão, aquando das minhas ausências e nos momentos de maior cansaço.

Em segundo lugar, um agradecimento especial ao Prof. Doutor Adolfo Fialho, por ter aceitado orientar este Relatório, pelas suas valiosas orientações e pelo seu generoso apoio e dedicação, demonstrados durante a elaboração deste trabalho.

Também quero agradecer às Educadoras e Professoras cooperantes e ainda às crianças que participaram na realização deste Relatório.

Para além disso, gostaria de sublimar a minha eterna gratidão à minha Orientadora de Estágio, a Professora Doutora Graça Castanho que, direta e indiretamente, me apoiou, me incentivou a nunca desistir.

E ainda, cabe-me deixar aqui expresso um sentido agradecimento à minha família, especialmente à minha mãe, à minha irmã, pelo seu caloroso apoio e pela total compreensão.

Por fim, deixo um agradecimento a todos aqueles que me ajudaram no decorrer do meu percurso académico e contribuíram para que tivesse força e vontade, pois sem eles nada disto teria sido possível.

O meu muito obrigada a todos e a todas!

Resumo

Este Relatório tem como principal propósito apresentar, analisar e refletir sobre a ação educativa desenvolvida no âmbito dos nossos Estágios Pedagógicos, no contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, integrados no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Universidade dos Açores.

No contexto da abordagem que fazemos à ação educativa desenvolvida ao longo dos dois estágios pedagógicos, decidimos aprofundar uma temática específica, que serviu de mote ao título do nosso trabalho *“A criança e a sua Expressão Plástica: uma reflexão no contexto do estágio pedagógico”*.

Assim, ao aprofundarmos a temática em questão, mais concretamente, a importância da Expressão Plástica para a criança, defendemos que esta área curricular se assume como detentora de um enorme potencial, quer do ponto de vista pedagógico e didático, quer no que respeita ao desenvolvimento de competências nas crianças. Ainda neste contexto, procurámos também conhecer as opiniões de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre o papel desta área nas sua ação educativa diária, quer no contexto do Ensino Presencial, quer no Ensino à Distância, modalidade sobre a qual também refletimos, fruto dos desafios que nos foram colocados pela pandemia que se instalou durante o período em que desenvolvemos os nossos estágios.

Por forma a enquadrar as nossas reflexões, baseámo-nos nas atividades desenvolvidas nos dois Estágios Pedagógicos, que foram documentadas e analisadas, em articulação com os contributos de diversos autores da especialidade. Como forma de valorizar o nosso trabalho e melhor compreender as opiniões dos docentes sobre as temáticas em estudo, realizámos um total de dez entrevistas, cinco a Educadores de Infância e cinco a Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Concluimos que a decisão de potenciarmos os contributos da Expressão Plástica durante os nossos estágios se assumiu como uma mais-valia para nós, não apenas do ponto de vista pedagógico e didático, como também no que respeita às competências que a mesma desenvolveu nas crianças que nos foram confiadas. Esta opinião foi também partilhada pelos nossos entrevistados, que referiram ser esta uma área rica e facilitadora do processo de aprendizagem das crianças, quer no contexto de Ensino Presencial, quer quando foram confrontados com a necessidade de lecionar à distância.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Estágio Pedagógico; Artes Visuais e Expressão Plástica.

Abstract

This Report's main purpose is to present, analyze and reflect on the educational action developed within the scope of our Pedagogical Internships, in the context of Pre-School Education and the 1st Cycle of Basic Education, integrated in the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, taught at the University of the Azores.

In the context of the approach we take to the educational action developed over the two pedagogical stages, we decided to deepen a specific theme, which served as the motto for the title of our work “Children and their Plastic Expression: a reflection in the context of the pedagogical stage”.

Thus, when we deepen the theme in question, more specifically, the importance of Plastic Expression for the child, we defend that this curricular area assumes an enormous potential, both from a pedagogical and didactic point of view, as well as with regard to development of skills in children. Also in this context, we also sought to know the opinions of Kindergarten Teachers and Teachers of the 1st Cycle of Basic Education on the role of this area in their daily educational action, both in the context of On-site Teaching and in Distance Learning, modality on the which we also reflect, as a result of the challenges posed to us by the pandemic that took place during the period in which we developed our internships.

In order to frame our reflections, we based ourselves on the activities developed in the two Pedagogical Internships, which were documented and analyzed, in conjunction with the contributions of several authors in the specialty. As a way of valuing our work and better understanding the opinions of teachers on the themes under study, we carried out a total of ten interviews, five with Kindergarten Teachers and five with Teachers of the 1st Cycle of Basic Education.

We conclude that the decision to enhance the contributions of Plastic Expression during our internships was an asset for us, not only from a pedagogical and didactic point of view, but also with regard to the skills it developed in the children who were us entrusted. This opinion was also shared by our interviewees, who mentioned that this is a rich area that facilitates the learning process of children, both in the context of On-site Teaching and when faced with the need to teach at a distance.

Keywords: Pre-School Education; 1st Cycle of Basic Education; Pedagogical Internship; Visual Arts and Plastic Expression

Índice Geral

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Abstract.....	6
Índice Geral.....	7
Índice de Figuras.....	9
Índice de Quadros.....	9
Índice de Anexos.....	9
Índice de Siglas e Abreviaturas.....	9
Introdução.....	11
Capítulo I.....	17
Fundamentos sobre Expressão Plástica na Infância	17
1.1. A Expressão Artística na Infância	17
1.2. A Criança e a sua Expressão Plástica.....	21
1.3. As Artes Visuais e a Expressão Plástica nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e no Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	25
1.4. A importância da Expressão Plástica e das suas técnicas no desenvolvimento da criança.....	29
1.5. O papel do Educador/Professor no desenvolvimento de atividades de Expressão Plástica.....	32
Capítulo II.....	38
Estágio Pedagógico I – Em contexto da Educação Pré-Escolar.....	38
2. Práticas Educativas em contexto da Educação Pré-Escolar.....	38
2.1. O Meio.....	38
2.2. A Escola.....	39
2.2.1. A Sala de Atividades.....	40
2.2.1.1. Organização do espaço.....	41
2.2.2. O grupo de crianças.....	43
2.2.2.1. Caracterização específica do grupo.....	45
2.2.2.2. As rotinas do grupo de crianças.....	48
2.3. Caracterização das Educadoras de Infância entrevistadas.....	50
2.4. A Ação Educativa no contexto da Educação Pré-Escolar.....	51
2.5. As Artes Visuais e as aprendizagens das crianças no ensino presencial e no ensino à distância.....	72
2.5.1. Recurso “O Livro dos Números” (Ensino Presencial).....	72
2.5.2. Preparando o Natal “Prenda de Natal”, o “Postal de Natal” e o “Saco de Natal” (Ensino Presencial).....	78
2.5.3. “Cria o teu Elefante” (Ensino à Distância).....	82
2.6. Opiniões e relatos de Educadores acerca da abordagem às Artes Visuais no Ensino Presencial e no Ensino à Distância	86
Capítulo III.....	94
Estágio Pedagógico III – Em contexto da Educação no 1.º Ciclo.....	95
3. Práticas Educativas em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico	95

3.1. O Meio.....	95
3.2. A Escola.....	96
3.2.1. Caraterização da sala.....	98
3.2.2. Tempo e Espaço para o Ensino à Distância.....	98
3.2.3. Caraterização geral da turma.....	101
3.2.4. Caraterização dos Professores Entrevistados.....	103
3.3. Análise geral do Ensino à Distância.....	104
3.4. A Ação Educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico	106
3.5. A Educação e Expressão Plástica e as aprendizagens dos alunos no ensino presencial e no ensino à distância	137
3.5.1. Diaporama “Fotografia de família”.....	137
3.5.2. Atividade “Ao som da música”.....	140
3.5.3. Decoração das personagens em fantoche do texto “Um dia especial na minha cidade”.....	143
3.6. Opiniões e relatos de Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da abordagem à Expressão Plástica no Ensino Presencial e no Ensino à Distância.....	145
Considerações Finais	154
Referências Bibliográficas	159
Anexos.....	164
Anexo I – Guião da entrevista para Educadores e Professores 1.º CEB.....	165

Índice de Figuras

Figura 1 - Planta da Sala de Atividades.....	41
Figura 2 - Elaboração das fichas de trabalho do Livro dos Números.....	74
Figura 3 - Elaboração das atividades de Natal.....	80
Figura 4 - Construção de elefantes com material reciclado/desperdício	84
Figura 5 - Elefante feito com rolo de papel elaborado pela criança K	85
Figura 6 - Planta da Sala de aulas	98
Figura 7 - Horário do 2.º ano.....	100
Figura 8 - “Fotografia de Família”.....	139
Figura 9 - Porta fotografia da família elaborado pela criança Y.....	140
Figura 10 - Desenhos da atividade “Ao som da música”.....	142
Figura 11 - Fantoques construídos pelas crianças.....	144

Índice de Quadros

Quadro 1 - Caraterização dos Educadores de Infância Entrevistados.....	50
Quadro 2 - Síntese das Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar.....	52
Quadro 3 - Atividades desenvolvidas no recurso “O Livro dos Números”.....	73
Quadro 4 - Fichas de trabalho dos numerais 1, 2, 3, 4 e 5.....	75
Quadro 5 - Atividades desenvolvidas alusivas ao Natal.....	79
Quadro 6 - Proposta de atividade “Cria o teu elefante” (Ensino à Distância).....	82
Quadro 7 - Caraterização dos Professores Entrevistados	104
Quadro 8 - Síntese das Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico	107
Quadro 9 - “Fotografia de Família”	138
Quadro 10 - “Ao som da música”.....	141
Quadro 11 - Construção de fantoches das personagens do texto.....	143

Índice de Anexos

Anexo I - Guião da Entrevista para Educadores e Professores 1.º CEB

Índice de Siglas e Abreviaturas

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

CREB - Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores

PCE - Projeto Curricular de Escola

PEE - Projeto Educativo de Escola

PAA - Plano Anual de Atividades

DA - Professora de dificuldades de aprendizagem

UNECA - Unidade Especial de Currículo Adaptado

PFI - Projeto Formativo Individual

A1, A2... - Atividade 1, Atividade 2...

1.º CEB - 1.º Ciclo do Ensino Básico

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization/ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura



Introdução



Introdução

O presente Relatório de Estágio, com o título *A criança e a sua Expressão Plástica: uma reflexão no contexto do estágio pedagógico*, surgiu na sequência da nossa ação educativa na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II, integradas no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Universidade dos Açores. Neste contexto, procuraremos dar ênfase à temática que escolhemos aprofundar neste documento, de forma a encontrar algumas respostas, enquanto relatamos todas as experiências vividas de modo crítico e reflexivo. O nosso tema central irá recair numa das áreas de Expressão Artística, a Expressão Plástica, que por sua vez irá centrar-se na aquisição de aprendizagens e partilha de emoções, no desenvolvimento da motricidade, da imaginação, da criatividade e na abordagem aos recursos que as crianças convocaram, durante a nossa ação educativa, no ensino presencial e no ensino à distância.

A escolha deste tema deveu-se ao facto de entendermos haver uma desvalorização das Expressões em relação às restantes áreas curriculares, aspeto este que tem estado bastante patente nas conclusões de relatórios de estágio nos quais estas questões têm vindo a ser debatidas (Dias, 2013; Rodrigues, 2014; Sousa, 2014; Garcia, 2015; Medeiros, 2017; Travassos, 2017 e Mota, 2019). Nestes trabalhos, confirma-se que a Expressão Plástica ainda é valorizada na prática dos Educadores de Infância, no entanto, nas práticas dos Professores do 1.º Ciclo, na maioria dos casos, acaba muitas vezes por ficar esquecida/desvalorizada no seu horário semanal. Na sequência desta realidade, é também importante para nós compreendermos de que modo a Expressão Plástica é explorada no ensino presencial, mas também no ensino à distância, uma modalidade pedagógica que surgiu durante o tempo de pandemia e que obrigou os docentes a reequacionarem as suas metodologias de ensino.

Neste contexto, defendemos que a Expressão Plástica beneficia a aquisição da autonomia, pois a criança vai aprendendo a ultrapassar as suas dificuldades, a escolher os materiais de que necessita e passa a ter iniciativa própria, pois faz as suas escolhas e explica-as. Deste modo, esta área possibilita aos mais pequenos exprimir o seu eu, satisfazendo as suas necessidades e desejos de criar e representar tudo aquilo que sente, pensa e vê.

Neste sentido, a Expressão Plástica constitui-se como um contributo de extrema importância para o desenvolvimento harmonioso e integral da criança. Não se pretende que as crianças sejam artistas nem que produzam obras de arte, mas sim que expressem o que sentem e criem algo através dos materiais fornecidos de forma a promover o seu desenvolvimento pessoal e social. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção, de maneira a influenciar o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano, contexto que irá enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, a nossa principal prioridade será tirar partido das potencialidades educativas da Expressão Plástica, enquanto tentamos compreender de que forma ela entra nas práticas das crianças e se é valorizada. Foi com base neste contexto que definimos os objetivos que nortearam a elaboração do presente Relatório, quer no que respeita à nossa ação educativa, quer relativamente ao trabalho empírico acerca do tema que decidimos aprofundar, a saber:

- 1) Observar os contextos dos Estágios pedagógicos I e II de forma a melhorar as práticas educativas;
- 2) Planificar sequências didáticas, flexíveis e integradoras, que promovam aprendizagens significativas por parte dos alunos e se adaptem aos seus interesses e necessidades;
- 3) Desenvolver uma ação educativa diversificada e integradora, capaz de proporcionar momentos de aprendizagem dinâmicos, com sentido e significado para os alunos;
- 4) Implementar práticas de Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a promover ambientes favoráveis à aprendizagem das crianças/alunos e a facilitar a sua expressão livre e espontânea, a sua imaginação e a sua criatividade;
- 5) Avaliar o desempenho dos alunos ao longo das práticas educativas do Estágio Pedagógico I e II, por forma a combater as suas dificuldades e criar condições facilitadoras da sua aprendizagem;
- 6) Perceber de que forma os Educadores e Professores do 1.º Ciclo promovem a Expressão Plástica na sua prática docente.

No sentido de cumprirmos tais propósitos, organizámos o nosso trabalho em três Capítulos.

O primeiro Capítulo - *Fundamentos sobre Expressão Plástica na Infância* - é dedicado ao enquadramento teórico do nosso trabalho, explora cinco grandes temas que vão desde a abordagem à Expressão Artística na Infância, com destaque para Expressão Plástica, passando pela análise das orientações curriculares específicas desta área na Educação Pré-escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, destacando os seus benefícios para as crianças e concluindo com algumas reflexões sobre o papel do Educador/Professor na sua exploração aquando da sua ação educativa diária.

No segundo Capítulo - *Estágio Pedagógico I: em Contexto da Educação Pré-Escolar* - destacamos a ação educativa desenvolvida na Educação Pré-Escolar a partir de uma análise e reflexão acerca do trabalho desenvolvido em contexto de estágio, dando primazia a alguns aspetos relacionados com a temática que decidimos aprofundar no presente Relatório de Estágio. Ainda neste Capítulo, apresentaremos os resultados do estudo realizado paralelamente ao Estágio Pedagógico I, cujo seu principal objetivo foi compreender as conceções e opiniões de Educadores de Infância acerca das Artes Visuais nas suas práticas diárias.

O terceiro Capítulo - *Estágio Pedagógico II: em Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico* - apresenta-se com características muito semelhantes ao Capítulo anterior e destina-se exclusivamente à abordagem ao nosso estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Tal como no Capítulo anterior, pretende-se realizar uma reflexão e análise acerca das práticas educativas desenvolvidas neste contexto, realçando uma vez mais a temática que decidimos aprofundar neste Relatório. Utilizando a mesma lógica do Capítulo anterior, também nesta parte do nosso trabalho, abordaremos o estudo realizado em paralelo com o Estágio Pedagógico II, cuja finalidade foi compreender as conceções e opiniões de Professores deste nível de ensino acerca da exploração da Expressão Plástica na sua ação educativa diária.

Relativamente ao nosso percurso metodológico, e no que diz respeito à sua componente pedagógica, importa destacar que, tanto na Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico, a análise documental e a observação direta foram os procedimentos de recolha de informação mais recorrentes ao longo dos Estágios Pedagógicos, pois permitiram recolher informação essencial para a caracterização e análise dos contextos de partida, bem como das ações pedagógicas tomadas ao longo das intervenções.

Neste caso específico, a observação foi, na sua essência, participante, pois segundo Amendoeira (1999, citado por Correia, 2009), assumimo-nos como “o principal

instrumento da investigação, sendo uma clara vantagem, dada a possibilidade de estar disponível para colher dados ricos e pormenorizados, através da observação de contextos naturais e nos quais é possível ter acesso aos conceitos que são usados no dia-a-dia, por se conhecer a linguagem dos intervenientes” (p. 33).

Nesta ordem de ideias, esta técnica assumiu-se como um procedimento importantíssimo durante todo o processo de intervenção, pois permitiu compreender, por um lado, as conceções das crianças, os seus conhecimentos e as aprendizagens que elas foram desenvolvendo, e por outro lado, todo o contexto educativo, abrangendo o meio envolvente, a instituição educativa, a sala e a forma como a Educadora e o Professor Cooperantes se posicionavam na sua prática pedagógica. Esta observação participante foi efetivada através de registos descritos e do preenchimento de grelhas, que permitiram registar alguns momentos, situações, contextos e aprendizagens.

Foram também instrumentos de recolha de informação e análise da prática pedagógica, o Projeto Formativo Individual (PFI), o Projeto Educativo das escolas onde foram realizadas as práticas pedagógicas, as planificações semanais das intervenções e as respetivas reflexões, que fizeram parte dos elementos de suporte à discussão de toda a nossa ação educativa.

Tais metodologias foram implementadas ao longo dos Estágios Pedagógicos I e II, tendo como principal propósito refletir e explorar a importância dada à área da Expressão Plástica. Neste contexto, importa realçar a importância da escolha dos instrumentos de investigação utilizados, de modo a valorizar e recolher as informações fundamentais para a elaboração deste Relatório. Fizemo-lo conscientes de que, tal como refere Dias (1999), durante o trabalho de investigação, o investigador “precisa de utilizar instrumentos que lhe permitam reter aquilo que é preciso conservar do material a recolher ou já recolhido e que vai servir como documentação de apoio na realização do trabalho científico” (p. 6).

Neste caso concreto, para a realização desta investigação recorreremos ainda a dois instrumentos de recolha de dados, a análise documental e o inquérito por entrevista. De acordo com Bell (2002) qualquer estudo “seja qual for a sua dimensão, implica a leitura do que outras pessoas já escreveram sobre a sua área de interesse, a recolha de informações que fundamentem ou refutem os seus argumentos e a redação das suas conclusões” (p. 51).

Nesta perspetiva, a análise documental implica a consulta “em livros, revistas, teses, monografias, atas, artigos, internet, registos académicos, estatísticas e outros documentos

das informações que interessam” à investigação (Sousa, 2005, p. 87). A recolha é feita através de uma pesquisa persistente, de modo a conseguir reunir o máximo de informação relevante para compreender o tema.

No caso da entrevista, a mesma foi adotada por forma a obtermos um melhor conhecimento no que respeita à importância da Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Como sabemos, entre as técnicas de recolha de informações disponíveis em metodologias qualitativas, a entrevista é uma das mais utilizadas. Neste particular, Bogdan e Biklen (1994), definem a entrevista como “uma conversa intencional” (p. 134). Quando ocorre esta conversa, esta já está em sua parte, estruturada pelo investigador e na maioria das situações é orientada por ele, ou seja, a entrevista baseia-se num contacto direto “entre o entrevistado e um entrevistador que tem o objetivo de extrair determinada informação do entrevistado” (Moser e Kalton, 1971, citado por Bell, 2002, p. 118).

Finalmente, importa salvaguardar que, no decorrer de todo o processo de recolha de dados, foram tidas em conta as questões éticas e deontológicas inerentes a todo e qualquer processo investigativo, nomeadamente, no que se refere ao anonimato dos participantes e à obtenção do seu consentimento informado e esclarecido.



Capítulo I

Fundamentos sobre Expressão Plástica na Infância

- 1.1. A Expressão Artística na Infância
- 1.2. A Criança e a sua Expressão Plástica
- 1.3. As Artes Visuais e a Expressão Plástica nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e no Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico
- 1.4. A importância da Expressão Plástica e das suas técnicas no desenvolvimento da criança
- 1.5. O papel do educador/professor no desenvolvimento de atividades de Expressão Plástica



Capítulo I

Fundamentos sobre Expressão Plástica na Infância

1.1. A Expressão Artística na Infância

O termo “Educação Artística” nasceu com uma nova conceção pedagógica. Neste contexto, a criança experimenta, ultrapassa-se, conhece os seus limites e fragilidades. Expressa-se e reinventa-se. Reforça e constrói a sua autoestima, criatividade e imaginação. Não há comunicação sem expressão.

Deste modo, as Expressões Artísticas são fundamentais para o desenvolvimento global da criança a todos os níveis, tanto a nível pessoal, como nos domínios social e cultural.

Ao contactar com a arte, a criança potencia aprendizagens nas outras áreas do conhecimento humano, através das suas experiências e sensações corporais, sentimentos e emoções, curiosidades e desejos, na forma como se relaciona e comunica com o outro e com o mundo que a rodeia. A este propósito, Sousa (2003b) realça que “a criança exprime-se pelo gesto, o som, a palavra e a imagem. O que exprime a criança? Sensações corporais, sentimentos de alegria, tristeza e serenidade, desejos, ideias, curiosidades, experiências, um conjunto de factos emotivos” (p. 167).

O papel da arte na educação não deve ser visto apenas como uma forma de expressão e de interpretação do mundo, mas, paralelamente, como um meio útil e indispensável na aquisição de outros conhecimentos das diferentes áreas do currículo.

É de salientar que a educação artística apresenta-se, ao mesmo tempo, como um marco crucial no desenvolvimento global da criança, sendo que muitos investigadores se têm debruçado sobre esta questão, de forma a clarificar os conceitos que a definem. Ora, de acordo como o Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional a educação artística “é a própria dimensão ética da educação que se reforça e que penetra, para os reduzir, os limites meramente instrutivos da educação formal” (1991, p. 7). Assim, compreende-se que a educação artística não só proporcionará ao educando momentos de manifestação da criatividade e da inovação, mas também permitirá cultivar em cada criança a imaginação e a capacidade de reflexão crítica. Por sua vez, a educação artística

vem contribuir para o desenvolvimento do sentido estético, pessoal e social do indivíduo. Assim, é de enaltecer a importância desta área na formação humana, ou seja, de uma educação que “actue nas dimensões biológicas, afectivas, cognitivas, sociais e motoras da personalidade, de modo harmonioso, ou seja, dirigindo-se a todas estas dimensões de igual modo, sem preferenciar ou preterir alguma” (Sousa, 2003a, p. 61).

Porém, sabe-se que a Educação Artística tem normalmente em consideração a música, a dança, o teatro e as artes plásticas. Mas, uma educação artística plena não se reduz a um conjunto de disciplinas, mas sim a uma organização ou uma reorganização curricular, em que as várias áreas do conhecimento e as artes têm a mesma ponderação e onde o equilíbrio deve corresponder a uma igualdade de circunstâncias, proporcionando às crianças uma formação equilibrada. Nesta perspectiva, e segundo aquilo que a UNESCO sublinha, não é possível esquecer a circunstância segundo a qual “a Educação Artística pode frequentemente ser um estimulante instrumento para enriquecer os processos de ensino e aprendizagem e tornar essa aprendizagem mais acessível e mais eficaz” (2006, p. 3). Assim sendo, verifica-se nestas palavras a ideia de que a educação artística poderá ser um caminho para a interdisciplinaridade, promovendo a ligação entre as várias áreas curriculares disciplinares e não disciplinares existentes. Por isso, entende-se que geralmente a articulação entre as diversas áreas facilita o desenvolvimento cognitivo e psicomotor das crianças. No entanto, é importante salientar, tal como se defendeu na Conferência Mundial de Educação Artística, promovida pela UNESCO, o contributo da educação artística “para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte” (2006, p. 6).

Neste seguimento, deveremos destacar que o objetivo da Educação Artística “continuará a ser a criatividade mais do que a criação, o homem mais do que o artista, o cidadão mais do que o especialista” (Rouquet & Brassart, 1977, p. 25). Assim sendo, a função da educação artística será aperfeiçoar o indivíduo na sua globalidade, sendo as práticas e as ações essenciais para desenvolver o seu eu, a sua personalidade, a sua imaginação, as suas características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais, mais do que tão somente as suas aptidões artísticas. Além disso, a educação artística facilitará o processo de integração da criança num grupo social, tornando-a consciente dos valores, crenças, comportamentos, instituições e regras morais que caracterizam uma sociedade. Neste sentido, defende-se uma educação artística que esteja ao dispor das escolas, que seja o suporte de todos os momentos de um conjunto de ações educativas, que se

transforme num instrumento útil e flexível por todos os agentes educativos e que contribua para a interligação de todas as áreas do saber pondo em prática a interdisciplinaridade. Entretanto, o mais importante é que tudo isto se faça tendo em conta a formação global da criança, o que obrigará, necessariamente, a rever a posição da educação artística no currículo que, por sua vez, levará à organização das práticas pedagógicas, à alteração das metodologias, à remodelação de programas de todas as diferentes áreas do currículo. Deste modo, durante as últimas décadas, têm ocorrido diversas reformas curriculares no Sistema Educativo Português pelos nossos governantes, tendo sido várias as transformações curriculares que foram por elas inseridas. A Educação Artística está prevista no Ensino Básico no contexto de quatro áreas artísticas: Expressão Plástica, Expressão Musical, Expressão Dramática e Expressão Físico – Motora (dança).

A Expressão Plástica, segundo Sousa (2003b), “é essencialmente uma actividade natural, livre e espontânea da criança” e o seu principal objetivo consiste na “expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos” (p. 160). Sendo assim, esta é uma área que contribui para o desenvolvimento, o equilíbrio e a satisfação da criança, pois é um meio de comunicação que lhe dá a oportunidade de exteriorizar e de representar a sua visão sobre o mundo, com base nas suas experiências e de uma forma espontânea. Na perspetiva deste mesmo autor, nesta área, privilegia-se o ato de criar e não se pretende que as crianças realizem trabalhos que se assemelham a obras de arte. Espera-se que tenham a oportunidade de explorar os diferentes materiais e técnicas que lhes permitam libertar-se e satisfazer as suas necessidades de expressão.

No que diz respeito à Expressão Musical, segundo Sousa (2003b), esta é uma área através da qual a criança é capaz de “satisfazer as suas necessidades desenvolvimentais, sobretudo as necessidades de exploração e integração no mundo sonoro, de expressão e de criação” (p. 160). É neste sentido que a Expressão Musical permite à criança desenvolver a sua criatividade e imaginação, aprender regras sociais, conhecer a cultura em que está inserida, desenvolver o seu sentido de ritmo e coordenação motora, alcançar um sentimento de segurança e autorrealização e expressar e libertar os seus sentimentos e emoções. Veríssimo (2012) acrescenta ainda que, é através da Expressão Musical que a criança poderá “descobrir as suas qualidades, desenvolver a sua memória e atenção [e] adquirir competências de autodisciplina” (p. 11). Para o autor supracitado a Expressão Musical possibilita ainda à criança desenvolver as suas “competências e aprendizagens [que lhe permitem] transmitir inúmeros sentimentos, como por exemplo: alegria, melancolia, violência, calma, entre outros” (Veríssimo, 2012, p. 11).

A Expressão Dramática é também uma área de expressão com enorme potencial, que promove o desenvolvimento global da criança. Tal como refere Reis (2004), esta área de expressão “é talvez aquela que melhor pode contribuir globalmente para o mais completo desenvolvimento da criança” (p. 130). Vários são os autores que realçam as potencialidades desta área para a criança. Para Leenhardt (2007), a Expressão Dramática dá à criança uma oportunidade de “expressar uma sensibilidade pessoal, de levá-la a adquirir os meios dessa expressão através de uma disciplina do corpo, da voz, da emoção” (p. 27). Através da Expressão Dramática a criança interage com os seus pares através de dois tipos de comunicação: verbal e não-verbal, tornando-se, assim, um modo desta “se auto-descobrir, de se afirmar e de tomar contacto com diferentes situações sociais” (Reis, 2004, p. 130). Para além disso, ao entrar em contacto com esta área, a criança poderá desenvolver a sua atitude corporal, autonomia, concentração, sensibilização, linguagem, criatividade e imaginação.

A Expressão Físico-Motora também promove o desenvolvimento global da criança, sendo que esta começa a desenvolver a consciência do corpo, a noção de lateralidade (direita, esquerda, para cima, para baixo) e a sua motricidade geral. Neste sentido, podemos concluir que é através da Expressão Físico - Motora que a criança “desenvolve todas as suas funções” (Sousa, 2003b, p. 136). Para além disso, é através do movimento que a criança desenvolve o seu sistema nervoso (H. Wallon, 1992, referido por Sousa, 2003b), a “sua sensibilidade motora” (Reis, 2004, p. 128) e a sua “capacidade para comunicar sensações, emoções, ideias e mensagens; conhecer a sua própria corporalidade e dominar as estruturas espaço temporais e relacionais; obter ganhos de controlo motor, autonomia, interacção em grupo, capacidade para realizar jogos (de movimento, simbólicos e dramáticos)” (Condessa, 2009, p. 43).

Como tal, é fundamental que as escolas criem e proporcionem às crianças oportunidades para a experimentação e a prática das Expressões Artísticas, tanto em espaços formais como informais, estimulem as crianças para que desenvolvam diferentes formas de expressão e comunicação artística, promovam a educação para a sensibilidade estética, fomentem o gosto das crianças pelas práticas artísticas e os façam refletir sobre valores estéticos, saberes e culturas e promovam o desenvolvimento do espírito crítico e criativo (Martins, 2002; Comissão Nacional da UNESCO, 2006).

Depois de uma abordagem global acerca das Expressões Artísticas e do seu lugar na infância, interessa-nos abordar, de forma mais aprofundada, o conceito de Expressão Plástica.

1.2. A Criança e a sua Expressão Plástica

Vários são os autores que se têm vindo a dedicar à reflexão sobre o papel e o lugar da Expressão Plástica na infância. A este propósito Sousa (2003b) refere-nos que este termo foi adoptado pela educação pela arte portuguesa, para designar o modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos” (p. 159).

A partir do Dicionário Enciclopédico Lello Universal (1979) citado por Sousa (2003a) salienta-nos que “o termo «expressão» deriva do latim «expressione» e significa «acto de espremer, de extrair o suco; maneira de exprimir, frase, palavra. Manifestação de um sentimento: expressão de dor, de alegria. Carácter, sentimentos, íntimos»” (p. 177).

Na antiga Grécia, tal como nos indica Sousa (2003b) a palavra «*plastike*» referia à arte de modelar figuras de barro. Por outro lado, o termo latino de «plástica» já incluía outros materiais como o gesso, pedra, madeira e metal. Nos dias de hoje “consideram-se os materiais como possuindo características físicas elásticas ou plásticas” (Sousa, 2003, p. 159). Deste modo, Sousa (2003) salienta-nos que, tanto o barro, como o gesso, como a pedra, a madeira, os metais e o plástico, são bons exemplos de materiais utilizados na Expressão Plástica. Para tal, é importante, como nos refere o autor, que as artes plásticas ou a Expressão Plástica se refiram às atividades artísticas que envolvem este tipo de materiais.

Tendo por base os contributos de Veiga (2011), iremos convocar os conceitos de diferentes autores que se preocuparam em compreender e definir este tipo de expressão.

Deste modo, podemos afirmar que começamos a exprimir-nos desde que nascemos, primeiramente pelos gritos e gestos e só depois pelos desejos, uma vez que esta é a única forma, que possuímos em dada altura para comunicar com as restantes pessoas (Read, 1943 citado por Guerreiro, 2012).

Stern (s.d), por seu lado, refere que a criança ao longo do seu percurso tem uma grande necessidade de utilizar a expressão plástica para exteriorizar o que não consegue a partir da expressão verbal. Isso acontece sobretudo porque a expressão verbal limita o pensamento da criança não a deixando ir mais além, ao contrário do que acontece com a Expressão Plástica, tal como Andrea (2005) veio afirmar. “desenhar, pintar, modelar, transformar, são atividades tão naturais na criança como falar e cantar” (p. 35).

Cardoso e Valsassina (1988), com base no que foi referido anteriormente, dizem-nos que a Expressão Plástica é como a linguagem, pois “ajudará a criança no seu natural desenvolvimento, a encontrar o equilíbrio, por meio de uma série de experiências sensoriais e intelectuais” (p. 69). Estes mesmos autores dizem-nos que através desta área de expressão as crianças são capazes de utilizar diferentes técnicas, para se poderem exprimir, permitindo desta forma a criação de trabalhos diferentes.

Por seu lado, Sousa (2003b), defende que quando falamos em Expressão Plástica, referimos que esta é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não concentrada na produção de obras de arte nem na formação de artistas, mas sim centrada na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades de expressão e criação. Nas suas palavras, “a expressão plástica é essencialmente uma actividade natural, livre e espontânea da criança” (p. 160). Exemplos disso são: “mexer em água, areia, barro, tinta e de riscar um papel com um lápis” (Sousa, 2003b, p. 160). O autor conclui realçando que não se pretende que as crianças se tornem artistas, mas sim que expressem as suas emoções e sentimentos através da criação de materiais plásticos fornecidos pelos adultos.

As crianças desenhavam, pintam e modelam “apenas pelo prazer que esses actos proporcionam e não com a intenção de produzir algo que seja «arte»” (Sousa, 2003b, p. 160). Neste caso, com base nas palavras do autor, podemos afirmar que o importante é o ato que leva a criança a criar algo que seja expressivo, e não apenas o produto final.

Por outro lado, Gabey e Vimenet (1974) acrescentam que a ação de pintar, desenhar, entre outras, se assemelha à de contar uma história, pois cria inúmeras possibilidades de nos exprimirmos. Neste caso, através de “um lápis ou um pincel podemos dizer tudo, mostrar tudo, fazer tudo, até o impossível. Podemos explicar o que sabemos, o que amamos, o que amáramos. O que pensáramos, o que sentimos (p. 14). Para tal, é importante que a criança tenha liberdade e possibilidade para se expressar livremente.

É importante salientar que a Expressão Plástica, para além de promover o sentido estético, permite desenvolver na criança a motricidade fina. Mais relevante ainda, “estimula la observación, agudizando su análisis inicialmente desde la sensopercepción, hasta llegar al pensamiento y la imaginación creadora” (Granadino, 2006, p. 6).

Nesta ordem de ideias, Gonçalves (1991) refere também que as crianças, muitas vezes, representam “árvores, casas, a figura humana, animais, o sol, as estrelas, as nuvens, as flores, automóveis, aviões, para se exprimir” (p. 10) nos seus desenhos. Estas são

figuras que vão aparecer várias vezes no decorrer do seu desenvolvimento, mas de diferentes formas pois, tal como nos refere Gonçalves (1991), as crianças vão repetindo estes desenhos nos seus trabalhos ao longo dos anos, embora com uma expressividade diferente. Isto deve-se à sua modificação e evolução natural ao longo do tempo, de acordo com os seus sentimentos e ideias, bem como com o seu desenvolvimento físico-motor, psicológico e até mesmo social.

Neste sentido, Stern (1991, citado por Sousa, 2003) mostra-nos que, “a expressão é como um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo do ser. Expressar-se é tornar-se vulcão. Etimologicamente é expulsar, exteriorizar sensações, sentimentos, um conjunto de factos emotivos. Expressar-se significa realizar um acto que não é ditado, nem controlado pela razão” (p. 165).

Neste caso, é importante que nós, como futuros Educadores/Professores, possamos dar essa liberdade às crianças de se exprimirem, pois só assim é que estas conseguem exteriorizar o que sentem.

De forma a complementar o que foi supramencionado, Sousa (2003b) salienta-nos que a criança é capaz de se exprimir a partir de sensações corporais, de sentimentos de alegria, tristeza e serenidade, dos desejos que têm, das ideias, curiosidades e experiências, que em termos gerais são um conjunto de factos emotivos. Para tal, é importante que, “a criação plástica proporcion(e) à criança um campo de expressão de emergências psicológicas, que por outras vias seriam mais difíceis de exteriorizar” (Sousa, 2003b, p. 167).

Gonçalves (1991) refere-nos também que “a expressão da criança é motivada pelo que a mais impressiona” (p. 10). Para este autor, quando uma criança utiliza pincéis e tintas, exprime com emoção o que mais a sensibiliza, definindo então a sua maneira de ser. Neste caso, “através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como aprende a conhecer-se e a conhecer os outros” (Gonçalves, 1991, p. 12). O autor defende, ainda, que é importante que nestes casos se aceite “o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações” (p. 12).

A Expressão Plástica é, assim, um domínio/área que deve ser encarada como um meio de representação e comunicação, que aprecia as experiências de vida, não só da criança, como do grupo em que se insere. Por essa razão, é uma área que se foca na criança, no aperfeiçoamento dos seus conhecimentos e na resposta às suas dificuldades. Indo ao encontro desta ideia, Sousa (2003b) refere que a Expressão Plástica deve centrar-

se na “expressão natural, livre e espontânea da criança” (p. 160) e ainda menciona qual o objetivo deste domínio, que passa pela “expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança. Desenha-se, pinta-se e molda-se apenas pelo prazer que esses actos proporcionam e não com intenção de produzir algo que seja “arte”. É a acção que interessa, é o acto de criar que é expressivo e não a obra criada” (p. 160).

De facto, quando a criança realiza atividades de Expressão Plástica, utilizando materiais plásticos, com características diferentes e usando também técnicas diversificadas, tem acesso ao domínio do prazer e da liberdade. Assim, desenvolve a imaginação e estimula a curiosidade e a criatividade. Para além disso, esta área também apresenta outros contributos como o desenvolvimento da autocrítica, evitando que a criança seja introvertida e insegura.

Para que estas aprendizagens sejam concretizadas, é essencial que a criança detenha um eficaz conhecimento do seu corpo, usufrua das suas livres ideias, das suas emoções, dos seus afetos e que se possa sentir bem integrada na escola.

Por esse motivo, os autores destacam a importância da Educação Pré-escolar, como a melhor etapa para se poder trabalhar com as crianças, uma vez que estão mais predispostas para se expressarem criativamente e desenvolverem a sua imaginação. É através da sua expressão plástica que as mesmas descobrem e interpretam o mundo que as rodeia, aspeto que permite potenciar o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Em jeito de síntese, podemos afirmar que a Expressão Plástica contribui para o crescimento positivo da criança, pois “a realização das atividades, utilizando materiais e técnicas variadas, desenvolve na criança a imaginação, estimula a curiosidade e a criatividade” (Correia, 2013, p. 20). Assim sendo, através desta área de expressão, não pretendemos que as crianças sejam artistas nem que produzam obras de arte, mas sim que expressem o que sentem e criem algo através dos materiais fornecidos. Assim, importa realçar que a criança deve ser estimulada a exprimir-se, não apenas em contexto escolar, nos moldes que veremos mais adiante, mas também em contexto familiar, desde que seja orientada por um adulto, tendo por base o conhecimento que se tem da criança e um conjunto de orientações às quais dedicámos o ponto que se segue.

1.3. As Artes Visuais e a Expressão Plástica nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e no Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Neste ponto do nosso Relatório, importa-nos compreender como a Expressão Plástica é abordada na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Para isso, foi preciso recorrermos aos principais documentos orientadores, ou seja, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) e a Organização Curricular e Programas 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No que respeita ao primeiro documento orientador, Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) referem-nos que, “as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar baseiam-se nos objetivos globais pedagógicos definidos pela referida Lei e destinam-se a apoiar a construção e gestão do currículo no jardim de infância, da responsabilidade de cada educador/a, em colaboração com a equipa educativa do estabelecimento educativo/agrupamento de escolas” (p. 5).

Neste documento estão dispostas três áreas, sendo elas a de Formação Pessoal e Social, a área do Conhecimento do Mundo e área de Expressão e Comunicação, sendo esta organizada por quatro domínios, os domínios da Educação Física, da Matemática, da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o da Educação Artística que, por sua vez, está organizado em quatro subdomínios, sendo estes o subdomínio das Artes Visuais, da Dança, da Música e da Dramatização/Teatro.

Tal como é referenciado pelas autoras das OCEPE, as crianças quando iniciam o seu percurso na Educação Pré-escolar já possuem conhecimentos nos diferentes domínios da área de Expressão e Comunicação, pois quase todas elas “já tiveram oportunidade de desenhar, pintar, cantar, dançar, etc.” (p. 47). Neste sentido, o educador deve partir do que as crianças já sabem “para proporcionar experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas que ampliam a expressão espontânea (...) e garantem (...) o acesso à arte e à cultura artística” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 47).

De acordo com as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar, a intencionalidade do educador é fundamental para o desenvolvimento da criatividade, pois aumenta e enriquece a representação simbólica e o sentido estético. Além disso, “proporciona oportunidades de desenvolvimento da curiosidade, da expressão verbal e não verbal e de resoluções de problemas” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 48).

No que se refere às Artes Visuais, a sua abordagem envolve o desenvolvimento articulado de estratégias que permitem que a criança se adapte a diferentes técnicas e materiais, através da exploração e experimentação das suas produções, permitindo desta forma criar, recriar ou reinventar. “A pintura, o desenho, as colagens, (...) e a modelagem” (p. 49) são algumas das técnicas utilizadas na Educação Pré-Escolar. No que se refere aos materiais, é importante, tal como é referido no documento, que disponibilizemos diversos, para que as crianças possam desenvolver a imaginação e a criatividade. Deste modo, o documento destaca a importância de disponibilizarmos materiais como o “papel de diferentes dimensões e texturas, tintas de várias cores, diferentes tipos de lápis (como pastel seco, carvão, etc.), barro, plasticina e outros materiais moldáveis” (p. 49). Para além destes materiais, são destacados também os materiais reutilizáveis como “tecidos, cartão, objetos naturais, papéis diversos, latas, fios, embalagens, algodão e elementos da natureza” (p. 49).

Outro aspeto cuja importância é também realçada por este documento normativo prende-se com a organização do espaço, aspeto essencial a ter em conta quando preparamos uma atividade no contexto das Artes Visuais. Neste caso, é necessário que todo o material existente seja diversificado, de qualidade e de fácil acesso, para que cada criança possa ter oportunidade de explorar e criar. Para tal, é importante destacar que a diversidade dos materiais exige “uma organização cuidada, que facilite o acesso e utilização autónoma por parte das crianças” (p. 49).

O documento consultado menciona ainda que devemos representar e recriar com as crianças as suas vivências individuais como por exemplo: “temas, histórias, pessoas, animais, etc.” (p. 50). Neste sentido, é importante que sejam utilizados os diferentes materiais que acima referimos, convocados a partir de técnicas também diversificadas. Além disso, as crianças nas suas produções, tal como nos referem as OCEPE, devem introduzir elementos visuais como cores, linhas, texturas, formas geométricas, tonalidades e a figura humana, para posteriormente poderem ilustrar histórias e representar temas.

Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) referem ainda que o desenvolvimento da criatividade e do sentido estético não fazem apenas parte do domínio da Educação Artística e subdomínio das Artes Visuais, mas sim de todas as que influenciam o desenvolvimento do currículo. Um bom exemplo da interdisciplinaridade das áreas, referido nas OCEPE pretende-se com a área de Formação Pessoal e Social, que nos transmite que a criança, ao participar no seu processo de aprendizagem, “vai mobilizar e

integrar um conjunto de experiências, saberes, e processos, atribuindo-lhe novos significados e encontrando formas próprias de resolver os problemas, o que permite desenvolver não só a autonomia, mas também a criatividade” (p. 34).

Apesar de todas as áreas de conteúdo se articularem e de estas serem transversais no que diz respeito ao processo de desenvolvimento da criança, o domínio da Expressão Plástica é visto como um dos mais integradores, “visto que a construção do saber se processa de forma integrada” (Ministério da Educação, 1997, p. 49).

No que se refere ao Currículo Nacional do 1.º Ciclo do Ensino Básico, à semelhança do que acontece na Educação Pré-Escolar, os professores de 1.º Ciclo são convidados a seguir as orientações dos programas criados pelo Ministério da Educação, cujos princípios orientadores e os valores do currículo visam o desenvolvimento global da criança, para o saber - ser, perante ela própria e os outros.

Numa análise mais aprofundada deste segundo documento orientador, podemos constatar que os princípios orientadores da Expressão Plástica oferecem experiências de aprendizagem com diversos materiais, com formas e cores diferentes, que irão possibilitar às crianças “a partir de descobertas sensoriais (...) desenvolverem formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade” (Ministério da Educação, p. 89).

Esta capacidade de as crianças se poderem exprimir sozinhas, ligada “ao prazer que manifesta nas múltiplas experiências”, constituem-se como “oportunidades de enriquecer e alargar a experiência dos alunos e desenvolver a sua sensibilidade estética” (Ministério da Educação, 2004, p. 89).

No presente documento, a área da Expressão e Educação Plástica está dividida em três blocos: Bloco 1 – descoberta e organização progressiva de volumes; Bloco 2 – descoberta e organização progressiva de superfícies e, por último, o Bloco 3 – exploração de técnicas diversas de expressão. É importante mencionar que em cada um dos blocos são apresentados os objetivos gerais para cada ano de escolaridade ou para os quatro anos em conjunto. Assim, há alguns objetivos idênticos para todos os anos e outros mais específicos, destinados apenas a cada ano de escolaridade, isto por terem sido adaptados aos perfis das crianças, às suas necessidades e capacidades.

Relativamente aos blocos que foram mencionados anteriormente, estes apresentam diversas tarefas para cada um. Assim, no bloco 1, está presente a modelagem e a escultura, que são “actividades de manipulação e exploração de diferentes materiais moldáveis” (Ministério da Educação, 2004, p. 90). São ainda contempladas as

construções, diretamente ligadas à exploração de diferentes materiais e objetos. No bloco 2, são convocadas as técnicas de desenho, de expressão livre e de atividades gráficas sugeridas, com diferentes materiais e sobre diferentes suportes, de diferentes tamanhos. Faz-se também referência à pintura de expressão livre e a atividades de pintura sugerida. Por último, o bloco 3 engloba o recorte, a colagem, a dobragem, a impressão, a tecelagem, a costura, a fotografia, as transparências, os meios audiovisuais e os cartazes.

Nesta ordem de ideias, somos levados a perceber que as atividades sugeridas nos três blocos poderão “partir das solicitações e interesses dos alunos ou de propostas do professor” assumindo a existência de “respeito pela expressividade plástica das crianças” (Ministério da Educação, 2004, p. 95). Por outro lado, essas atividades “estarão normalmente associadas à concretização de projetos individuais ou de grupo e, com frequência, ligados a trabalhos desenvolvidos noutras áreas” (Ministério da Educação, 2004, p. 95).

Segundo Sousa (2003b), as “técnicas mais convenientes” (p. 183), como por exemplo, o desenho, a pintura, a modelagem, os recortes e as colagens, a gravura, os tecidos, a fotografia ou o vídeo, e os “materiais mais apropriados” (p. 183), como o lápis de carvão, lápis de cor, giz, lápis de cera, lápis pastel, canetas de feltro, guache, aguarelas, tinta acrílica, papel, pincéis, telas, plasticina, cola, tesoura, entre outros, irão permitir às crianças a criação e expressão dos seus sentimentos e das suas emoções. Neste sentido, podemos dizer que o recurso a estas diferentes técnicas e materiais vai incentivar a criança na sua aplicação e ao mesmo tempo trabalha a sua coordenação psicomotora, permitindo assim dar asas à sua imaginação, recorrendo ao uso das mãos.

Concluindo a análise dos dois documentos orientadores, podemos afirmar que, tanto em contexto Pré-Escolar, como no 1.º Ciclo, espera-se “estimular no aluno a criatividade, o prazer pela descoberta, o espírito crítico e a capacidade de intervir” (Gonçalves, 1991, p. 13). Tais competências são essenciais a um desenvolvimento equilibrado e harmonioso das crianças, dentro e fora da sala de aula, aspeto que aprofundaremos no ponto que se segue.

1.4. A importância da Expressão Plástica e das suas técnicas no desenvolvimento da criança

Como já foi referido anteriormente, “a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades” (Sousa, 2003b, p. 160).

Perante esta definição do conceito de Expressão Plástica, somos levados a perceber que este subdomínio/área curricular permite à criança inúmeras descobertas, que passam pela exploração de diversas técnicas e materiais, disponibilizados à criança em diferentes experiências de aprendizagem.

Na ótica de Sousa (2003b), “as técnicas escolhidas e o material utilizado estão estreitamente associados ao desenvolvimento emocional, sentimental e cognitivo da criança. À medida que as suas experiências se enriquecem, ela vai tendo uma cada vez maior necessidade de variedade de técnicas e de materiais para se expressar convenientemente” (p. 183).

Neste contexto, procuraremos dar conta de cinco técnicas diferentes: o desenho, a pintura, a modelagem, o recorte, a colagem e a dobragem. Antes de falar de cada uma delas, é importante lembrar que as salas de aula devem estar equipadas com bons materiais, com vista ao desenvolvimento criativo, à melhor exploração e expressão nos trabalhos plásticos desenvolvidos pelas crianças. Neste sentido, defendemos com Barbosa (2009), que “é através das técnicas e dos materiais que a criança poderá expressar-se e criar. Tal como a linguagem e as palavras são importantes para a expressão verbal, assim as técnicas e os materiais são para a expressão plástica” (p. 21).

Neste sentido, começaremos a especificar cada uma das técnicas da Expressão Plástica, que foram anteriormente mencionadas.

Primeiramente abordaremos a técnica do desenho. Segundo Sousa (2003b), “o desenho é uma das mais antigas manifestações expressivas do ser humano que se conhece” (p. 193). Foi a partir de uma investigação realizada sobre os desenhos infantis que se constatou que os desenhos não são “obras de arte”, mas, sim, o espelho do que a criança pensa e sente num determinado momento. Nas palavras de Sousa (2003b), “seja qual for a sua idade, qualquer criança, perante um papel e um lápis, um quadro e um pau de giz, um carvão e uma superfície branca, sente um desejo irresistível de pegar num destes objectos e efectuar riscos sobre o outro” (p. 195).

Uma criança ao realizar um desenho começa por desenvolver as suas capacidades de coordenação visual, neuromotoras, e as suas capacidades cognitivas, como o raciocínio lógico e a criatividade. Além destas capacidades, a criança ainda desenvolve os seus sentimentos e as suas emoções. Do ponto de vista da criança, o desenho é “uma forma de brincar, porém, expressa todo o seu ser, incluindo o mais profundo do seu inconsciente” (Sousa, 2003b, p. 198).

Outra técnica que também é importante realçar no domínio/área curricular da Expressão Plástica é a pintura. De acordo com Sousa (2003b), “a pintura é uma forma de arte em que o artista concebe a decoração de uma superfície com pigmentos coloridos e com o auxílio de processos técnicos diversos” (p. 225). Indo ao encontro desta ideia, a pintura é um meio de expressão que oferece à criança a possibilidade de exprimir a sua criatividade, imaginação e inteligência. Todas as técnicas de pintura são distintas, pois cada criança tem os seus gostos, os seus interesses e as suas tendências de expressão, de “pequeno pintor”.

A pintura é “uma linguagem plástica expressiva que é acessível a todos os homens, independentemente da sua idade e da sua cultura” (Sousa, 2003b, p. 225). Este meio de expressão é relevante para o aperfeiçoamento artístico da criança, pois “a espontaneidade da pintura infantil manifesta-se antes da aquisição de uma técnica, ou, por outras palavras, conduz à necessidade de descobrir a técnica, que melhor se adapta ao desenvolvimento desse tipo de expressão imediata” (Gonçalves, 1991, p. 39). Assim, não importa se a criança pinta bem, mas sim que expresse os seus sentimentos e satisfaça as suas necessidades criativas na pintura. Deste modo, vamos ao encontro das palavras de Sousa (2003) que afirma que “se nas artes na educação interessa dar-se a conhecer as obras dos grandes pintores, na educação pela arte não interessa a pintura, mas a criança” (p. 228).

Nesta técnica de Expressão Plástica, a criança dá muita importância ao uso das cores, pois há uma relação emocional entre as duas. Determinados estudos mostram que as crianças selecionam as cores conforme a sua personalidade, a sua forma de estar momentânea e aquilo que conhecem do mundo real. Todos estes aspetos influenciam a forma como pinta e as cores que escolhe para criar as suas obras plásticas.

Para que as crianças desenvolvam este tipo de técnica, a pintura, o Educador/Professor pode, consoante as idades das crianças, disponibilizar vários materiais para além dos lápis de cor ou dos marcadores, como o guache, a aguarela, o pastel, a digitinta. Para além da pintura em papel ou cartão, as crianças podem explorar

também a pintura em tecido, em madeira, em vidro, ou noutros materiais à sua escolha, recorrendo a material reciclado e não só.

No que respeita à modelagem, outra das técnicas com enorme potencial de exploração com as crianças, é segundo Sousa (2003b), “o acto de dar forma a qualquer matéria plástica, isto é, qualquer matéria que mantenha a forma que se lhe dá” (p. 255). É a partir desta técnica de Expressão Plástica que as crianças se exprimem e criam formas a partir dos materiais manipuláveis. “Através da modelagem a criança encontra um espaço formativo em que através da acção das suas mãos lhe proporciona uma inesgotável fonte de experimentação e descobertas” (Sousa, 2003b, p. 225).

Na perspetiva de Barbosa (2009), a modelagem é “uma actividade que proporciona a livre expressão de pensamento, além de garantir um óptimo treino de coordenação motora, muscular e da coordenação visual, compreende alguns elementos visuais como a estrutura, a forma e o volume: desenvolve a noção de espaço e o jogo imaginativo” (p. 28).

Para trabalharmos esta técnica devemos escolher materiais com plasticidade, como a areia, o barro, a plasticina, a argila, os tecidos, o papel e o cartão, que permitem à criança descobrir diversas texturas e formas. Este tipo de atividades são um estímulo para a criança, pois estas irão descobrir e tomar conhecimento dos diferentes materiais que a rodeiam.

Em relação às técnicas do recorte e da colagem, é de referir que as duas estão ligadas ao papel. “Os recortes são uma técnica extremamente simples, mas muito do agrado das crianças, podendo dar livre vazão às suas capacidades criativas, usando diferentes tipos de papel, de diferentes cores” (Sousa, 2003b, p. 283). Na verdade, estas duas técnicas podem ser realizadas apenas com as mãos, exemplo disso é quando as crianças rasgam os papéis e quando estas usam a tesoura para realizar a técnica do recorte. É notório em algumas crianças que frequentam a Educação Pré-Escolar, como também o 1.º Ciclo, apresentarem alguma dificuldade em usar a tesoura, sendo que nestas idades é importante que estas consigam aprender a utilizá-la.

A este propósito, Morris (2011) afirma que “uma competência motora que os adultos consideram normal é a utilização da tesoura para cortar. Não é uma capacidade natural às crianças pequenas e tem de ser aprendida e aperfeiçoada” (p. 62). O mesmo autor ainda menciona que “cortar com a tesoura pode ser aprendido logo aos 2 anos, quando a criança começa a ser capaz de cortar as extremidades de uma folha de papel. Aos 3 anos, deve ser capaz de cortar uma linha marcada no papel. Aos 4 anos deve

conseguir recortar um círculo e aos 5 um quadrado desenhado no papel, mantendo as pontas aguçadas” (p. 62).

Nesta ordem de ideias, sublinhamos algumas das vantagens para as crianças quando utilizam a tesoura, tais como: 1) abrir e fechar a tesoura ajuda a criança a fortalecer os músculos da palma da mão. Estes músculos são também usados em outras atividades que são realizadas no dia a dia da criança, como por exemplo, segurar num garfo e numa colher; 2) melhora a coordenação mão-olho. Esta ação, obriga a que o cérebro trabalhe com dois sistemas ao mesmo tempo, o visual e o manual. Esta capacidade também tem outras aplicações, como apanhar um brinquedo; 3) o cortar implica o desenvolvimento da coordenação bilateral. Ao cortar um círculo, uma mão roda o papel enquanto que a outra corta com a tesoura. As mãos trabalham em simultâneo, mas com distintas ações manuais (Morris, 2011, p. 62).

No que respeita à colagem, Gonçalves (1991) esclarece que esta é vista como “a livre associação de imagens e de fragmentos de imagens, recortadas em jornais e revistas, permite conceber colagens, que exploram o humor e o insólito” (p. 28).

Debruçamo-nos agora sobre a última técnica da Expressão Plástica que acima enumerámos, a dobragem, que consiste no uso dos dedos para dobrar e vincar as dobras da folha de papel. De todas as artes que existem de dobragem de papel, a mais conhecida é a do Origami, que tem como finalidade levar a que a criança “experimente, invente e crie, em vez de aprender o que foi criado por outros. Assim, não se ensina como dobrar papel para se fazer diferentes formas, mas pede-se à criança para criar diferentes formas, inventando ela própria os modos de o dobrar” (Sousa, 2003b, p. 283).

Tendo em conta o que foi referido, conclui-se que são múltiplas as técnicas, os materiais e formas de exploração que podem ser levadas até às crianças, cabendo assim ao Educador/Professor o papel de proporcionar e orientar as diversas atividades, da forma mais proveitosa possível. Dedicamos a este aspeto o último ponto deste Capítulo.

1.5. O papel do Educador/Professor no desenvolvimento de atividades de Expressão Plástica

O subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica tem uma grande importância e também um impacto bastante relevante e positivo no desenvolvimento integral da criança, tal como já foi mencionado previamente ao longo deste Capítulo.

Cabe ao Educador/Professor criar condições favoráveis à exploração desta área expressiva e dar liberdade à criança para se expressar livremente, criando o seu trabalho, de modo que este tenha um significado para si.

Enquanto futuros educadores/professores, defendemos com Lowenfeld e Brittain (1977), que “deve(mos) tentar estimular cada aluno, para que se identifique com as suas próprias experiências, (ajudando-os) a desenvolver, ao máximo, os conceitos que expressam os seus sentimentos, as suas emoções e a sua própria sensibilidade estética” (p. 23). Ao inculcar nas “crianças o interesse ao nível da experimentação assume assim (...) um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança e (n) o seu processo criativo” (p. 26). Este desenvolvimento, será facilitado se os educadores/professores, proporcionarem às crianças as condições favoráveis à exploração de atividades no domínio da Expressão Plástica. Assim sendo, é importante que o educador/professor crie soluções referentes a esta expressão, de forma a agradar ao grupo pois, tal como nos afirma Oliveira (2009), torna-se importante apostar em atividades lúdicas onde ocorra a exploração de diferentes materiais. Esta exploração permite às crianças alargar as suas formas de comunicação e promover o conhecimento de si mesmas e o conhecimento do mundo que a rodeia.

Quanto aos profissionais que não são especializados em artes, estes devem criar condições para que a criança possa criar, manter viva a sua necessidade de se exprimir e possibilitar uma educação tendo por base o gosto e a sensibilidade dos mais pequenos. É necessário controlar as evoluções que a criança vai fazendo ao longo do seu processo criativo, através da imitação (dos adultos, de outras crianças) e/ou através da espontaneidade, segundo Gloton e Clero (1976).

Cardoso e Valsassina (1988) dizem que não se deve ensinar a forma de representar a natureza, mas sim encorajar as crianças a serem elas, a exprimirem-se e a chegarem a uma solução. Contudo, é de salientar que também é importante que o adulto atribua importância aos trabalhos das crianças e as incentive, para que estas não se desmotivem, pois “são os pais e o educador que positivamente valorizando a obra da criança lhe darão o hábito de a considerar um objeto valioso” (p. 76).

O Educador/Professor, para ter sucesso na sua ação pedagógica, deve ser flexível e ter a capacidade de motivar as crianças, descentrando-se da sua forma de interpretar o mundo e proporcionando desafios com intencionalidade educativa (Oliveira, 2009).

É muito importante permitir que a criança disponha de tempo e de espaço para se exprimir livremente e, desta forma, evoluir. Não está em causa ter ou não sucesso, o que

interessa é exprimir-se de forma a obter prazer e a transportar para a sua obra aquilo que sente.

Segundo Colaço (2013), é ainda competência do Educador/Professor, desenvolver a autonomia nas crianças, “criando oportunidades que lhes permitam experimentar e vivenciar por si mesmas, de modo a retirar as suas ilações, revelando-se um ser participativo no seu próprio processo de aprendizagem” (p. 16).

Apesar de não ser esse o foco do nosso relatório, não podemos deixar de referir as diferenças entre o trabalho do Educador e do Professor do 1.º Ciclo no âmbito do desenvolvimento da Expressão Plástica. Os currículos são diferentes, assim como o tempo de que dispõem para a implementação dos mesmos. Assim, entendemos que o Professor do 1.º Ciclo não se deve limitar a usar o desenho como uma forma de descontração entre atividades de outras áreas, como o Português ou a Matemática. É necessário escolher "um conjunto de actividades para um determinado grupo-alvo, compostas por conteúdos e objetivos operacionalizados através de metodologias diversificadas que pressupõe consequências educativas" (Zabalza, 2000, p. 95). Também os autores Davis e Gardner (2002, p. 430) chamam a atenção para a desvalorização da espontaneidade e criatividade das crianças no processo criativo. À medida que os anos de escolaridade vão avançando a “incidência do discurso metafórico espontâneo parece declinar” (Winner, 1988, p. 103); o jogo dramático dá lugar a jogos governados por regras (Piaget, 1962); e os desenhos expressivos da criança em idade pré-escolar são substituídos por representações convencionais aparentemente decepcionantes, tanto para as crianças que as desenha (Rosentiel & Gardner, 1997) como para o adulto que gostaria de as apreciar (Rosenblatt & Winner, 1988).

Em jeito de conclusão, fazemos referência a um trabalho elaborado por Lowenfeld (1977, citado por Sousa, 2003b) que resume o que os educadores e professores “devem e não devem fazer, em relação à actividade de expressão plástica da criança” (p. 182). Nas suas palavras, ao explorar esta área com as crianças, os docentes devem:

- 1) Considerar a Expressão Plástica da criança como uma projecção da sua personalidade em formação;
- 2) Compreender que, enquanto trabalha, a criança está a adquirir experiências importantes para o seu desenvolvimento;
- 3) Estimular a criança nas suas relações com o ambiente;

- 4) Apreciar o esforço da criança, quando esta consegue expressar a sua própria experiência;
- 5) Compreender que as “proporções erradas” exprimem, frequentemente, uma experiência;
- 6) Compreender que as percepções da criança, a respeito da arte, são diferentes das dos adultos;
- 7) Apreciar os trabalhos artísticos da criança de acordo com os seus próprios méritos;
- 8) Colocar à disposição da criança um local apropriado, onde possa trabalhar;
- 9) Ensinar a criança a respeitar as manifestações de arte dos outros;
- 10) Encorajar o espírito de liberdade, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma;
- 11) Criar um clima de tolerância, propício à espontaneidade expressivo-criativa;
- 12) Deixar que a criança desenvolva a sua própria técnica, através da experimentação (pp. 181-182).

Nesta mesma linha de pensamento e convocando os contributos deste mesmo autor, por oposição, os docentes, aquando da exploração da Expressão Plástica com as crianças, não devem:

- 1) “Corrigir” ou “ajudar” a criança no seu trabalho, procurando impor-lhe uma personalidade de adulto;
- 2) Considerar que o “produto final” do esforço infantil tenha alguma importância;
- 3) Entregar à criança cadernos para colorir ou modelos de desenhos que a tornariam insensível ao ambiente;
- 4) Demonstrar apreço por tudo o que a criança faça indiscriminadamente;
- 5) Corrigir as proporções dos trabalhos;
- 6) Esperar que as manifestações artísticas das crianças sejam sempre agradáveis aos olhos dos adultos;
- 7) Preferir o trabalho de uma criança ao de outra;
- 8) Limitar a actividade infantil, deixando de dar à criança um local apropriado para trabalhar;
- 9) Fazer comparações entre os resultados dos trabalhos das crianças;

- 10) Apoiar concursos, exposições ou competições de trabalhos de crianças, sobretudo quando envolverem prêmios ou recompensas como estímulo;
- 11) Impor à criança os padrões dos adultos;
- 12) Pendurar o “melhor” trabalho na parede;
- 13) Mostrar à criança “como se faz”, “como se desenha” ou “como se pinta” (pp. 182-183).

Com este conjunto de sugestões, concluímos a nossa abordagem aos fundamentos do tema que decidimos aprofundar no presente Relatório, reforçando os conselhos do autor e defendendo que se torna essencial e indispensável tratar com respeito todos os trabalhos e atividades realizados pelas crianças, pois estas produções são resultado de um prolongamento delas próprias, da sua individualidade, daquilo que já conhecem e da forma que encontram para comunicar com os outros e para explorar o mundo que as rodeia. Estas foram sugestões que funcionaram para inspirar a nossa ação educativa, no contexto dos estágios pedagógicos realizados na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, tal como procuraremos explicitar nos capítulos que se seguem.



Capítulo II

Estágio Pedagógico I – Em contexto da Educação Pré-Escolar

2. Práticas Educativas em contexto da Educação Pré-Escolar

2.1. O Meio

2.2. A Escola

2.2.1. A Sala de Atividades

2.2.1.1. Organização do espaço

2.2.2. O grupo de crianças

2.2.2.1. Caracterização específica do grupo

2.2.2.2. As rotinas do grupo de crianças

2.3. Caracterização das Educadoras de Infância entrevistadas

2.4. A Ação Educativa no contexto da Educação Pré-Escolar

2.5. As Artes Visuais e as aprendizagens das crianças no ensino presencial e no ensino à distância

2.5.1. Recurso “O Livro dos Números” (Ensino Presencial)

2.5.2. Preparando o Natal “Prenda de Natal”, o “Postal de Natal” e o “Saco de Natal” (Ensino Presencial)

2.5.3. “Cria o teu Elefante” (Ensino à Distância)

2.6. Opiniões e relatos de Educadores acerca da abordagem às Artes Visuais no Ensino Presencial e no Ensino à Distância



Capítulo II

Estágio Pedagógico I – Em contexto da Educação Pré-Escolar

2. Práticas Educativas em contexto da Educação Pré-Escolar

Este capítulo será dedicado à análise e reflexão acerca da ação educativa desenvolvida no Estágio Pedagógico I, no âmbito da Educação Pré-Escolar. Primeiramente, faremos uma caracterização dos contextos de intervenção, de forma a salientarmos as particularidades do meio, da escola, da respetiva sala de atividades, bem como do grupo de crianças. Para realizar esta caracterização foi necessário recolher e analisar documentos orientadores da instituição, que nos foram facultados pela Educadora Cooperante, nomeadamente o Projeto Anual de Atividades (PAA), que serve de documento norteador para os Educadores e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico daquela instituição.

2.1. O Meio

A Escola localiza-se no concelho de Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, numa freguesia que, para além das suas magníficas praias, contava com um interessante conjunto de atividades recreativas e culturais. Possuía um Estádio Municipal, construído com a finalidade da prática do futebol e de outras modalidades desportivas. Para além do grupo desportivo, a freguesia contava ainda com um grupo de escoteiros e com uma banda de música que, no momento em que realizámos o nosso estágio, não se encontrava em atividade. Quanto a festas religiosas, comemoravam-se as festividades em honra do Divino Espírito Santo e, no penúltimo domingo de agosto, a festa do Santo Padroeiro. Em relação ao seu património, tinha a Igreja Paroquial, várias ermidas, fontanários, e um conhecido e apreciado miradouro.

No que respeita a estruturas de apoio social, para além da sua Junta de Freguesia, contava com um Centro Social Paroquial com Creche, Jardim-de-Infância e Lar de

Idosos. Tais estruturas constituíam grandes oportunidades para possíveis visitas de estudo, por serem próximas das realidades das crianças que integravam esta instituição escolar, contribuindo para a sua formação e para uma aprendizagem que se esperava integrada nos seus contextos de origem.

Por outras palavras, o meio onde a escola se encontrava oferecia alguma multiplicidade de contextos que permitiam entrar em contacto com o quotidiano e a realidade das crianças, de modo a desenvolver o seu processo de ensino-aprendizagem.

2.2. A Escola

A instituição onde desenvolvemos o nosso estágio era composta por duas valências: Jardim de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Frequentavam a escola 178 crianças, divididas em três grupos da Educação Pré-Escolar (num total de 43 crianças) e nove turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (num total de 135 alunos), providas de diversos meios socioeconómicos e culturais. No que diz respeito ao pessoal docente, existam três Educadoras titulares de grupo, nove Professores titulares de turma, duas Professoras de apoio educativo, um Professor de Educação Física, uma professora de Inglês, duas Professoras de ensino especial para as salas de UNECA e uma Educadora de ensino especial. No que toca ao pessoal não docente, importa realçar que havia duas assistentes técnicas e sete assistentes operacionais.

No entanto, e uma vez que a nossa escola de origem se encontrava em obras de beneficiação, a nossa prática foi desenvolvida em duas instituições diferentes. Assim sendo, a escola onde realizámos a maior parte da nossa prática ficava bastante afastada da zona de residência do grupo, pelo que as crianças tinham de se deslocar até ela recorrendo a um transporte disponibilizado para o efeito. Este contexto acabou por limitar bastante a nossa ação, uma vez que não foi fácil convocarmos o meio de origem das crianças do grupo tal como seria desejado.

Já em relação à estrutura dessa escola, esta era constituída por dois pisos, sendo que no piso inferior existia um refeitório, um extenso pavilhão desportivo, assim como um espaço exterior, partilhados entre todas as turmas da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Havia ainda casas de banho distribuídas pelos dois pisos, devidamente adequadas e adaptadas às crianças da Educação Pré-Escolar.

Relativamente ao recreio, este era um local muito amplo e espaçoso, tendo capacidade suficiente para suportar a quantidade de crianças que frequentavam aquela instituição, sendo estas supervisionadas pelas assistentes operacionais, bem como por (alguns) Educadores e Professores.

No exterior desta instituição, existia um pequeno parque de estacionamento.

No que se refere à segurança dos alunos, a escola encontrava-se devidamente equipada. O seu portão lateral estava sempre fechado e a entrada era feita com recurso a uma campainha. Eram as assistentes operacionais que estavam encarregues de atender ao portão e encaminhar os visitantes.

No que respeita à implementação de projetos, a instituição desenvolvia alguns, tais como, “Prevenir para não Remediar”, que consistia no combate às dificuldades no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e “Cidadania e Desenvolvimento” com vista a um reforço da área de Formação Pessoal e Social, de forma adquirir vários descritores, tais como averiguar se a criança expressava opiniões, ideias e factos, competências que, na nossa perspetiva, se assumem como bastante relevantes na aquisição de aprendizagens muito significativas que pareciam já estar bastante consolidados por toda aquela comunidade escolar.

2.2.1. A Sala de Atividades

A sala de atividades onde se centrou a nossa prática pedagógica localizava-se no piso inferior da escola. Esta sala caracterizava-se por ser um espaço amplo, bem iluminado e arejado, visto que continha janelas em uma das paredes. Na Figura que se segue, procuramos ilustrar as suas principais valências (ver Figura 1).

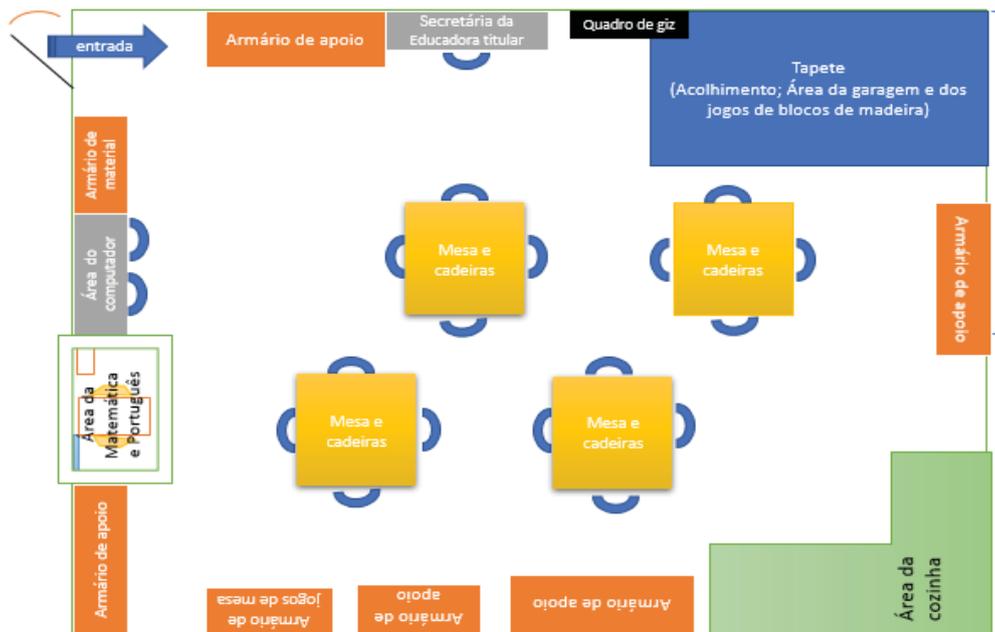


Figura 1- Planta da Sala de Atividades

A sala encontrava-se dividida em diversas áreas, permitindo às crianças uma fácil circulação e utilização de todo o espaço. Ao centro da sala estavam dispostas quatro mesas quadradas destinadas à realização de trabalhos e atividades de cariz mais individualizado. Para além disso, a sala possuía cadeiras, um quadro de giz, um pequeno quadro magnético, vários armários com materiais diversos, destinados à exploração de todas as áreas de conhecimento.

2.2.1.1. Organização do Espaço

No que concerne à organização do espaço (ver Figura 1), este encontrava-se dividido em seis áreas, distintas entre si, nomeadamente: a área do acolhimento/garagem/jogos de tapete, a área de jogos de mesa, a área da casinha/cozinha, área do computador e, por fim, a área da Matemática e do Português (uma área em construção). Todas estas áreas tinham as suas regras, com destaque para a definição do limite de número de crianças que poderiam estar em cada uma delas em simultâneo. Os momentos de brincadeira livre nas áreas da sala eram geridos e supervisionados pela Educadora Cooperante.

No espaço exterior da sala, espaço que contava com o apoio/vigilância de uma assistente operacional, encontrava-se um lavatório no qual as crianças lavavam as mãos, autonomamente, antes de irem para o almoço e no regresso à sala. Ainda neste espaço, encontravam-se vários cabides individuais, onde eram pendurados os pertences das

crianças (lancheiras, casacos...), e um armário onde se guardavam materiais relacionados com a Área de Expressão Plástica, tais como: tintas, pinceis, entre outros.

Fazendo uma descrição breve dos vários espaços da sala, tendo em consideração o sentido dos ponteiros do relógio, deparamo-nos com a **área do acolhimento** que era constituída à volta de um tapete. Era neste espaço que todas as crianças se juntavam, diariamente, logo pela manhã e por vezes após o primeiro intervalo. Nesta área, realizava-se o acolhimento matinal, a escolha do chefe do dia, o registo das presenças, a marcação do tempo, do dia da semana e do mês, a exploração da temática a ser abordada durante aquele dia. Era também este espaço que, durante os momentos de brincadeira livre, era utilizado como **área da garagem e dos jogos de construção**. As crianças brincavam com carros e havia ainda uma caixa com blocos de madeira, que servia para o desenvolvimento do seu raciocínio e pensamento lógicos.

A **área da casinha/cozinha** apresentava um conjunto diversificado de móveis e objetos destinados ao jogo simbólico, onde eram desenvolvidas brincadeiras que permitiam desenvolver a socialização, a imaginação e o faz-de-conta. Nesta área, as crianças também brincavam aos pais e aos filhos, às famílias e às compras, desenvolvendo algumas regras sociais e de respeito por si e pelo outro.

A **área da Matemática e do Português**, ainda em construção, continha um quadro magnético, letras e números magnéticos, uma mesa, duas cadeiras e uma estante com livros (**biblioteca**), tendo como principal propósito promover e incentivar o gosto pelos livros e pela leitura criativa e imaginativa das crianças.

Contávamos ainda com a **área do computador**, um espaço muito apreciado pelas crianças, visto que podiam jogar e ouvir músicas animadas. Nesta área, as crianças podiam manipular o rato e o teclado, bem como explorar o ambiente de trabalho. Faziam-no de forma livre e autónoma e já demonstravam conhecimentos nesta área, como por exemplo, ligar/desligar o computador quando o utilizavam.

Finalmente, no centro da sala, nas mesas de trabalho, também funcionava a **área dos jogos de mesa**. Estavam disponíveis alguns jogos de tabuleiro, *puzzles* e jogos de pensamento lógico. Nesta área, as crianças tinham a possibilidade de usar e manipular os diversos jogos existentes, das várias áreas do conhecimento, tendo como principal objetivo desenvolver a motricidade, a capacidade de inventar e construir, o processo de socialização, a atenção e a memória, o raciocínio lógico e matemático e a linguagem.

Em suma, todas estas áreas tinham como principal finalidade estimular a concentração, o processo de socialização, a comunicação, o gosto e incentivo pela leitura,

a imaginação, o desenvolvimento das capacidades perceptivo-motoras e o desenvolvimento do raciocínio e pensamento lógico.

2.2.2. O grupo de crianças

Para a caracterização das crianças, as observações realizadas no Estágio Pedagógico I foram imprescindíveis, não somente para descrevermos o grupo, de um modo mais geral e específico como, acima de tudo, para conhecermos as crianças, quanto aos seus conhecimentos e potencialidades, bem como às suas dificuldades, que nos interessava ultrapassar, seguindo um vasto leque de estratégias.

Neste sentido, o grupo era constituído por quinze crianças, sendo sete do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos de idade.

Tendo por base as nossas observações e o trabalho que desenvolvemos inicialmente, verificámos que grande parte deste grupo de crianças começou a ter regras de sala, com outras crianças e com a instituição em geral. Algumas das crianças apresentavam diversos conhecimentos, tendo facilidade na sua expressão oral.

Destas crianças, uma encontrava-se integrada no regime educativo especial, com diagnóstico de autismo, sendo que apresentava algumas limitações nos domínios cognitivo, socio afetivo e comunicacional. Outra criança, embora estivesse matriculada desde o início do mês de outubro, só começou a frequentar este Jardim de Infância no dia 2 de novembro e, aparentemente, revelava ter necessidades educativas especiais. A Educadora Cooperante pediu uma avaliação especializada, bem como pedidos de avaliação de terapia da fala e terapia ocupacional.

Relativamente às dinâmicas e rotinas do grupo, as crianças eram, na sua globalidade, ativas e participativas, demonstrando níveis distintos de desenvolvimento, de necessidades e de interesses. Na sua grande maioria, preferiam a brincadeira livre em algumas das áreas que compunham sala de atividades.

No que diz respeito às diferentes áreas e domínios de conteúdo, estas caracterizavam-se do seguinte modo:

1) **Área de Formação Pessoal e Social:** na sua globalidade, era habitual as crianças irem sozinhas à casa de banho. Conseguiam lavar as mãos autonomamente e conheciam as boas regras de convivência, tanto nas várias áreas da sala de atividades, como também nas diferentes rotinas diárias e durante a realização das tarefas propostas. No caso mais

específico da socialização, a maioria das crianças comunicava e relacionava-se muito bem entre si, apresentando uma ótima relação com a Educadora Cooperante e com as Estagiárias. Com o evoluir da nossa ação educativa, foi criada uma ótima relação, tanto a nível pedagógico, como também a nível pessoal.

2) **Área de Expressão e Comunicação:** no que diz respeito ao domínio da Matemática, a maioria das crianças conseguia contar até dez ou mais números, mas apenas algumas sabiam identificá-los e escrevê-los. Para além disso, a maioria das crianças conseguia diferenciar conjuntos com mais ou menos quantidades e identificava elementos grandes e pequenos. Importa esclarecer que algumas das crianças deste grupo já apresentavam um raciocínio e um pensamento lógico mais desenvolvido do que outras.

No que se refere ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, mais concretamente à linguagem oral, na sua maioria, o grupo apresentava um discurso e vocabulário desenvolvidos. Relativamente à escrita, algumas crianças revelam dificuldade em copiar o nome.

No que concerne ao domínio da Educação Artística, nomeadamente, ao subdomínio das Artes Visuais, o grupo demonstrava, geralmente, interesse em atividades relacionadas com esta área, mais concretamente no manuseamento de diferentes materiais e na utilização de diferentes técnicas de expressão plástica, nomeadamente: desenho, pintura, recorte e colagem, modelagem, entre outros. De todas estas técnicas, o recorte era aquela em que o grupo, no geral, apresentava maiores dificuldades. Quanto ao desenho, no geral, as crianças encontravam-se na fase operatória, mais concretamente a fase pré-esquemática. Os seus desenhos eram dispersos, evidenciando pouca noção das relações espaciais, sendo que o grafismo da figura humana tendia a evoluir. Ainda dentro deste domínio, mas no que diz respeito ao subdomínio do jogo dramático/teatro, todo o grupo de trabalho demonstrava muito interesse e gosto, sendo que todas as crianças revelavam, de um modo exemplar, um certo à vontade no jogo de “faz-de-conta”, especialmente na área da casinha. Quanto ao subdomínio da Música, as crianças apresentavam grande interesse em ouvir e reproduzir canções, que memorizavam com muita facilidade.

3) **Área do Conhecimento do Mundo:** algumas crianças mostravam grande interesse por novos assuntos e temáticas, revelando-se também curiosas. Neste contexto, e no que respeita ao desenvolvimento socio emocional do grupo, especialmente as crianças que frequentavam aquele Jardim de Infância pela primeira vez, apresentavam determinadas lacunas nas regras de convivência na sala de atividades e de bem-estar social.

2.2.2.1. Caracterização Específica do grupo

A **criança A (5 anos, sexo masculino)** possuía uma linguagem e um discurso com algumas dificuldades, visto que era proveniente do estrangeiro. No entanto, era uma criança participativa nos vários momentos de diálogo e de interação com os colegas e com a Educadora, que o conseguia perceber. Ao nível da escrita, escrevia o seu nome sem o auxílio do seu cartão de identificação e copiava bem a data, por exemplo, em fichas de trabalho. Esta criança revelava algumas dificuldades no âmbito das Artes Visuais, nomeadamente, ao pintar com lápis de cor, apresentava um traço muito forte e pouco controlado, não respeitando os limites das imagens. Gostava de participar nas atividades propostas, porém, fazia-as de forma muito apressada, principalmente quando sabia que, no momento seguinte, poderia ir para a garagem, uma área na qual mostrava muito interesse em brincar.

A **criança B (5 anos, sexo masculino)** apresentava uma linguagem bem desenvolvida, conseguindo expressar-se facilmente nos momentos de diálogo e interação. Já conseguia identificar muitas letras do alfabeto e escrever o seu nome autonomamente, sem o auxílio do seu cartão. No que respeita à Matemática, tinha a noção de alguns números. Por último, mas não menos importante, esta criança possuía uma boa motricidade ao nível do recorte, conseguindo recortar pelos limites de linhas retas. Em relação à pintura, pintava com recurso a lápis de cor, mas não preenchia toda a imagem.

A **criança C (5 anos, sexo masculino)** apresentava um bom discurso, mas tinha algumas dificuldades na escrita do seu nome e na escrita de alguns números. Esta criança acabava, por vezes, por se distrair facilmente com alguns dos seus colegas. Executava o recorte com alguma facilidade e demonstrava interesse em participar nas atividades. Por vezes, revelava alguma dificuldade em respeitar as regras estabelecidas, tanto dentro como fora da sala de atividades.

A **criança D (5 anos, sexo feminino)** demonstrava uma linguagem bem desenvolvida, articulada e coerente, expressando-se com facilidade nos vários momentos de diálogo e interação. Porém, era muito faladora, distraía-se e distraía o restante grupo, especialmente durante o acolhimento. Conseguia reproduzir o seu nome sem a utilização do seu cartão de identificação. Apresentava uma boa memória no domínio musical. No que diz respeito ao domínio da Matemática, reconhecia e copiava alguns números. Relativamente às atividades de exploração das Artes Visuais, recortava com facilidade

em linhas retas e demonstrava interesse no geral. Por vezes, revelava alguma dificuldade em respeitar as regras estabelecidas na realização dos seus trabalhos.

A **criança E (5 anos, sexo feminino)** demonstrava uma linguagem bem desenvolvida, articulada e coerente, expressando-se com facilidade nos vários momentos de diálogo e interação. Conseguia reproduzir o seu nome sem a utilização do seu cartão de identificação. Esta criança apresentava uma boa memória relativamente aos acontecimentos ocorridos dentro da sala de atividades, que lhe permitia, por vezes, fazer uma breve revisão daquilo que era abordado com a Educadora. No que diz respeito ao domínio da Matemática, esta criança reconhecia e escrevia, com facilidade, alguns números e conseguia realizar algumas atividades relacionadas com o pensamento lógico. Relativamente às atividades de exploração de Artes Visuais, recortava com facilidade, apresentando um bom recorte em linhas retas. No entanto, esta criança, por vezes, no que diz respeito, mais concretamente, à socialização, demonstrava alguma dificuldade em aceitar as opiniões de outras crianças e acabava por chorar.

A **criança F (5 anos, sexo feminino)** apresentava um discurso bem desenvolvido, nos vários momentos de diálogo e de interação. No que diz respeito ao domínio da Matemática, identificava e escrevia os números. Era uma criança que conseguia escrever o seu nome sem o auxílio do cartão. Revelava um interesse e um gosto particular por realizar as atividades no âmbito das Artes Visuais, terminando os seus trabalhos, atempadamente e respeitando as técnicas, sem qualquer dificuldade.

A **criança G (5 anos, sexo masculino)** possuía um discurso bem desenvolvido, nos vários momentos de diálogo e de interação. Ao nível da escrita, conseguia escrever o seu nome sem a ajuda do seu cartão de identificação. Ainda assim, escrevia algumas letras em “espelho”. No âmbito da Matemática, esta criança sabia contar e escrever alguns números. Ao nível das Artes Visuais, demonstrava interesse, em geral, na realização das atividades, apesar de revelar alguma dificuldade em recortar linhas retas

A **criança H (5 anos, sexo feminino)** só iniciou a frequência no Jardim de Infância no dia 2 de novembro, demonstrando necessidades educativas especiais. Revelava dificuldade ao nível da linguagem, da atenção e da concentração. Foi feita uma proposta para uma avaliação especializada.

A **criança I (5 anos, sexo masculino)** revelava necessidades educativas especiais (NEE), mais especificamente, transtorno do espectro autista. Não apresentava uma linguagem muito desenvolvida, revelava dificuldade em comunicar em grande grupo e demonstrava muitas dificuldades em expressar-se e em interagir com o restante grupo.

Caracterizava-se por ser uma criança que se isolava dos seus colegas, pelo facto de não querer participar nas atividades, e revelava pouco interesse em participar nas atividades desenvolvidas em grande grupo. Contudo, quando queria, conseguia fazer o seu nome sem o auxílio do cartão, apesar de na escrita ser ainda um pouco inseguro. Esta criança conseguia identificar alguns elementos relacionados com o conhecimento do mundo, nomeadamente, as cores, os animais e todas as letras do abecedário, ordenadamente e nomeando-as em português e inglês. No domínio da Matemática, fazia contagens, somas, conhecia e escrevia alguns números. Executava o recorte de linhas retas com apoio. Recebia apoio do ensino especial duas vezes por semana com a duração de noventa minutos.

A **criança J (5 anos, sexo masculino)** possuía um bom desenvolvimento no seu discurso, nos vários momentos de diálogo e de interação. Ao nível da leitura e da escrita, era uma criança que já sabia escrever o seu nome sem o auxílio do cartão. Além disso, apresentava um bom reconhecimento e escrita dos números, bem como de algumas letras do abecedário. Ao nível das Artes Visuais, esta criança conseguia pegar bem no lápis de cor e revelava gosto e cuidado ao realizar os seus trabalhos. Geralmente, era uma criança que se mostrava empenhada e entusiasmada na realização das tarefas. No entanto, revelava alguma dificuldade em respeitar as regras estabelecidas na sala e no recreio.

A **criança K (5 anos, sexo masculino)** apresentava uma linguagem e discurso bem desenvolvidos. Escrevia o seu nome com auxílio e possuía algumas dificuldades na escrita e na identificação de alguns números. Estes aspetos podiam ser evidenciados, por exemplo, em fichas de trabalho. No que se refere às Artes Visuais, era uma criança que necessitava de algum apoio no recorte em linhas retas. No entanto, adquiria os conhecimentos com alguma facilidade, mostrando-se entusiasmada e com iniciativa para a elaboração das atividades propostas. Contudo, distraía-se com alguma facilidade e demonstrava alguma dificuldade em terminar os seus trabalhos.

A **criança L (4 anos, sexo feminino)** possuía uma linguagem e um discurso bem desenvolvidos. Esta criança escrevia o seu nome sem recurso ao seu cartão de identificação, recorrendo apenas, por vezes, para a sua verificação. Na Matemática, revelava ainda alguma dificuldade na escrita de alguns números. No que concerne à área das Artes Visuais, não apresentava dificuldades no recorte em linhas retas, gostava e tinha interesse pela pintura. Geralmente, era uma criança muito atenta, possuindo alguns conhecimentos essenciais, tendo em consideração a sua faixa etária. Para além disso,

demonstrava algum empenho e dedicação em relação à elaboração das atividades propostas.

A **criança M (5 anos, sexo feminino)** possuía uma linguagem e um discurso bem desenvolvidos, não revelava dificuldade em escrever o seu nome. Executava um bom recorte em linhas retas. Possuía um gosto e interesse particulares na realização de algumas atividades relacionadas com as Artes Visuais. Contudo, era distraída, conversadora e revelava muita dificuldade em respeitar as regras da sala.

A **criança N (5 anos, sexo feminino)** conseguia ter um pensamento lógico relativamente ao que queria dizer, mas apresentava muita dificuldade na articulação correta das palavras. Por vezes, apresentava muitas dificuldades em pronunciar algumas palavras, sendo necessário corrigi-la, pedindo-lhe para repetir, de modo a pronunciá-las, de uma próxima vez, corretamente. Foi-lhe proposta uma avaliação para terapia da fala. Ao nível da escrita, escrevia o seu nome com o auxílio do seu cartão de identificação, por exemplo, na escrita da sua identificação em fichas de trabalho. No que se refere ao subdomínio da Matemática, revelava ainda algumas dificuldades, no geral. No que diz respeito às Artes Visuais, esta criança não apresentava dificuldades no recorte de linhas retas e apresentava cuidado e gosto na realização dos seus trabalhos. Na expressão dramática, esta criança revelava muito interesse no jogo de faz-de-conta, na área da cozinha. Apresentava muito bom comportamento, cumprindo sempre as regras da sala.

Por último, mas não menos importante, **a criança O (5 anos, sexo feminino)** apresentava uma linguagem e um discurso desenvolvidos. Conseguia escrever o seu nome sem auxílio do cartão de identificação, utilizando-o apenas para verificar se o havia escrito bem. Esta criança conseguia identificar a maioria das letras do alfabeto, apresentando alguns conhecimentos apropriados para a sua faixa etária. No que se refere ao domínio da Matemática, reconhecia e copiava os números com facilidade. No âmbito da Música, era uma criança que não demonstra muito gosto por esta área, pois, em contexto de observação, verificámos que não costumava cantar as canções ensinadas na sala de atividades pela Educadora e pelos Estagiários. Apresentava alguma teimosia na realização das tarefas propostas. Demonstrava ser um pouco insegura e, por vezes, pouco cuidadosa com o seu trabalho.

2.2.2.2. As rotinas do grupo de crianças

No que se refere à organização do tempo, a rotina iniciava-se, diariamente, logo pela manhã, com o acolhimento no tapete. Numa primeira fase, era nomeado o chefe do dia, tendo em consideração a ordem alfabética. A criança escolhida era responsável por algumas tarefas, tais como: o preenchimento do quadro de presenças de todas as crianças, a contagem do número de crianças presentes e ausentes, bem como a marcação do estado do tempo, dos dias da semana e do mês, e ainda da estação do ano em que nos encontrávamos (caso esta estação se alterasse tendo em conta as datas previstas do calendário). De seguida, partilhavam e trocavam algumas ideias e experiências sobre acontecimentos ocorridos no percurso escolar e pessoal e cantavam a canção do “Bom Dia” e outras que eram escolhidas na altura e que variavam consoante os temas a explorar.

Numa fase subsequente, a Educadora introduzia a temática que ia explorar com as crianças, normalmente, com uma história, a partir de diversas abordagens, nomeadamente, sequências de imagens, entre outras. Logo após o momento do conto, a Educadora realizava, por norma, o seu reconto, através de diferentes estratégias, como o diálogo, fazendo com que as crianças participassem, de um modo equitativo, neste momento. Importa salientar que, por vezes, a Educadora titular iniciava alguma atividade, dependendo do tempo que faltava para a hora do intervalo que se fazia de seguida. Por volta das dez horas, as crianças procediam à higienização das mãos e seguiam para o lanche. Este intervalo decorria até às onze horas.

Após o intervalo, as crianças desinfetavam as mãos e efetuavam atividades mais orientadas, tendo em conta a temática que se estava a abordar, trabalhando e desenvolvendo, ao mesmo tempo, as competências que se pretendiam explorar e desenvolver, consoante as suas idades. Por volta das doze horas, as crianças procediam à higienização das mãos e seguiam para o almoço. Este intervalo era mais prolongado e decorria até às treze e trinta minutos.

Este horário foi ajustado, para que pudesse haver dois turnos, medida tomada por uma questão de precaução, devido à fase pandémica provocada pela Covid-19. Quando as crianças regressavam deste último intervalo, desinfetam as mãos e dirigiam-se novamente para as mesas de trabalho. Durante este período, faziam uma sessão de relaxamento, na qual a Educadora deixava tocar uma música relaxante no computador e circulava por todas as crianças, acariciando-as.

No período da tarde, as crianças voltavam a realizar uma atividade mais orientada, ou terminavam o que tinham iniciado no período da manhã, em pequeno grupo. À medida que fossem acabando as atividades, podiam ir brincar, livremente, para uma das áreas disponíveis na sala de atividades. De seguida, ao finalizarem as atividades, as crianças arrumavam e organizavam todo o espaço da sala de atividades. Numa fase posterior, organizavam-se, com a ajuda do chefe do dia, de forma que cada criança pudesse recolher todos os seus pertences. As atividades concluíam-se por volta das catorze horas e quarenta e cinco minutos, altura em que, em fila, se deslocavam até à saída.

2.3. Caraterização das Educadoras de Infância entrevistadas

Depois de apresentados e caraterizados os contextos onde decorreu o Estágio Pedagógico I, consideramos ser também importante caraterizar as cinco Educadoras de Infância que entrevistámos no contexto do estudo empírico que realizámos. O objetivo principal destas entrevistas era compreender quais as conceções e opiniões destes profissionais sobre o papel das Artes Visuais nas aprendizagens das crianças no ensino presencial e no ensino à distância, contexto este que nos interessava relacionar com a nossa própria ação educativa, com as nossas expetativas e dificuldades, com a forma como nos dedicámos ao aprofundamento desta temática no presente Relatório.

No Quadro que se segue, apresentamos, em traços gerais, uma breve caraterização das Educadoras de Infância que entrevistámos (ver Quadro 1). Por questões de natureza ética que se prendem com a garantia do anonimato dos participantes no nosso estudo, foram utilizados pseudónimos para nomear as docentes que entrevistámos.

Quadro 1 - Caraterização dos Educadores de Infância Entrevistados

Entrevistados	Idade	Tempo de Serviço	Estabelecimento	Idade das Crianças
Cátia	26	1 ano	Privado	3 anos
Xana	37	5 anos	Privado	3 aos 5 anos
Beatriz	40	15 anos	Privado	2 aos 3 anos
Carla	40	15 anos	Privado	4 aos 5 anos
Tânia	40	16 anos	Privado	4 meses a 2 anos

Tal como nos é dado a perceber através da leitura do Quadro, foram entrevistadas cinco Educadoras de Infância, em várias fases das suas carreiras, todas elas a exercer a

sua atividade em escolas do ensino particular. Interessa-nos realçar que este não era o nosso objetivo inicial, pois interessava-nos ter tido uma amostra mais diversificada, quer no que respeita ao tempo de serviço docente das entrevistadas, quer no que respeita à variedade de contextos de ensino de origem, contemplando também escolas do ensino público. No entanto, por razões de vária ordem, que se prenderam com a disponibilidade dos docentes que contactámos e com o tempo limitado que tínhamos disponível para a realização deste estudo, não nos foi possível atingir tal propósito.

Ao caracterizarmos as Educadoras de Infância que entrevistámos, tentámos ir mais além procurando saber algumas particularidades acerca da sua formação inicial ao nível das Expressões Artísticas, mais especificamente no âmbito das Artes Visuais, assim como as conceções que estas tinham acerca da importância desta área de expressão na aprendizagem das crianças. Estes e outros dados serão aprofundados no último ponto deste Capítulo.

2.4. A Ação Educativa na Educação Pré-Escolar

Esta prática pedagógica foi desenvolvida ao longo de sete intervenções, sendo que quatro delas foram individuais, duas em regime presencial e duas *online*, e três em conjunto com o nosso colega de estágio, duas em regime presencial e uma *online*.

Importa realçar que todas as atividades planeadas seguiram uma lógica sequencial e, mais importante que tudo, apresentam um conjunto diversificado de potencialidades para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, a vários níveis. No entanto, a manipulação dos materiais e as respetivas estratégias tiveram em consideração as regras impostas pela Direção Geral da Saúde, que se encontravam em vigor nos estabelecimentos de ensino, devido à fase pandémica que se instalara na altura. Neste sentido, muitas das estratégias desenvolvidas tiveram como ponto de referência o trabalho individual, o trabalho em grande grupo e, pontualmente, o trabalho a pares.

Nesta ordem de ideias, apresentaremos, de uma forma generalizada, as atividades desenvolvidas ao longo do Estágio I, tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE).

O quadro que se segue (ver Quadro 2) enumera todas as atividades implementadas, de forma cronológica, ao longo das sete intervenções, identificando as respetivas áreas/domínios/subdomínios aprofundados. Tal organização servirá de base para a realização de uma descrição e análise global de toda a ação educativa que desenvolvemos

ao longo deste estágio pedagógico, quer no regime presencial, quer na modalidade de ensino que foi desenvolvida *online*.

Quadro 2 - Síntese das Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar

Atividades				Áreas/Domínios/Subdomínios										
Intervenções	Calendarização	Descrição		Formação Pessoal e Social	Conhecimento do Mundo	Domínios								
						Ling. Oral e Abord. à Escrita	Matemática	Educação Física	Subdomínios					
									Artes Visuais	Dança	Música	Dramatização		
1.ª Intervenção (Presencial)	4 de novembro	A1	Exploração da História “a de Alice”											
		A2	Introdução aos “cartões de identificação”											
		A3	Exploração “A minha letra inicial” – Meu álbum”											
		A4	Exploração “Árvore de Outono com a minha primeira letra”											
	5 de novembro	A5	Exploração da canção “O meu nome é Ana. Qual é o teu?”											
		A6	Exploração “O meu Retrato” – Meu álbum”											
		A7	Exploração do Cartaz “O meu primeiro nome”											
		A8	Exploração “O número de letras do meu nome” – Meu álbum”											
		A9	Exploração “O meu nome”											
	6 de novembro	A10	Exploração “O meu primeiro nome em plasticina”											
		A12	Exploração do cartaz “O meu nome completo” – Meu álbum”											
		A13	Exploração “O número de palavras do meu nome”											
	2.ª Intervenção	23 de novembro	A14	Exploração da História “Fila dos números de 0 a 5”										
A15			Introdução e exploração “Vamos Contar”											

	14 de dezembro	A73	Preparação e confecção das bolachas “Broas de Mel”																			
	15 de dezembro	A74	Exploração da história “A avozinha que comeu os símbolos de Natal”																			
		A75	Exploração – Decoração dos símbolos de Natal																			
	16 de dezembro	A76	Exploração – Árvores de Natal (relações de semelhança e diferença quantitativa)																			
		A77	Exploração – Natal (relações de semelhança e diferença quantitativa)																			
4.ª Intervenção (Presencial)	4 de janeiro	A78	Visita às novas instalações (mudança de escola)																			
		A79	Desenho livre “A minha escola nova”																			
		A80	Exploração Som R – dicionário ilustrado																			
	5 de Janeiro	A81	Exploração trava-línguas “O Rato Roeu a Rolha”																			
		A82	Jogo – As orientações																			
		A83	Jogo – “Bingo dos R’s”																			
		A84	Exploração – Pintar letra R																			
		A85	Exploração – Letra R																			
	6 de Janeiro	A86	Jogo – “O Rei Manda”																			
		A87	Exploração do vídeo “Os Três Reis Magos”																			
		A88	Exploração – Labirinto “O caminho dos três Reis Magos”																			
		A89	Exploração Decoração da Coroa																			
5.ª Intervenção (Online)	18 e 19 de janeiro	A90	Visualização do vídeo da história “Elmer”																			
		A91	Exploração da história - Sequência de imagens																			
		A92	Explorar letra e som E “Caça da letra E”																			
		A93	Exploração do Alfabeto Corporal “Palavra Elmer”																			
		A94	Música e canção – “Elmer”																			
		A95	Exploração “Cria o teu elefante”																			
		A96	Puzzle do elefante “Elmer”																			
		A97	Explorar <i>link</i> Conhecer o habitat dos elefantes																			
6.ª Intervenção (Online)	25 a 29 de janeiro	A98	Visualização do vídeo da história “Mudança da Gatinha Egoísta”																			
		A99	Exploração Origami Rosto de Gato																			
		A100	Explorar <i>link</i> (Curiosidades do animal Gato)																			

	A101	Introdução – Frases com a palavra Gata/Gato										
	A102	Visualização do vídeo “Formas Geométricas”										
	A103	Exploração Formas Geométricas										
	A104	Exploração - Percurso										
	A105	Exploração Labirinto “Gato”										
	A106	Visualização e exploração “Os contrários”										
	A107	Exploração – “À procura da palavra Amigo”										
	A108	Desenho “Feliz dia das Amigas”										
	A109	Visualização e exploração da música e canção “Amizade”										
	A110	Visualização e exploração Dança e cria um postal “Surpreende o teu Amigo”										
	A111	Visita ao Parque Urbano – Observar as árvores no Inverno										
	A112	Visita ao Parque Urbano – Observar os Melros										
	A113	Desenho livre da visita ao Parque Urbano										
7.ª Intervenção Proposta (Online)	A114	Visualização da vídeo história – “Os Ovos Misteriosos”										
	A115	Visualização e exploração – “Decora o bolo com os diferentes petiscos”										
NOTA: As atividades A43, A46 e A47 foram dinamizadas ao longo de vários dias.												

De acordo com a tabela apresentada, observamos que foram dinamizadas, no total, 115 atividades, que possibilitaram o desenvolvimento de diversas capacidades em várias áreas de conteúdo para a Educação Pré-Escolar. Para facilitar a leitura e compreensão da tabela onde sistematizámos toda a nossa ação educativa, utilizámos a cor verde-escuro para assinalar a área que esteve em foco em cada atividade e cor verde-claro para as áreas que lhes estiveram associadas. Na coluna das atividades, sinalizámos a azul todas aquelas que convocaram as Artes Visuais e que aprofundaremos um pouco mais adiante.

Numa análise global à tabela, vimos que ao longo do estágio foram desenvolvidas, com maior frequência, atividades que se inseriram nas áreas/domínios/subdomínios da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, da Matemática e das Artes Visuais. Com menos frequência, foram desenvolvidas atividades na Formação Pessoal e Social e no Jogo Dramático/ Teatro.

Tendo em conta as atividades desenvolvidas, optámos por sintetizá-las focando-nos naquelas que achámos, de alguma forma, mais relevantes, tendo em conta a temática que

decidimos aprofundar neste trabalho e as principais dificuldades e desafios encontrados durante a sua dinamização. Por outro lado, para facilitarmos a percepção das atividades apresentadas em relação à tabela apresentada anteriormente, iremos identificá-las com o mesmo número com que aparecem identificadas na Tabela. Tal metodologia de análise permitirá ainda que se compreendam as áreas/domínios/subdomínios em foco em cada atividade, bem como aquelas que lhe foram associadas. Assim sendo, passaremos a uma breve análise de cada intervenção na nossa ação pedagógica desenvolvida na Educação Pré-Escolar.

A **primeira intervenção presencial** foi realizada individualmente e decorreu entre os dias 4 e 6 de novembro. O tema principal destes três dias de intervenção foi a “A identidade”, mais concretamente, “O nome e o nome completo”, de forma a que cada criança pudesse explorar um recurso que intitulámos de “Meu Álbum” - um projeto para todo o ano letivo, visto que foi possível agrupar várias atividades individuais de várias áreas/domínios/subdomínios, que foram realizadas por nós e pela Educadora Cooperante.

Neste sentido, de forma de introduzir a temática em questão (“O nome”), foi explorada a história, “a de Ana” (A1), uma estratégia que era muito familiar na rotina das crianças, visto que, como sabemos, a “leitura de histórias é uma atividade muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica” (Mata, 2008, p. 78). Assim sendo, as crianças apreciaram o livro, tendo estado muito atentas a todas as suas imagens. De seguida, através do reconto, reparámos que quase todas as crianças souberam identificar, de forma correta, as personagens e os espaços das mesmas. Ainda assim, algumas delas sentiram dificuldades em identificar a personagem “acrobata” e a fruta “alperce”, visto que desconheciam estes termos. Deste modo, tivemos de explicá-los por outras palavras e reforçar a visualização da imagem correspondente, de modo que as crianças aumentassem o seu vocabulário e os seus conhecimentos.

De seguida, para explorar os nomes próprios, partimos de uma parte da história. Através de uma máquina fotográfica, feita por nós, e de forma a captar a atenção das crianças, tirámos fotografias a cada uma delas. De seguida, mostrámos a fotografia de cada criança, de forma a identificarem-se e nomearem o seu primeiro nome. Foi um momento muito interessante, visto que as crianças ficaram curiosas e surpreendidas. Neste seguimento, foram criados os cartões de identificação (A2), onde as crianças tiveram de colar a sua fotografia e identificar a primeira letra do seu primeiro nome

através das letras magnéticas. Foi uma atividade desenvolvida com sucesso, visto que as crianças souberam identificar a sua fotografia, bem como a letra correspondente.

Outra atividade realizada foi “A minha letra inicial” (A3), que consistia na exploração de uma ficha de trabalho individual a colocar no “Meu álbum”. Nesta atividade cada criança pintou e personificou livremente a primeira letra do seu nome acrescentando-lhe olhos, braços, pernas... Esta foi uma atividade realizada em grande grupo, sendo que não requeria tanta concentração por parte das crianças, mas sim que estas fossem livres e criativas, pois, como sabemos, “a exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual” (Ministério da Educação, 2004, p. 89).

Quanto à atividade “Árvore de outono com a minha primeira letra” (A4), mais uma atividade para o “Meu álbum”, esta foi elaborada com as letras magnéticas existentes na sala. As crianças carimbavam livremente a copa da árvore em tons de outono (amarelo, castanho, laranja e vermelho). Esta atividade começou por não correr tão bem pois, ao utilizarem as letras magnéticas na estampagem, as letras por vezes ficavam em espelho. Identificado o problema, alertámos de imediato as crianças para pintarem e estamparem utilizando o lado oposto das letras.

Como forma de reforçar a temática do “nome”, optámos por cantar uma canção muito expressiva, intitulada “O meu nome é Ana. Qual é o teu?” (A5). Foi cantada com alguma expressividade ao mesmo tempo que apontávamos para cada criança de forma que cada uma pudesse responder o seu primeiro nome. Optámos por esta estratégia conscientes de que, tal como defende Gordon (2000) “cantar, mover-se e ouvir música em tenra idade parece ser benéfico para um bom desenvolvimento linguístico, assim como para o desenvolvimento musical” (p. 308). Importa ainda realçar que a canção é uma forma agradável de fornecer a base de conhecimento prévio para a aprendizagem, pois pode ser utilizada para promover o interesse por um dado tema ou uma determinada área. Queremos com isto dizer que, a partir da exploração de uma canção, a aprendizagem é mais fácil e mais rica, pois o interesse da criança é estimulado. Isto verificou-se na atividade em causa, uma vez que as crianças aprenderam a canção com muita facilidade e estavam sempre a cantá-la na sala, durante a realização das atividades ao longo do dia e mesmo no recreio, pelo que ficámos muito satisfeitas. Pudemos observar que uma semana depois da aprendizagem da canção, as crianças ainda se lembravam da sua melodia, o que significa que a mesma ficou na sua memória.

Ainda neste dia, foi também desenvolvido “O retrato” (A6), uma atividade individual na qual as crianças desenharam e pintaram o seu autorretrato e preencheram o quadro com o seu primeiro nome, recorrendo ao auxílio do cartão de identificação realizado no dia anterior. Pudemos apurar que algumas das crianças já sabiam desenhar/escrever o seu primeiro nome sem auxílio do cartão. Neste contexto, importa salientar que, “aprender a escrever o seu nome tem um sentido afetivo para a criança, permitindo-lhe fazer comparações entre letras que se repetem noutras palavras e aperceber-se de que o seu nome se escreve sempre da mesma maneira.” (Silva et al., 2016, p. 70). Nesta linha de pensamento, foi realizada a exploração do cartaz “O meu primeiro nome” (A7), para fixar na sala e, de seguida, “O número de letras do meu nome” (A8). Ambas as atividades requereram mais orientação por parte dos estagiários. A atividade (A7), mais especificamente, consistia na exploração de um quadro em cartolina que continha as fotografias e, à parte, os cartões com os nomes próprios de cada uma das crianças. Estas teriam de identificar o seu nome, cortar cada uma das suas letras que se encontravam num retângulo e colar corretamente, de forma que a criança pudesse, de seguida, fazer a sua respetiva contagem. Como sabemos, “a criança, além de ser capaz de reproduzir oralmente a sequência dos numerais, toma consciência da relação de ordem existente entre eles (5 é mais do que 4; 6 é mais do que 5)” (Silva et al., 2016, p. 76).

Para dar continuidade à elaboração do “Meu álbum”, as crianças realizaram o registo da atividade “O número de letras do meu primeiro nome” (A8). Neste dia, optámos por uma nova estratégia, ou seja, as crianças puderam trabalhar em diferentes atividades ao mesmo tempo: três mesas de crianças ficaram com uma atividade mais livre, não requerendo tanta orientação e, na quarta mesa, desenvolveu-se uma atividade mais orientada. Verificou-se assim um ambiente mais calmo e silencioso, no qual as crianças se concentraram muito mais no seu trabalho. É importante realçar que esta estratégia se torna muito exigente para quem está a orientar, pois requer muita observação, como também depende do grupo de crianças. Ainda assim, é de salientar que fomos elogiadas pela Educadora Cooperante pelo sucesso da opção tomada.

Outra atividade também desenvolvida foi uma ficha de trabalho mais dinâmica, “O meu nome” (A9) – mais uma atividade para o “Meu álbum”. Esta atividade, desenvolvida em pequeno grupo, consistiu na “procura” das letras do seu primeiro nome em revistas, jornais, folhetos... Recortaram as letras, colaram pela ordem correta e, por fim, copiaram o nome. As restantes crianças estavam a explorar as diferentes áreas da sala, numa brincadeira mais livre.

Por fim, foi explorado o nome completo de cada criança. Foi dado a conhecer o nome completo de cada criança, de forma que estas o pudessem repetir, pronunciando-o corretamente e fazendo a contagem do número de palavras pelos dedos. Nesta sequência, foi realizada a exploração do cartaz “O meu nome completo” (A11), numa lógica muito semelhante àquela que utilizámos para a atividade apresentada anteriormente (A7). Importa referir que houve uma breve exploração da diferença entre letra e palavra. Ainda assim, e porque houve duas crianças que demonstraram essa dúvida, foi feita uma explicação mais individualizada, as dúvidas foram ultrapassadas e elas realizaram a atividade com sucesso. Neste seguimento, foi realizada mais uma atividade para o “Meu álbum”, que consistiu no registo do número de palavras do nome completo de cada criança, através da ficha de trabalho individual (A12).

Feita uma exploração em grande grupo das atividades (A7) e (A11), as crianças chegaram à conclusão de que havia nomes próprios longos e nomes próprios curtos, como também havia nomes completos mais longos e outros mais curtos.

No final desta primeira intervenção individual, a Educadora Cooperante salientou que havia sempre melhorias a fazer. No entanto, realçou a calma que acompanhou o nosso desempenho durante toda a ação educativa desta primeira intervenção, bem como a o facto de os conteúdos estarem bem definidos e articulados entre si, apesar de termos entendido não seguir a sequência didática à risca.

A **segunda intervenção presencial** foi realizada individualmente e decorreu entre os dias 23 novembro e 3 de dezembro. Os temas principais destes oito dias de intervenção foi a “Os numerais de 1 a 5” e o “Natal” (com a elaboração de um postal e de um presente). A escolha destes temas teve por base o Plano Anual de Atividades da escola e o período de observação desenvolvido neste grupo de crianças, pois possibilitou a identificação de algumas dificuldades na escrita dos numerais de 1 a 5, bem como o interesse no subdomínio das Artes Visuais por parte daquele grupo. Assim sendo, o subdomínio das Artes Visuais foi o mais privilegiado nesta intervenção, ao qual se associou o domínio da Matemática e a Área do Conhecimento do Mundo.

Neste sentido, como ponto de partida desta temática foi explorada a história “Fila dos números” (A13), uma pequena dramatização com os numerais animados de 0 a 5. Numa fase posterior, as crianças souberam recontar a história e identificar os numerais de 0 a 5 de forma correta, sem qualquer dificuldade. Também é de realçar que este foi um momento que nos surpreendeu, pela positiva, pois apesar de ser uma história pequena que retratava a sequência numérica, o grupo ficou muito atento e interessado, visto que a

dramatização era uma estratégia diferente e pouco utilizada. Para além disso, nos dias seguintes, as crianças ao formarem a fila para o almoço ou na hora da saída comentavam o comportamento dos vários números na fila, tal como foi explorado na história. Interessante será notar-se que o grupo, talvez por isso, melhorou o seu comportamento na fila.

Outras das atividades desenvolvidas nesta semana foi criar o “Livro dos Números”, sendo este composto por um conjunto de diversas atividades individuais (A20, A28, A37, A45 e A54), em diferentes dias, de maneira que as crianças identificassem e desenhassem /escrevessem de forma correta os números 1, 2, 3, 4 e 5. Pretendíamos ainda que manuseassem diferentes materiais, nas experiências desenvolvidas nas três dimensões (abstrato, pictórico e concreto). Ao interligarmos a Matemática com o subdomínio das Artes Visuais, as crianças puderam explorar diferentes técnicas de Expressão Plástica (desenho, pintura, estampagem, dobragem e recorte/colagem).

Ainda nesta intervenção, foram desenvolvidas outras atividades de forma a reforçar a aprendizagem no Domínio da Matemática (Números e Operações), tais como a atividade “Vamos Contar” (A15). Nesta atividade as crianças recorreram à contagem e representação dos dedos, à contagem de objetos presentes em contexto de sala, desde os blocos de madeira, os lápis de cera e paus de giz, isto porque a contagem é uma das capacidades fundamentais para se explorar o sentido de número. Fizemo-lo conscientes de que, tal como defendem Castro e Rodrigues (2008) “a perceção de valores pequenos sem proceder à contagem é um aspeto importante no desenvolvimento do sentido de número, porque permite a construção de relações mentais entre números” (p. 22). Ainda neste particular, também Moreira e Oliveira (2003) sublinham que as crianças, através de experiências com atividades de contagem, vão adquirindo confiança e predisposição para estabelecer relações numéricas. Relações como *mais do que*, *menos do que*, e *igual a* são fundamentais para a compreensão global do número, contribuindo para facilitar a comparação numérica e a interiorização da ordem de grandeza dos números.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “tanto o brincar com materiais (areia, plasticina, blocos, etc.), como o jogo dramático, que envolve a criação de uma situação imaginária (compra numa loja, pôr a mesa, etc.), contribuem para a aprendizagem da matemática (Silva et al., 2016, p. 75).

Nesta ordem de ideias, e por forma a que as crianças, no geral, pudessem superar as suas dificuldades no desenho/escrita dos números foi realizada a atividade “Percurso do carro no número 1, 2, 3, 4 e 5” (A17, A25, A34, A42 e A51), em diferentes dias da

semana. Esta atividade era explorada em diferentes folhas A3 com o desenho de cada número, onde a criança tinha de seguir o percurso do com o carro (brinquedo) como se de uma estrada se tratasse, por forma a aprender o ponto de partida e o ponto de chegada, tomando assim consciência do registo gráfico a adotar aquando da escrita do número. Esta foi uma atividade bastante produtiva, na qual cada criança foi superando as suas dificuldades no desenho/escrita dos numerais. Como complemento desta atividade explorámos uma semelhante, mas recorrendo ao desenho dos números em areia (A18). Nesta atividade, cada criança tinha a oportunidade de explorar uma caixa de areia, na qual lhe era possível praticar a escrita do número explorado em cada dia, número este que era fixado na mesa de cada criança, de forma a servir de modelo. Sem dúvida que foi uma atividade enriquecedora, pois conseguimos obter um olhar mais atento e ajudar cada criança, de forma a corrigir eventuais erros de escrita e superar as suas dificuldades.

Dando continuidade a este leque de atividades, foi feita, também, a exploração da lengalenga “Um, Dois, Três, Quatro...” (A39), uma atividade lúdica que motivou bastante o grupo, ao mesmo tempo que promoveu “o desenvolvimento de importantes capacidades de natureza cognitiva, motora e linguística ou artística, estimulando a criatividade e a imaginação da criança, a sua inteligência e a sua capacidade para comunicar e resolver problemas” (Leal, 2009, p. 3). Importa realçar que a dramatização foi feita com entoação alegre, triste e zangada. As emoções foram assim exploradas de uma forma mais dinâmica por forma a captarmos a atenção das crianças.

Neste seguimento, foi ainda explorada uma quadra de cada número, em cada dia (A16, A24, A33, A41 e A50), de forma a incentivar/reforçar a aprendizagem dos numerais. Com este mesmo propósito, as crianças realizaram um desenho livre, (A19, A27, A36, A44) através do qual tentaram ilustrar cada uma das quadras.

Estas foram algumas atividades desenvolvidas ao longo desta semana com o intuito de proporcionar experiências desafiadoras, que evidenciassem a aplicabilidade da Matemática e a sua relação com outros contextos, potenciando aprendizagens mais significativas. Como sabemos, interligar a Matemática com outras áreas, possibilita um maior interesse e motivação das crianças para a realização das atividades. Como tivemos oportunidade de experimentar, a Matemática pode facilmente ser relacionada com diferentes áreas curriculares como foi o caso da Dramatização (A14), da Música (A30), da Expressão Motora (A56), entre outras, permitindo aprofundar, não só conceitos próprios da Matemática, como também das outras áreas envolvidas, visto que são fontes

de motivação e interesse e constituem tarefas desafiadoras e promotoras de maior concentração e conseqüente compreensão dos conteúdos a explorar.

Relativamente à exploração da temática “O Natal”, esta também foi articulada em simultâneo com o domínio da Matemática, explorando o número de elementos da Sagrada Família (José, Maria e Menino Jesus) (A38). Para além de darmos a conhecer os diferentes elementos da família do Deus Menino, também destacámos a data do seu nascimento, bem como a sua importância para a humanidade.

Foi neste contexto que elaborámos a lembrança de Natal a oferecer à família “O meu presépio de Natal” (A47), uma atividade minuciosa realizada em pequeno grupo, que requereu alguma destreza e concentração por parte das crianças, que se mostraram sempre muito motivadas durante o seu processo de elaboração.

No contexto desta temática, também foi explorada a árvore de Natal/pinheiro, através da canção “Pinheirinho verdinho colorido vai ficar” (A58). Foi explorada a sua simbologia, enquadrada na época natalícia, convocando-se mais uma vez com o domínio da Matemática, através da contagem das bolas de 1 a 20 (A59). As crianças tinham de identificar o número no tronco da árvore e, de seguida, colar o número de bolas que lhe correspondesse (A60). Esta foi mais uma atividade que achámos ser importante implementar, porque envolveu o recorte de linhas retas (do pinheiro), uma tarefa em que o grupo, no geral, havia demonstrado algumas dificuldades. Ainda nesta atividade, foi possível abordar os vários tamanhos das árvores: árvores grandes, médias e pequenas, um conteúdo já anteriormente explorado, que aproveitámos para consolidar.

Outra atividade igualmente desafiadora foi a realização do postal de Natal (A61), onde as crianças trabalharam a contagem dos cinco paus de madeira, de diferentes cores e tamanhos, colocados por ordem decrescente (do maior para o mais pequeno). Ainda no contexto desta atividade, copiaram-se as palavras “Feliz Natal”, com recurso a um modelo, e cobriram-se as letras no pictograma, de algumas palavras da mensagem de Natal. Fizemo-lo conscientes de que, tal como realçam as OCEPE de 1997, “vivendo num meio em que contactam com a linguagem escrita, as crianças, desde muito pequenas, por volta dos 3 anos, sabem distinguir a escrita do desenho” (Ministério da Educação, p. 69).

A **terceira intervenção presencial** decorreu entre os dias 7 a 16 de dezembro, foi realizada em conjunto com o nosso par pedagógico e teve como foco a abordagem à temática do Natal. Assim, focámo-nos essencialmente na área de Expressão e Comunicação, mais concretamente na Dança, à qual associámos a Área do Conhecimento

do Mundo e o subdomínio da Música. Neste contexto, defendemos com Mallmann e Barreto (s.d.) que sendo a

“dança um movimento cinestésico, pode a inteligência ser muito estimulada através da habilidade, visto que a dança é tátil porque se sente o movimento e os benefícios que produz no corpo. É visual porque os movimentos vistos são transformados em atos. É auditiva porque se ouve a música e se domina o ritmo. É afetiva porque a emoção e os sentimentos são demonstrados nas coreografias. É cognitiva porque é preciso raciocinar para adequar o ritmo a coordenação. Finalmente, é motor porque estabelece um esquema corporal” (p. 6).

Neste sentido, as nossas atividades consistiram numa pequena dramatização da “Fábrica dos Brinquedos” (A66) e na dança “Broas de Mel” (A70), atividade esta que ocupou algum tempo, visto que, para além dos ensaios, contemplou também uma filmagem (A72) e uma *performance* apresentada às restantes turmas da Educação Pré-escolar da escola. Esta atividade tinha como principal finalidade ser gravada e enviada por correio eletrónico aos Encarregados de Educação. O resultado final foi um áudio animado, composto pela apresentação de cada criança. Continha uma mensagem do Pai Natal às crianças, a coreografia “Broas de Mel” do grande grupo e ainda uma mensagem natalícia a todas as famílias.

Ainda nesta sequência, achámos oportuno realizar a preparação e confeção das bolachas “Broas de Mel” (A73). Através do pictograma da receita das Broas de Mel, permitimos ao grupo o contacto com letras, imagens e escrita de números. Esta atividade correu muito bem, visto que as crianças estavam interessadas e motivadas em todas as fases do seu desenvolvimento.

Na atividade de decoração do saco para a Oferta de Natal que se seguiu (A71), as crianças decoraram ambos os lados de um saco de papel, explorando assim três técnicas distintas de pintura, a estampagem com stencil da imagem do presépio e a pintura da árvore/pinheiro com lápis de cor, recorrendo também à estampagem com o dedo indicador de modo a representar as bolas de Natal nas diversas cores de tinta. Ainda nesta variedade de atividades relacionadas com a temática em causa, foi feita a exploração e decoração dos símbolos de Natal (A75) para se enfeitar a árvore da nossa sala. Nesta atividade, as crianças tiveram a oportunidade de recorrer às técnicas de pintura, recorte e colagem. Tivemos sempre o cuidado de convocar a área à qual decidimos dar realce no nosso Relatório de Estágio conscientes de que, tal como sublinham Oliveira e Santos (2004) “através da Expressão Plástica, a criança, em contacto com materiais e técnicas

diversificadas, vai poder exprimir e reconstruir o seu mundo interior, estabelecendo, deste modo, uma comunicação e um comportamento ajustado ao meio” (p. 27). A este propósito, Teixeira (1991, citado por Gaspar, 2012) reforça ainda que “permitir que estas crianças explorem livremente técnicas e materiais é ajudá-las no seu processo de autoafirmação” (p. 85).

Finalizámos a abordagem a este tema convocando um novo conteúdo, as relações de semelhança e diferença quantitativa, através da exploração de diferentes tamanhos das árvores de Natal (A76) e na exploração de uma ficha de trabalho (A77). Estas atividades permitiram-nos observar as potencialidades e as dificuldades de cada criança, que procurámos contrariar nas intervenções seguintes.

A **quarta intervenção presencial** decorreu entre os dias 4 e 6 de janeiro e foi realizada em conjunto com o nosso par pedagógico. Esta intervenção assumiu-se como um importante marco no nosso estágio, visto que toda a comunidade educativa onde estávamos inseridas foi transferida para as nossas instalações originais. Neste sentido, achámos oportuno realizar uma visita guiada às novas instalações (A78), de modo que as crianças tivessem conhecimento dos novos espaços, como também das novas regras de utilização dos mesmos. Na sequência desta visita, as crianças realizaram um desenho livre “A minha escola nova” (A79), uma estratégia que privilegiámos ao longo da nossa ação educativa, conscientes de que “a arte deve ser valorizada nas escolas como uma forma de usar sentimentos, a sensibilidade e a compreensão de aspetos vitais que muitas vezes requerem expressão por meios que não são racionais e nem lineares” (Spodek, 2010, p. 352).

Ainda nesta intervenção, foi explorada a temática “Dia de Reis”, o “som e letra R”, como também a exploração de “lateralização e lateralidade”. Assim sendo, foi realizado um dicionário ilustrado alusivo ao “som R” (A80), cuja construção foi feita a partir das ideias das crianças, que começaram por dizer palavras que tinham o “R” como som/letra inicial. Estas palavras foram registadas por nós, de forma que cada criança procedesse ao seu desenho e ilustração. Importa mencionar que este foi um recurso pensado para ficar na área das Letras e Números da sala, uma área que se encontrava em construção.

Outra proposta que despertou muito interesse no grupo foi a realização do “Bingo dos R’s” (A83), sendo esta uma atividade que exigiu alguma concentração e atenção das crianças pois, através da “brincadeira”, conseguimos explorar melhor as sonoridades da letra R.

Ainda em relação ao som/letra R, as crianças desenvolveram duas atividades de mesa. A primeira consistiu no desenho do grafismo desta letra, com o auxílio da estampagem de uma rolha (A84), a segunda foi a realização de uma ficha individual sobre a letra em causa (A85), uma atividade em que a criança teria de circundar as palavras que possuíam esta letra e pintar os objetos, animais e flores, por ela iniciados. Esta foi uma atividade realizada em pequeno grupo que se revelou bastante interessante e produtiva, visto que ficou um registo de um novo conteúdo, aspeto também realçado pela Educadora Cooperante.

De forma a explorar a orientação espacial, foi realizado o jogo “As orientações” (A82), que consistiu em movimentar um rato (brinquedo) partindo de um ponto, nas diversas direções, num cartão com várias imagens. O brinquedo andava para a direita em direção à casa, para a esquerda em direção ao banco de jardim, para cima em direção ao portão e para baixo até ao portão. Sendo este um conteúdo novo, percebemos algumas dificuldades nas crianças, pelo que achámos por bem realizar a atividade “O Rei Manda” (A86). Esta atividade complementar teve como foco a Educação Física, mas associada à Matemática, mais concretamente na exploração de lateralização e lateralidade. Ainda assim, e como o grande grupo mostrou algumas dificuldades na direção esquerda/direita, sinalizámos a mão direita com um X e houve melhorias. Concluídas estas atividades ficámos com a clara consciência de que este seria um conteúdo a reforçar com o grupo.

Por fim, de modo a celebrar o dia de Reis, as crianças tiveram acesso ao vídeo da história “Os três Reis Magos” (A87), numa versão cantada de Alda Fernandes. Após a visualização do vídeo, foram apresentadas ao grupo imagens alusivas às várias partes da história e pedimos que as crianças realizassem o reconto da mesma através da leitura imagética. Esta atividade teve bastante adesão por parte das crianças e foi-nos possível confirmar que as mesmas compreenderam o essencial do que se lhe tinha sido mostrado.

Outra atividade que desenvolvemos no contexto desta temática foi a decoração da coroa (A89). Uma das partes da coroa foi decorada respeitando uma sequência de cores e a outra parte foi decorada livremente. No entanto, percebemos que as crianças não foram muito criativas, pois uma das crianças decorou com o apoio da Educadora Cooperante e todas fizeram igual, mas de cores diferentes. Mais uma vez se realça que, neste tipo de situações, mais do que apresentar modelos, o Educador deve dar condições e espaço para que as crianças usem a sua imaginação e criem as suas produções livremente.

A **quinta intervenção/proposta (online)** decorreu entre os dias 18 e 19 de janeiro, foi realizada em conjunto com o nosso par pedagógico e desenvolvida *online*, na

sequência das diretivas do Governo Regional dos Açores, tendo por base o agravamento da situação pandémica que se instalara na altura.

Nesta intervenção foi explorado o conto “Elmer” do autor David McKee através de um vídeo criado por nós (A90). Neste seguimento foi proposta a atividade “Sequência de imagens da história Elmer” (A91), de modo que a criança realizasse o reconto através da leitura imagética. Para além do reconto, esta atividade permitiu à criança que organizasse as imagens pela ordem que as mesmas surgiam na história. Ou seja, a criança teria de observar e descrever cada imagem e colocá-la por ordem nos retângulos ordenados pelos números de 1 a 5, respeitando a ordem dos acontecimentos da história. Importa mencionar que este recurso foi elaborado em PowerPoint para que a criança pudesse arrastar as imagens para os retângulos numerados, como também em formato de papel, de modo que a criança pudesse recortar as imagens e colá-las nos retângulos numerados. Optámos pela realização desta atividade, pois o grupo em questão aderiu muito bem ao reconto do conto em contexto presencial. Normalmente, sempre que apresentámos um conto, 90% do grupo pedia para recontar. Como já era uma “rotina” do grupo em relação à exploração do conto, planeámos a atividade de modo a proporcionar este momento no ensino à distância, pois entendemos que seria uma forma de a desenvolverem de forma autónoma.

Outra das nossas propostas foi explorar a letra e o som “E”, através da atividade “Caça da letra E” (A92), uma atividade que permitiu que a criança identificasse a letra em causa em objetos e palavras do seu quotidiano, despertando deste modo a curiosidade e atenção para todos os elementos com esta característica que podiam ter em casa. Podiam convocar objetos físicos ou palavras e imagens que encontrassem em revistas, jornais, panfletos, entre outros registos do género.

Também propusemos uma atividade de Educação Física, um domínio muito apreciado pelo grande grupo. Tratava-se de um “Alfabeto Corporal” (A93) que convidava as crianças a exercitarem o corpo através de várias imagens disponibilizadas num “alfabeto corporal” no qual se viam fotografias com as posições corporais criadas por nós. Deste modo, foi proposta a realização de cada letra da palavra Elmer através do alfabeto corporal disponibilizado, como também foi lançado o desafio de experimentarem o mesmo com as letras do seu primeiro nome. Importa ainda referir que com esta atividade o grupo exploraria também o equilíbrio e a flexibilidade.

No domínio da Educação Artística, mais especificamente no subdomínio da Música, foi proposta a exploração uma canção de quatro quadras originais de forma a trabalhar a história “Elmer” (A94). As quadras foram acompanhadas por um áudio com

uma melodia já existente, tendo como resultado final um vídeo, que permitia que as crianças pudessem cantar e dançar a canção “Elmer”.

Para além das atividades anteriormente descritas, propusemos também a elaboração de um elefante com materiais de desperdício que eventualmente as crianças pudessem ter em casa, de maneira que dessem asas à sua imaginação.

Outra atividade foi a elaboração de um *puzzle* do elefante “Elmer” (A96). Para a realização desta atividade foi disponibilizado um documento em *Word* com as várias peças do *puzzle* e foi pedido às crianças que recortassem as imagens e ordenassem as mesmas de modo a construir corretamente a imagem do elefante.

Paralelamente, e com o intuito de proporcionar um momento pesquisa sobre o animal explorado ao longo desta intervenção, o elefante, disponibilizámos um *link* (A97) através do qual, com o auxílio de um adulto, as crianças podiam conhecer melhor o habitat dos elefantes, a sua alimentação, entre outros aspetos.

De um modo global, considerámos que a elaboração desta sequência foi muito desafiadora para nós, pois tratava-se de um método de ensino que nunca tínhamos experimentado e que levantava algumas dúvidas e receios e até incertezas relativamente à sua eficácia e ao *feedback* das crianças, que acabou por ficar muito aquém daquilo que esperávamos. Das quinze crianças do grupo, obtivemos apenas o *feedback* de uma, de quem recebemos duas fotografias da concretização de duas das atividades propostas. Ainda assim, consideramos que conseguimos desenvolver uma boa sequência didática, com atividades interessantes e apelativas, através das quais as crianças poderiam, de forma mais ou menos autónoma, explorar várias áreas do saber.

A **sexta intervenção/proposta (online)** foi realizada individualmente, ainda para o contexto de ensino à distância, com o objetivo de ser explorada pelo grupo no período de 25 a 29 de janeiro. Nesta semana, os conteúdos abordados foram: criar frases a partir de uma palavra dada, diferença entre letras e números, orientação espacial (em cima, em baixo, perto, longe, dentro, fora) e figuras geométricas. Para a exploração dos diversos conteúdos recorreremos a diversos formatos digitais, tais como, vídeos, fichas e pesquisa na internet.

Assim sendo, na Área da Expressão e Comunicação, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, foi explorada a história “A Mudança da Gatinha Egoísta”. A nossa proposta foi baseada num vídeo (A98) com uma variedade de imagens e áudio de forma que as crianças pudessem ver e ouvir facilmente e repetir as vezes que necessitassem. Esta era uma atividade que o grupo de crianças estava habituado a

explorar, bastante rica para o desenvolvimento da criança, tanto na aquisição de novo vocabulário, como no convocar da sua criatividade. Neste contexto, importa realçar que, como as crianças em idade pré-escolar ainda não sabem ler, as ilustrações ganham um papel fundamental, pois são a única maneira que a criança tem de interpretar a história e, mesmo que esta seja contada, vão ajudar no acompanhamento da narrativa. As ilustrações têm diversas funcionalidades, tais como, atrair, cativar, estimular a atenção da criança. O grande grupo revelava muito gosto em ouvir histórias, sendo um dos momentos em que as crianças conseguiam manter mais a sua atenção. Ainda no contexto deste vídeo, foi feito um monólogo, que procurava refletir sobre alguns acontecimentos revelantes da história, de forma a explorar a Área de Formação Pessoal e Social, uma área transversal, que nos interessava também explorar, especialmente a forma como as crianças se relacionam consigo próprias e com os outros, realçando valores como a partilha e o perdão, atitudes essenciais à sua vida em sociedade.

Para além desta reflexão, propusemos que as crianças realizassem diversas atividades, de forma a compreender a história, tais como, identificar e desenhar as suas personagens e copiar os seus nomes. Ainda no final deste vídeo foram apresentadas algumas sugestões, tais como: recontar a história ou desenhar a parte da história que mais gostaram. Estas eram propostas de atividades com as quais o grande grupo estava familiarizado, sendo já uma rotina no ensino presencial, aspeto que vinha também reforçar a seu interesse e a sua autonomia na realização das mesmas.

Uma outra atividade que propusemos foi “À procura da palavra Amigo” (A107), uma atividade que permitia à criança estar em contacto com as diferentes letras. Nesta atividade foi pedido que a criança reconhecesse/identificasse as letras da palavra AMIGO e pintasse corações alusivos a cada letra. Foi ainda possível explorar frases simples a partir da palavra “gato” ou “gata” (A101), para que a criança desenvolvesse a sua oralidade.

Relativamente à atividade “Formas Geométricas” (A102 e A103), no Domínio da Matemática, foi introduzido um novo conteúdo, as quatro formas geométricas básicas: o círculo, o quadrado, o retângulo e o triângulo. Segundo a Educadora Cooperante, algumas das crianças do grupo já tinham alguns conhecimentos sobre este tema, no entanto, achámos por bem elaborar um vídeo com uma breve contextualização, de forma que o grupo pudesse realizar com facilidade as atividades propostas, como por exemplo: fazer corresponder objetos às formas, desenhar objetos de diferentes formas, que tivessem em casa, ou ainda elaborar um gato a partir das formas geométricas básicas. Tínhamos

consciência que esta seria uma atividade desafiadora, ainda assim, decidimos arriscar em propô-la, até porque uma das primeiras características que identificámos neste grupo foi a autonomia que demonstraram no desenvolvimento das suas atividades no ensino presencial.

Dentro do grande leque de atividades propostas foram ainda exploradas as diferentes posições, dentro/fora, longe/perto, subir/descer através do vídeo “Os Contrários” (A106). Na primeira atividade, as crianças tinham de desenhar as figuras da história “A Mudança da Gatinha Egoísta” na posição solicitada, como por exemplo, perto da casa, descer o telhado, etc. Na segunda atividade, a criança tinha de pintar os gatos nas várias posições pedidas. Estas foram, a nosso ver, atividades que proporcionaram o desenvolvimento do pensamento matemático das crianças.

Outra atividade foi a dobragem de papel através do vídeo onde mostrámos os vários passos a desenvolver para elaborar o “Origami rosto de Gato” (A99). Esta atividade consistiu no uso dos dedos para dobrar e vincar as dobras da folha de papel. Importa mencionar que nesta intervenção outras técnicas de Expressão Plástica básicas estiveram presentes, tais como o desenho, a pintura, o recorte e a colagem, em atividades como o desenho “Feliz dia das Amigas” (A108) ou a elaboração do postal da amizade, na atividade “Surpreende o teu Amigo” (A110). Sem dúvida que este era um subdomínio muito apreciado e motivador para o grande grupo que, por esta via, poderia uma vez mais convocar a sua imaginação e desenvolver a sua criatividade, ao mesmo tempo que desenvolvia a sua motricidade fina, competência que, como sabemos, se torna essencial aprofundar nestas idades.

Ainda no contexto desta nossa proposta, foi apresentada uma pequena coreografia com música, de modo a desafiar a criança a realizar uma pequena dança com o seu postal para que pudesse enviar ao seu amigo/a. Nesta atividade, a Dança foi pensada de forma a reduzir o sedentarismo, nesta fase de confinamento. Como sabemos, esta é uma poderosa forma de aumentar os níveis de atividade física das crianças e, simultaneamente, as suas competências psicomotoras. Neste seguimento, foi ainda proposta a atividade “Percurso” (A104), de modo a exercitar alguns deslocamentos, tais como a corrida e o salto. Esta foi uma atividade que procurámos adaptar ao espaço da casa, recorrendo a materiais do quotidiano, desde sapatos e caixas de leite, por exemplo.

Por fim, na Área do Conhecimento do Mundo, foi pedido às crianças que realizassem uma pesquisa através de um blog de 60 curiosidades sobre gatos (A100). Foi uma atividade pensada para que a criança pudesse saber mais um pouco acerca da vida

daquele animal. Ainda nesta área foi sugerido à criança e às suas famílias que se deslocassem até ao Parque Urbano da cidade com o intuito de observarem a natureza, mais concretamente “Observar as árvores no Inverno” (A111), como também “Observar os Melros” (A112), uma ave negra existente nas nossas ilhas, semelhante a um pequeno corvo, uma das personagens da história “Mudança da Gatinha Egoísta”. Esta era uma forma de a criança estar em contato com o ambiente natural, de conhecer o que a natureza oferece. Por fim, de modo a consolidar esta visita, foi pedido à criança um “Desenho livre da visita ao Parque Urbano” (A113).

A **sétima intervenção/proposta online** foi realizada individualmente. Uma vez que não tivemos a possibilidade de voltar ao ensino presencial para finalizar a nossa prática pedagógica, foram feitas duas propostas de atividades interligadas entre si, tendo por base o conto “Os Ovos Misteriosos” de Luísa Bacelar (A114). Assim, foi realizado um vídeo com a narração e imagens da história, como também dezoito propostas de atividades, nas quais a criança era convidada a interpretar e recontar a história. As diversas atividades tiveram em conta as várias áreas do saber, desde a escrita, através do grafismo (o caminho que a mãe Galinha fazia) e da cópia de algumas palavras, mais especificamente, o nome dos animais da história, como por exemplo “Galinha”, “Serpente”, “Crocodilo”, “Pinto”, etc... como também da oralidade, sendo as crianças convidadas a identificar/descrever os petiscos preferidos de cada filho representados no bolo que a mãe Galinha havia feito.

No domínio da Matemática, foi sugerida a contagem de números de 1 a 5, em jeito de consolidação para o grupo em questão, visto que já havia sido explorado noutras intervenções. Neste seguimento, a criança tinha de identificar os cinco ovos e realizar uma operação simples, neste caso a adição. Foi ainda pedido para pintar e decorar todos os ovos. Entendemos que estas seriam atividades lúdicas, em que a criança iria construindo a sua relação com vários domínios, promovendo assim uma prática motivadora, intencional, para potenciar o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem.

Outra atividade proposta foi “Decora o bolo com os diferentes petiscos” (A115) que está inteiramente relacionada com o Domínio da Educação Artística, mais especificamente com o subdomínio das Artes Visuais. Nesta atividade as crianças tiveram a oportunidade de explorar as várias técnicas básicas da Expressão Plástica, tais como a pintura, o desenho o recorte e a colagem. Importa referir, que este recurso foi elaborado em formato *Word*, constituído por um guião à parte, de modo que a criança pudesse seguir as suas indicações com a supervisão de um adulto.

No nosso entender, esta foi uma experiência bastante desafiadora para todos, não apenas para nós, mas também para as crianças e para as suas famílias, que se viram confrontadas com um cenário completamente novo, com limitações várias para muitos daqueles que não foram capazes de nos fazer chegar qualquer *feedback*. Ainda assim, e em jeito de síntese, entendemos que foi para nós um exercício bastante importante para refletirmos sobre a intencionalidade das nossas propostas, que se desejavam ricas, significativas e desafiantes, capazes de envolver as famílias e proporcionar aprendizagens significativas às crianças.

2.5. As Artes Visuais e as aprendizagens das crianças no ensino presencial e no ensino à distância

Após uma abordagem geral das atividades desenvolvidas ao longo do Estágio Pedagógico I, decidimos aprofundar, de forma mais detalhada, aquelas que se desenvolveram no âmbito das Artes Visuais, convocando a exploração de materiais e técnicas, no âmbito da Expressão Plástica, tal como explicámos aquando da apresentação do nosso Quadro síntese (ver Quadro 2), no qual sinalizámos o conjunto de atividades que se seguida apresentamos.

2.5.1. Recurso “O Livro dos Números” (Ensino Presencial)

Este recurso desenvolveu-se na sequência da identificação de dificuldades sentidas pelo grupo no domínio da Matemática, mais especificamente na exploração dos números 1, 2 e 3. Assim, optámos por reforçar a exploração numérica de 1 a 5 através da elaboração do “Livro dos Números” (A20, A27, A37, A45 e A54). No Quadro que se segue, procuramos sistematizar as linhas mestras que nortearam a exploração deste recurso (ver Quadro 3).

Quadro 3 - Atividades desenvolvidas no recurso “O Livro dos Números”

Recurso: O Livro dos Números	
2. ^a Intervenção Dias 23, 24, 25, 26 e 27 de novembro	A20 - Ficha de trabalho - “Número 1”
	A28 - Ficha de trabalho - “Número 2”
	A37 - Ficha de trabalho - “Número 3”
	A45 - Ficha de trabalho - “Número 4”
	A54 - Ficha de trabalho - “Número 5”
Pré-requisitos	<p>Este recurso desenvolveu-se devido à necessidade identificada pelo grupo no domínio da Matemática.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar, de forma correta, os numerais; 2. Escrever/desenhar, de forma correta os numerais; 3. Reconhecer e nomear, oralmente, a sequência numérica; 4. Manusear diferentes materiais e técnicas desenvolvidas em duas ou três dimensões.
Áreas Curriculares Convocadas	<p>Área Principal (Área foco):</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Área de Expressão e Comunicação – Domínio das Expressões e Comunicação (subdomínio das Artes Visuais). <p>Áreas Secundárias (Áreas associadas):</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática.
Objetivos Capacidades Competências	<ol style="list-style-type: none"> 1. Explorar as diferentes técnicas de Expressão Plástica: desenho, pintura, estampagem, recorte e colagem, dobragem e modelagem; 2. Desenvolver a motricidade fina. 3. Identificar os diferentes números de 1 a 5; 4. Escrever/desenhar os numerais de 1 a 5; 5. Reconhecer, oralmente, a sequência numérica;
Recursos	Cartolina branca A3, folhas brancas A4 e lã.

Desenvolvimento da Atividade

Como já foi referido anteriormente, este recurso desenvolveu-se devido às dificuldades sentidas pelo grupo, mais especificamente, na escrita/desenho dos numerais 1, 2 e 3. Surgiu ainda da necessidade de se introduzir um novo conteúdo, os números 4 e 5. Optámos na elaboração deste recurso de forma que as crianças pudessem superar as suas dificuldades através de um subdomínio muito apreciado pelo grande grupo, as Artes Visuais. Na Figura que se segue, procuramos ilustrar esta realidade (ver Figura 2).

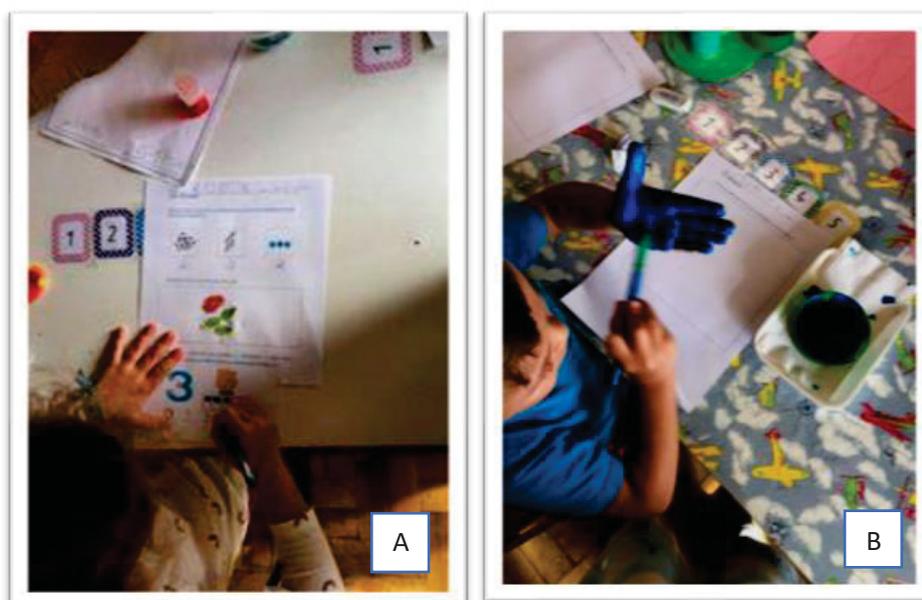


Figura 2 - Elaboração das fichas de trabalho do LIVRO DOS NÚMEROS

A – Elaboração da ficha de trabalho do número 3

B – Elaboração da ficha de trabalho do número 5

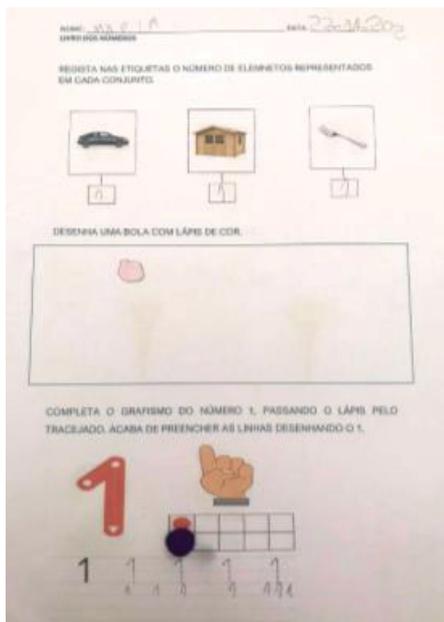
Na realização deste recurso optámos pela elaboração de um livro didático, da nossa autoria, de maneira que cada criança elaborasse as várias propostas de realização, ou seja, as várias fichas de trabalho individuais, uma por cada um dos números que nos interessava aprofundar, estratégia que foi complementada com o recurso à exploração de diferentes técnicas da Expressão Plástica.

Neste sentido, primeiramente, procedeu-se à apresentação do “Livro dos Números” junto das crianças, de forma a explorá-lo, página a página. Numa fase seguinte, abordou-se o recurso de forma individual, com o intuito de verificar quais as potencialidades e dificuldades de cada criança, ao nível da compreensão e escrita correta dos numerais até cinco, de modo que pudessem passar à exploração das cinco técnicas básicas da Expressão Plástica.

Posto isto, fomos fornecendo, dia a dia, os materiais necessários à realização de cada ficha numérica. Foram disponibilizados materiais como plasticina, lápis de cor, marcadores, tesoura, tintas e pincéis, para que as crianças pudessem elaborar o seu livro.

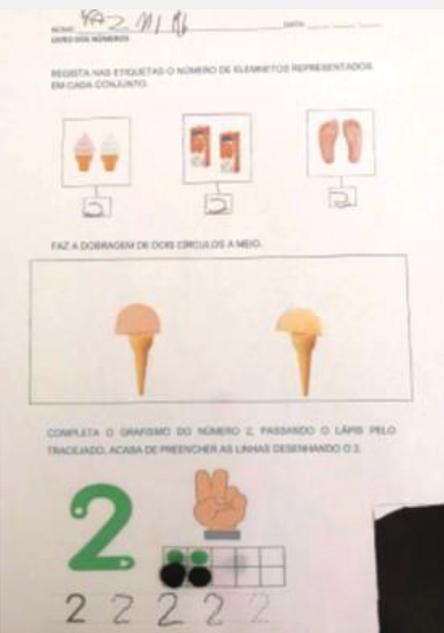
No Quadro que se segue, passamos a descrever, mais concretamente, as propostas presentes em cada uma das fichas de trabalho, dos numerais 1, 2, 3, 4 e 5 (ver Quadro 4).

Quadro 4 - Fichas de trabalho dos numerais 1, 2, 3, 4 e 5



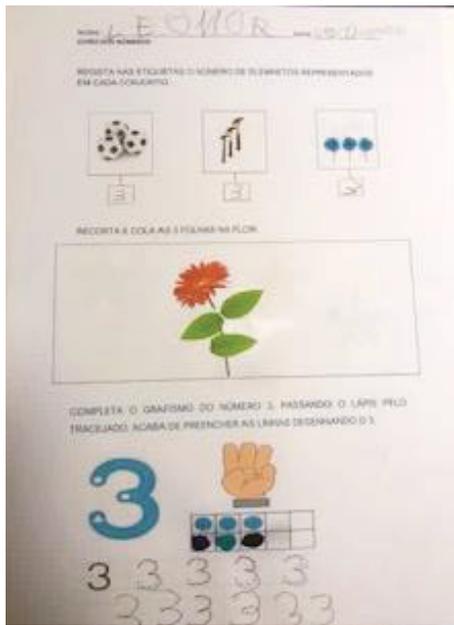
Número 1:

A criança contou e etiquetou, com o número 1, as imagens presentes no primeiro exercício da ficha. A seguir desenhou uma bola. Preencheu a quadricula em branco recorrendo à modelagem de uma bolinha de plasticina. Completou o grafismo do número 1, passando o lápis pelo tracejado e, por fim, acabou de preencher as linhas desenhando o número 1.



Número 2:

A criança contou e etiquetou, com o número 2, as imagens presentes no primeiro exercício da ficha. A seguir realizou a dobragem de dois círculos a meio, que se encontravam nessa mesma folha. Estes dois círculos foram colados no cimo dos dois cones de gelado. Depois preencheu a quadricula em branco recorrendo à modelagem de duas bolinhas de plasticina. A seguir completou o grafismo do número 2, passando o lápis pelo tracejado e, por fim, acabou de preencher as linhas desenhando o número 2.



Número 3:

A criança contou e etiquetou com o número 3 as imagens presentes no primeiro exercício da ficha. A seguir realizou ao recorte e colagem de 3 folhas, que se encontravam nessa mesma folha. As três folhas foram coladas junto do caule de flor. Preencheu depois a quadricula em branco recorrendo à modelagem de três bolinhas em plasticina. A seguir a criança completou o grafismo do número 3, passando o lápis pelo tracejado e, por fim, acabou de preencher as linhas desenhando o número 3.



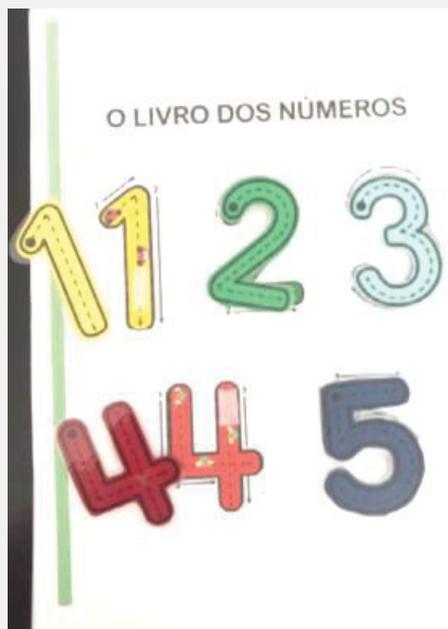
Número 4:

A criança contou e etiquetou, com o número 4, as imagens presentes no primeiro exercício da ficha. A seguir, pintou com marcadores as 4 (quatro) estrelas. Preencheu a quadricula em branco recorrendo à modelagem de quatro bolinhas de plasticina. Completou o grafismo do número 4, passando o lápis pelo tracejado e, por fim, acabou de preencher as linhas desenhando o número 4.



Número 5:

A criança contou e etiquetou, com o número 5, as imagens presentes no primeiro exercício da ficha A seguir, pintou a sua mão com tinta e estampou-a na folha por forma a realçar os seus 5 dedos. Preencheu a quadricula em branco recorrendo à modelagem de cinco bolinhas de plasticina. A seguir, completou o grafismo do número 5, passando o lápis pelo tracejado e, por fim, acabou de preencher as linhas desenhando o número 5.



Capa:

A capa do livro era destinada ao treino da escrita dos números. A criança podia retirar cada número e treinar a sua escrita sempre que necessitasse, passando com marcador pelo tracejado. Para facilitar esta tarefa, os números estavam plastificados e era possível apagar os registos feitos quantas vezes quisessem. Poderiam também ser retirados deste local e ser utilizados noutras situações para facilitar a sua consolidação e a sua aprendizagem.

Contracapa:

Na contracapa do livro, cada criança procedeu à escrita do seu nome e da sua idade.

Inicialmente, ao explorarmos este recurso na área do tapete junto das crianças, estas não mostraram muito interesse, no entanto, quando começaram a realizar a primeira ficha de trabalho do número 1, tomaram-lhe logo o gosto, primeiro pelo manuseamento da plasticina e depois pela exploração das várias técnicas de Expressão Plástica. No geral, as crianças demonstraram dificuldades na técnica do recorte de linhas curvas, sendo que a técnica mais apreciada foi a da pintura com tinta e pincel, mais concretamente aquela que possibilitou a estampagem da mão, uma técnica perfeitamente usual nestas idades, mas que ainda nunca tinha sido experimentada por aquele grupo.

Este recurso tornou-se bastante versátil e realçamos o facto de, através dele, ser possível explorar os cinco princípios da contagem, a partir das várias técnicas básicas da Expressão Plástica.

Importa salientar que, ao longo dos dias, na elaboração de cada ficha, as crianças tornaram-se cada vez mais autónomas, motivadas e interessadas.

Este foi um recurso pensado junto com a Educadora Cooperante, de forma que esta lhe pudesse dar seguimento, explorando os números que se seguem, na sua respetiva sequência, tirando partido de conexões entre a Matemática e as técnicas a convocar no subdomínio das Artes Visuais.

Em jeito de síntese, resta-nos realçar que este foi um recurso pensado no contexto das diferentes rotinas da sala de atividades, de maneira a proporcionar um trabalho mais individualizado, em resposta às necessidades de cada criança em particular que, sentada no seu lugar, mantinha-se focada em cada uma das tarefas propostas ao longo do livro.

2.5.2. Preparando o Natal: “Prenda de Natal”, “Postal de Natal” e “Saco de Natal” (Ensino Presencial)

A prenda, o postal e o saco de Natal surgiram no decurso dos preparativos para esta quadra festiva que se aproximava e a pedido da Educadora Cooperante. Na verdade, e considerando o contexto pandémico que vivíamos na altura, estávamos todos com receio que, com o evoluir da situação, as escolas pudessem fechar a qualquer momento.

O presente escolhido para oferecer às famílias foi “O meu presépio de Natal” (A47), que foi complementado com um “Postal de Natal” (A61), ambos acomodados num “Saco de Natal” (A71), elaborado pelas crianças para levarem os seus trabalhos para casa. No Quadro que se segue, procuramos sistematizar as linhas mestras que nortearam as diversas atividades de Natal (ver Quadro 5).

Quadro 5 - Atividades desenvolvidas alusivas ao Natal

Atividades: Prenda de Natal, Postal de Natal e Saco de Natal	
2. ^a Intervenção – 26 a 3 de dezembro	A47 - Prenda de Natal “O meu presépio de Natal”
2. ^a Intervenção – 30 de novembro	A61 - Postal de Natal
3. ^a Intervenção – 7 de dezembro	A71 - Saco de Natal
Pré-requisitos	Na realização destas atividades, foi necessário que as crianças conhecessem a importância da festividade em causa, mais concretamente, os elementos do presépio e a simbologia da árvore/pinheiro de Natal. Foi necessário rever alguns procedimentos referentes às técnicas a explorar, no que respeita a materiais a utilizar e às várias etapas a seguir.
Áreas Curriculares Convocadas	<p>Área Principal (Área foco):</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Área de Expressão e Comunicação – Domínio das Expressões e Comunicação (subdomínio das Artes Visuais). <p>Áreas Secundárias (Áreas associadas):</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Área do Conhecimento do Mundo
Objetivos Capacidades Competências	<ol style="list-style-type: none"> 1. Explorar diferentes técnicas de Expressão Plástica: desenho, pintura, recorte e colagem; 2. Desenvolver a motricidade fina; 3. Utilizar/Manipular diferentes materiais (bola de esferovite, cortiça, imitação de flocos de neve, tecido e fio sisal); 4. Identificar o dia em que se celebra o nascimento do Menino Jesus; 5. Conhecer os elementos do Presépio de Natal (Maria, José e Menino Jesus); 6. Conhecer a simbologia da árvore/pinheiro de Natal.
Recursos	<p>A47 - Prenda de Natal “O meu presépio de Natal”</p> <p>Bola de esferovite de diferentes tamanhos, copos de papel de café, cortiça, imitação de flocos de neve, tecido, fio sisal, tesoura, cola, pincel, tinta de cor (branco, rosa/pastel, castanho e azul), marcador (preto e rosa).</p> <p>A61 – Postal de Natal</p>

	Cartão e lápis de carvão, paus de madeira de diferentes cores e tamanhos e papel de alumínio.
	A71 – Saco de Natal
	Folha A3, fita de tecido decorativa, grampos, stencil da imagem do presépio, lápis de cor e tintas de cor.

Desenvolvimento das Atividades

O produto final destas atividades resultou diretamente de várias etapas e momentos que procuramos ilustrar no mosaico que se segue (ver Figura 3).

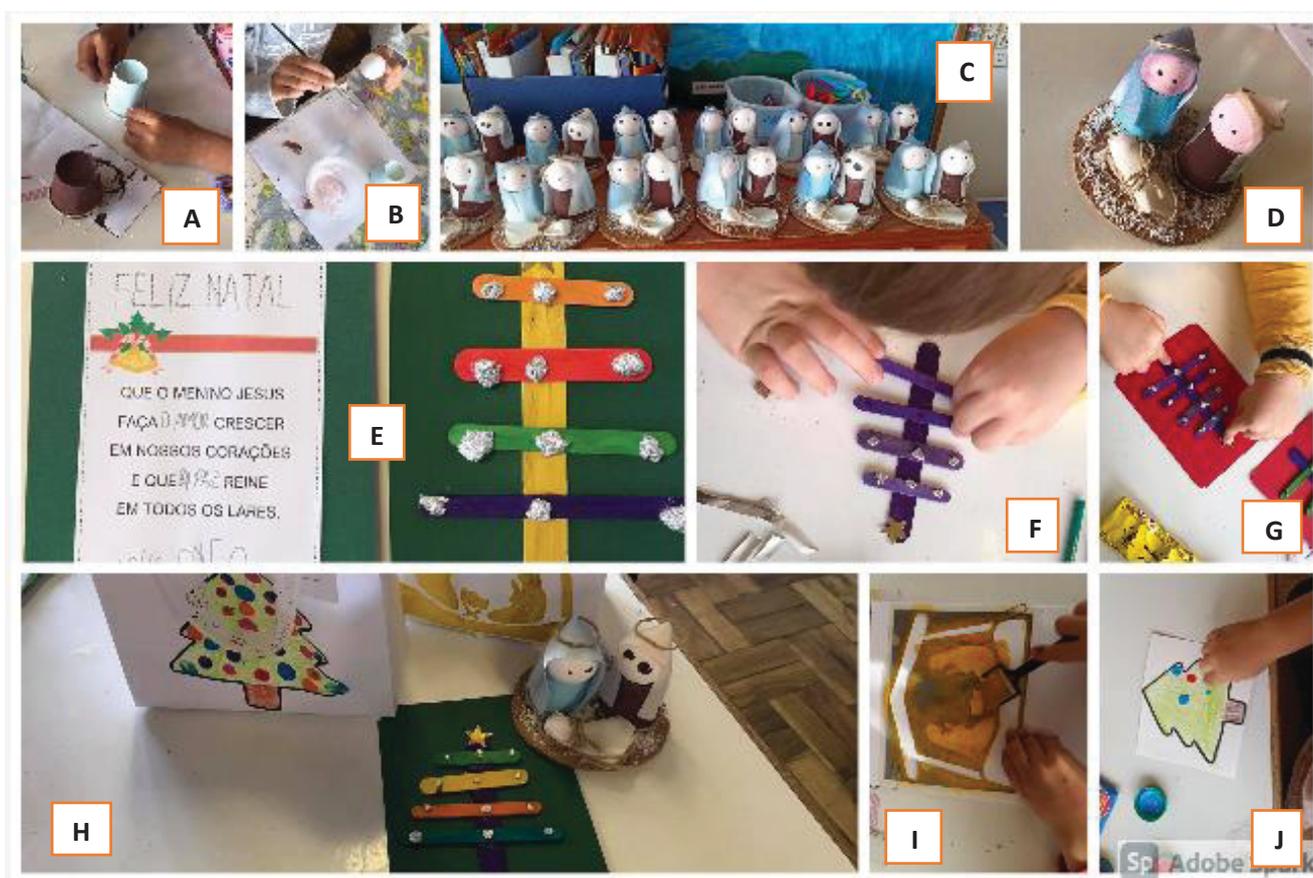


Figura 3 - Elaboração das atividades de Natal

A - Elaboração da Prenda de Natal (colagem do fio de sisal); **B** - Elaboração da Prenda de Natal (pintura do elemento do presépio); **C** - Elaboração da Prenda de Natal de todas as crianças; **D** - Elaboração da Prenda de Natal (Modelo); **E** - Elaboração do Postal de Natal (mensagem de natal e decoração da árvore de natal); **F** - Elaboração do Postal de Natal (organização e colagem dos diferentes paus de madeira); **G** - Elaboração do Postal de Natal (colagem da árvore num dos lados do postal); **H** - Atividades finalizadas; **I** - Elaboração do Saco de Natal (Pintura através da estampagem com stencil da imagem do presépio); **J** - Elaboração do Saco de Natal (desenho da árvore de Natal, previamente pintada com lápis de cor e decorada com recurso à estampagem com os dedos, por forma a representar as bolas de Natal).

Numa primeira fase, após idealizarmos as várias atividades e tendo o parecer da Educadora Cooperante, optámos primeiro por elaborar a Prenda de Natal – “O Meu presépio de Natal” (A47). Neste sentido, através de um modelo, foram explorados os três elementos da Família Sagrada. De seguida, as crianças procederam à sua construção em pequeno grupo, visto que esta era uma atividade minuciosa, pois requeria a exploração das várias técnicas de Expressão Plástica (pintura, recorte e colagem). Esta atividade levou uma semana a concluir, visto que trabalhámos sempre em pequeno grupo. No geral, todas as crianças, ao finalizarem a atividade, tiveram interesse em levar os seus trabalhos de imediato para casa, o que demonstrou a forma prazerosa com que acompanharam a sua realização e o orgulho que tiveram no produto final, aspeto que nos deixou bastante satisfeitas.

Na elaboração da atividade o Postal de Natal (A61), explorámos em primeiro lugar a simbologia da árvore/pinheiro de Natal, etapa na qual as crianças estiveram muito atentas. De seguida, foi feita a leitura da mensagem de Natal que se encontrava no postal, na sequência da qual as crianças responderam a diversas perguntas e identificaram algumas letras já suas conhecidas. Posteriormente, completaram as palavras que se encontravam em tracejado e, por fim, escreveram o seu nome. Ainda na elaboração da árvore/pinheiro de Natal no postal, tiveram de contar cinco paus de madeira de diferentes tamanhos e de organizá-los, explorando assim a ordem crescente e a ordem decrescente e, por fim, decoraram livremente a árvore/pinheiro com bolinhas de papel de alumínio.

Estas foram, na realidade, atividades bastante diferentes e motivadoras, quer pelas competências que desenvolveram do ponto de vista sensorial, quer pelo facto de terem permitido a consolidação dos conceitos abordados anteriormente. Esta foi mais uma atividade em que as crianças não apresentaram qualquer dificuldade na sua elaboração.

Após as atividades anteriores, realizámos a atividade de decoração do Saco de Natal (A71). O saco foi construído por nós, a partir da dobragem de uma folha A3, e depois decorado pelas crianças, com recurso a diferentes técnicas de pintura. Utilizou-se, de um dos lados, a estampagem com stencil da imagem do presépio e, no outro lado, colou-se uma árvore de Natal, que foi previamente pintada com lápis de cor e decorada com recurso à estampagem com os dedos, por forma a representar as bolas de Natal.

Em jeito de conclusão, realçamos que as crianças, mais uma vez, mostraram interesse e motivação na realização deste conjunto de atividades. O grupo mostrou-se bastante interessado e cooperativo, comportamentos demonstrados sempre que convocávamos o subdomínio das Artes Visuais. Neste contexto, entendemos ainda que o

facto de termos convocado uma multiplicidade de técnicas de Expressão Plástica foi uma mais-valia para o sucesso desta nossa proposta, aspeto que, conjugado com o tema explorado, também do agrado das crianças, veio reforçar as competências do grupo neste subdomínio da Educação Artística.

2.5.3. “Cria o teu elefante”

Uma vez que observámos que as Artes Visuais eram bastante exploradas pelo grupo e que eram do interesse das crianças, durante a nossa ação educativa, na modalidade de ensino presencial, quisemos aproveitar esse facto para, na passagem para a modalidade de ensino à distância, continuar a explorar este subdomínio curricular.

Pensámos numa proposta que fosse viável de realizar em casa, com recurso a materiais que as crianças pudessem reciclar ao mesmo tempo que colocavam em ação a sua imaginação e a sua criatividade. A proposta em causa, alinhada com as demais atividades que as crianças explorariam naquela semana, consistiu na criação de um elefante com material recuperado.

No Quadro que se segue, e à semelhança da metodologia utilizada para as atividades anteriores, procuramos sistematizar as linhas mestras que nortearam a elaboração da proposta “Cria o teu elefante” (ver Quadro 6).

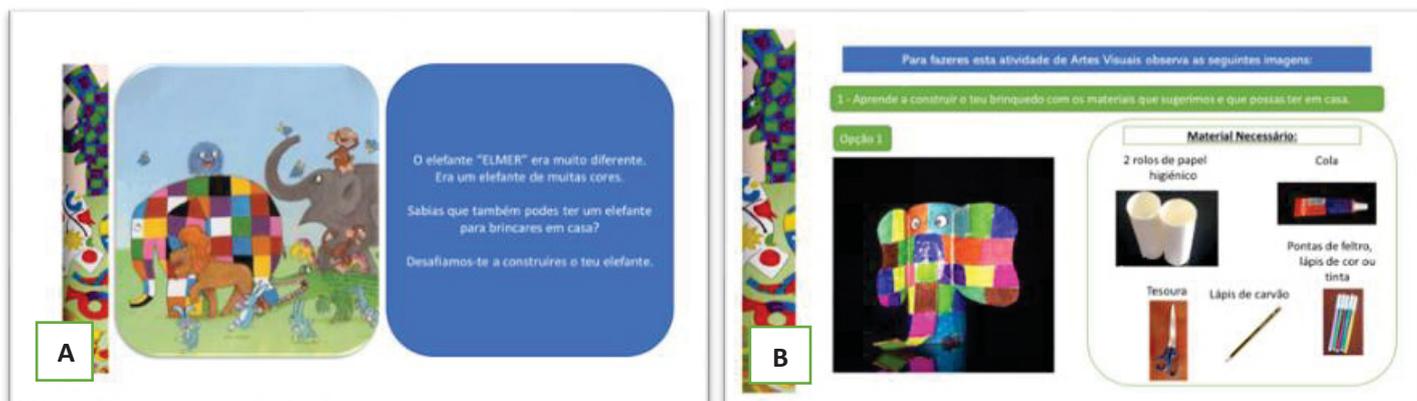
Quadro 6 - Proposta de atividade “Cria o teu elefante” (Ensino à Distância)

Cria o teu elefante	
5. ^a Intervenção Dias 18 e 19 de janeiro	A95 – PowerPoint – “Cria o teu elefante” ❖ Proposta 1: elefante com rolo de papel ❖ Proposta 2: elefante com tromba de meia ❖ Proposta 3: elefante com copo de papel ❖ Proposta 4: elefante com embalagem de detergente
Pré-requisitos	Esta atividade desenvolveu-se devido à motivação que o grupo demonstrava pela exploração de atividades no âmbito das Artes Visuais. Interessava-nos convocar a imaginação e a criatividade das crianças, bem como as suas capacidades de criar a partir de materiais recuperados.

<p>Áreas Curriculares Convocadas</p>	<p>Área Principal (Área foco):</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Área de Expressão e Comunicação – Domínio das Expressões e Comunicação (subdomínio das Artes Visuais). <p>Áreas Secundárias (Áreas associadas):</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Área do Conhecimento do Mundo
<p>Objetivos Capacidades Competências</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Explorar diferentes técnicas de Expressão Plástica: desenho, pintura, recorte e colagem e dobragem; 2. Desenvolver a motricidade fina; 3. Fazer construções plásticas com recurso à reciclagem de materiais do dia a dia; 4. Desenvolver a imaginação e a criatividade.
<p>Recursos</p>	<p>Sugestão 1: elefante com rolo de papel 2 Rolos de papel higiénico; marcadores de cor; lápis de carvão; tesoura e cola.</p> <p>Proposta 2: elefante com tromba de meia Caixa de sapatos, meia, embalagem de comprimidos vazia; caixa de cereais/cartão; lápis de carvão; tesoura e cola.</p> <p>Proposta 3: elefante com copo de papel Copo plástico; caixa de cereais/cartão; tinta de cor; lápis de carvão, tesoura e cola.</p> <p>Proposta 4: elefante com embalagem de detergente Embalagem de detergente da roupa vazia; cola; tesoura; tecido/entre outros materiais.</p>

Desenvolvimento das Atividades

O produto final de cada proposta de atividade foi apresentado num só *PowerPoint* de forma a apresentar às crianças os vários modelos de elefantes e as suas etapas de construção que procuramos ilustrar no mosaico que se segue (ver Figura 4).



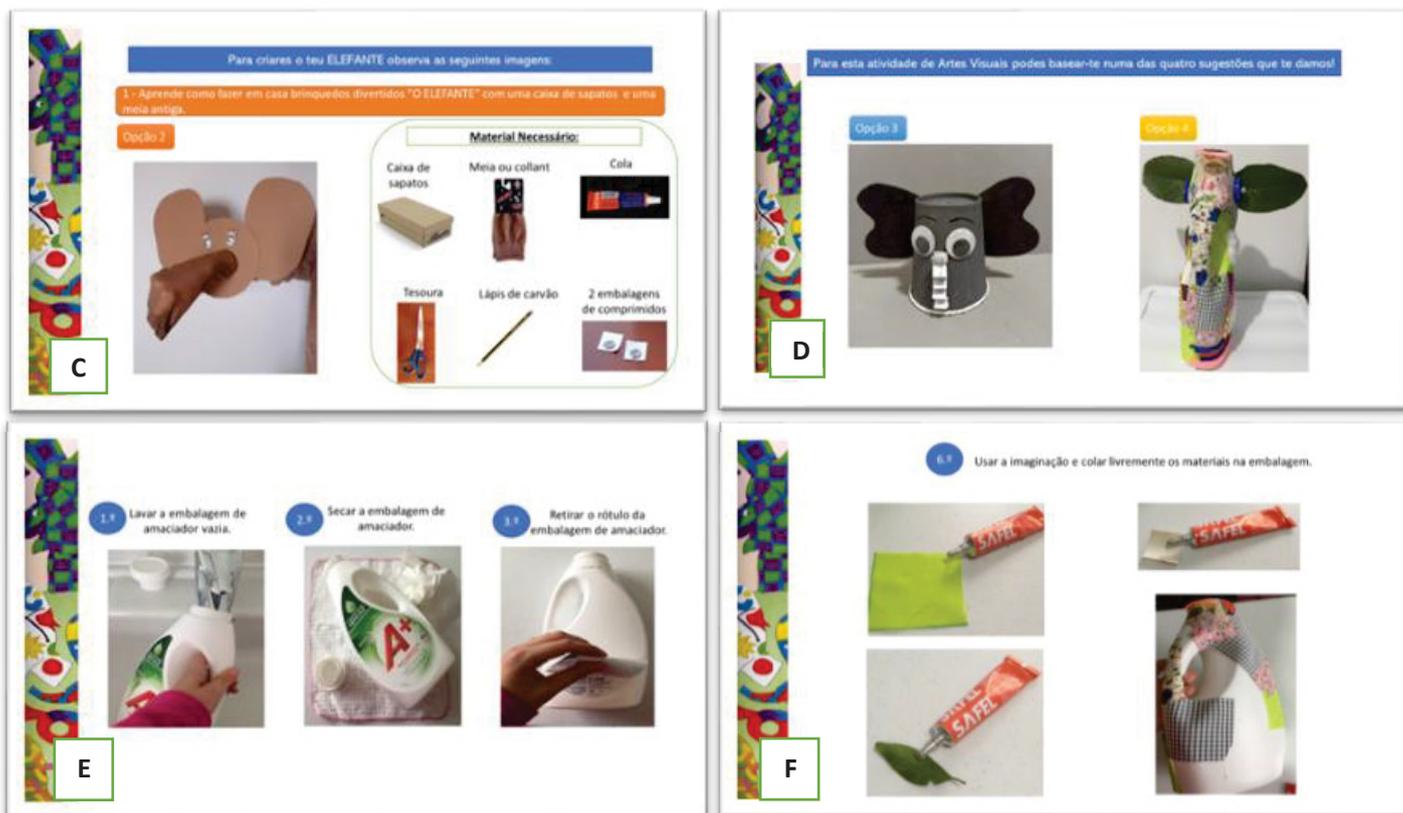


Figura 4 - Construção de elefantes com material reciclado/desperdício

- A - Slide com uma breve descrição do elefante da história e proposta da elaboração do elefante;
- B - Slide com a sugestão 1: elefante com rolo de papel e os materiais necessários para a sua construção;
- C - Slide com sugestão 2: elefante com meia e os materiais necessários para a sua construção;
- D - Slide com a fotografia da sugestão 3, elefante com copo e sugestão 4, elefante com embalagem de detergente; E e F – Slide com as fotografias das várias etapas para a construção do elefante da sugestão 4.

Esta atividade estava inserida no subdomínio das Artes Visuais, através da qual se esperava que as crianças libertassem a sua imaginação e, através de materiais de desgaste ou de desperdício disponíveis em casa, pudessem criar um elefante. Para a concretização desta atividade disponibilizamos uma apresentação em *PowerPoint* com quatro sugestões de elefantes, a criar com diferentes materiais, na qual se apresentavam os respetivos passos a seguir no caso das crianças se virem a inspirar em algum daqueles modelos.

Ao refletirmos sobre a proposta em causa, realçamos o facto de termos apresentado quatro sugestões de elaboração daquele trabalho, não com a intenção de limitar a criatividade das crianças, mas com o intuito de inspirar os mais pequenos e as suas famílias para a elaboração de uma construção, recorrendo a materiais recuperados e a técnicas de Expressão Plástica já conhecidas e apreciadas pelo grupo. Inspirados por aquelas ideias, entendidas como ponto de partida para o trabalho que seria feito de seguida, as crianças poderiam, através da sua expressão e de forma lúdica e prazerosa,

dar a conhecer as ideias com que ficaram depois de explorada a história em foco naquela semana.

Ainda assim, e apesar de todo o nosso investimento, o *feedback* das crianças não foi aquele que esperávamos. Só obtivemos resposta de uma criança, que nos enviou a imagem que partilhamos de seguida (ver Figura 5).



Figura 5 - Elefante feito com rolo de papel elaborado pela criança K

Apresentadas, em traços gerais, as nossas propostas de atividades integradas no contexto da área que entendemos aprofundar no nosso Relatório de Estágio, concluímos com um sentimento de dever cumprido, até porque foram muitas as vezes que, em contextos bastante diversificados, convocámos as Artes Visuais ao longo da nossa ação educativa.

Na realidade, este era já um subdomínio do agrado das crianças, mas que tendia a ser explorado de forma menos diversificada, recorrendo a técnicas simples, muito centradas em lápis de cor e marcadores. Neste sentido, constatámos que a aposta em atividades dinâmicas e diferentes daquelas que tinham por hábito explorar resultava muito bem com aquele grupo, pois despertava o seu interesse e motivação.

Em todo este processo, procurámos criar condições para que as crianças tivessem a oportunidade de criar livremente, sem que o produto final das suas experiências plásticas fosse entendido como uma “obra de arte” aos olhos do adulto, mas como uma forma autêntica de desenvolverem as suas habilidades manuais e de partilharem as suas ideias e a forma como interpretavam o mundo que as rodeava.

Em jeito de síntese, realçamos que a ação educativa a desenvolver na Educação Pré-Escolar implica que se criem condições através das quais as crianças aprendam a aprender, dando-lhes oportunidades de vivenciar uma pedagogia estruturada, na qual não devem ser esquecidas as práticas de natureza lúdica, capazes de desenvolver capacidades de autoestima, confiança, esforço, concentração e investimento pessoal. Saber respeitar e valorizar as crianças nas suas diferenças, oferecendo-lhes esta variedade de experiências e materiais será muito importante para promover o seu desenvolvimento e as suas aprendizagens.

Neste contexto, o nosso papel enquanto Educadores torna-se fundamental para encarar os desafios colocados às crianças dos nossos dias, tal como nos foi possível averiguar num pequeno estudo empírico que realizámos como complemento aos nossos estágios pedagógicos, cujos principais resultados apresentamos no último ponto deste Capítulo.

2.6. Opiniões e relatos de Educadores de Infância acerca da abordagem às Artes Visuais no Ensino Presencial e no Ensino à Distância

Uma vez apresentada e refletida a nossa ação educativa, desenvolvida no nosso Estágio Pedagógico I, no contexto da Educação Pré-Escolar, com especial realce para algumas das atividades em que foi convocada a área que decidimos aprofundar neste Relatório, entendemos ser o momento de partilhar as opiniões e conceções dos Educadores de Infância entrevistados, sobre as Artes Visuais nas suas práticas pedagógicas diárias.

Começando por explorar as questões que se prendem com a formação profissional, e na sequência das conversas que tivemos com os nossos entrevistados, todos confirmaram que, ao longo da sua formação inicial, lhes foram transmitidos conhecimentos e competências profissionais dentro do subdomínio das Artes Visuais.

Do conjunto das respostas que nos foram adiantadas pelas Educadoras entrevistadas, realçamos o relato da Educadora Cátia, que de seguida transcrevemos:

“Esta consistia em aprender diferentes técnicas para mais tarde aplicar com os alunos. Realizámos diferentes tipos de trabalhos, desde os mais básicos (pinturas simples), a

trabalhos elaborados que convocavam diferentes técnicas da Expressão Plástica” (Educadora Cátia).

Do conjunto de Educadoras entrevistados, somente a Educadora Carla referiu ter sentido necessidade de desenvolver ou até mesmo aprofundar estes conhecimentos, após ter terminado o curso, sendo que optou por fazê-lo recorrendo a *workshops* nesta área.

Ao confrontarmos as educadoras entrevistadas com as suas práticas diárias pedimos que partilhassem connosco uma definição curta que, em poucas palavras, fosse capaz de resumir aquilo que entendiam por Artes Visuais, bem como o seu papel e o seu lugar na sua ação pedagógica diária. Das opiniões que connosco partilharam, realçamos aquelas que se reunimos nos relatos que se seguem:

“Considero que esta é/deve ser uma atividade espontânea, onde a criança explora diversas competências” (Educadora Cátia).

“A Expressão Plástica é uma das formas mais livres de comunicação e expressão” (Educadora Beatriz).

“Para mim a Expressão Plástica é a área onde a criança pode demonstrar toda a sua criatividade, exasperar os seus sentimentos e a sua beleza e do que entende do que a rodeia... Infelizmente, por vezes, esta perceção é controlada pela escolha do adulto nas atividades” (Educadora Tânia).

Quando questionámos as entrevistadas acerca da importância das Artes Visuais no desenvolvimento dos mais pequenos, todas as Educadoras de Infância afirmaram, de forma unânime, que este era um subdomínio importantíssimo no dia a dia da criança. Neste contexto, realçaram o seu papel na forma como a criança reage e interpreta o mundo que a rodeia, bem como os seus contributos para o desenvolvimento da sua personalidade e identidade, ou ainda do seu processo de socialização (através da expressão e comunicação). Nos excertos que se seguem, damos voz a algumas das opiniões que nos foram adiantadas:

“Sim, como por exemplo a imaginação, a motricidade fina, a coordenação, a comunicação, entre outros” (Educadora Cátia).

“É através das artes e atividades de Expressão Plástica que as crianças expressam os seus gostos e sentimentos” (Educadora Xana).

“Sem dúvida que sim. Através da Expressão Plástica podemos abordar variadíssimos temas, como por exemplo, as cores, os números, os conceitos de grande e pequeno, entre outros” (Educadora Carla).

Todas as Educadoras de Infância admitiram que dedicavam momentos da sua agenda semanal à abordagem das Artes Visuais, mais especificamente no período da manhã. A Educadora Xana assumiu ter dias específicos para trabalhar este subdomínio, duas vezes por semana, adequando-o sempre às temáticas que se estão a trabalhar no grupo.

Ao perguntarmos às Educadoras se nas suas práticas diárias exploravam esta área isoladamente ou em articulação com outras áreas do currículo, todas as Educadoras responderam que tal abordagem deveria ser feita das duas formas. No entanto, apenas duas Educadoras mencionaram abertamente a articulação que faziam com as demais áreas de conteúdo, “para que o tema seja mais explorado e o aprendizado seja mais eficaz” (Educadora Tânia).

No que respeita aos materiais utilizados, responderam-nos que recorriam a técnicas como o desenho, a pintura, a modelagem e que os materiais mais apropriados a utilizar nesta exploração eram os lápis, os marcadores, a plasticina, os pincéis, o papel, o cartão, o giz, as esponjas, a digitinta, as tintas (guache e aguarelas) e, sempre que possível, o próprio corpo da criança, convocado através da estampagem.

Dentro ainda da prática educativa diária das Educadoras, quisemos saber o tipo de atividades que mais desenvolviam com as crianças. Neste contexto, todas as Educadoras assumiram explorar atividades/projetos tendo por base as datas comemorativas ao longo do ano, convocando os materiais e as técnicas acima enumeradas, tal como se depreende do relato da Educadora Beatriz, que transcrevemos de seguida:

“Tenho desenvolvido neste âmbito experiências sensoriais, sobretudo visuais e táteis, bem como atividades que exercem as capacidades motoras como: desenho livre, digitinta, pintar com as mãos e dedos, manusear plasticina, pintar com pincel e esponjas” (Educadora Beatriz).

Em jeito de balanço das práticas desenvolvidas, e ao questionarmos as Educadoras acerca das reações dos mais pequenos durante a exploração das atividades em causa, estas adiantaram-nos que as crianças demonstram bastante entusiasmo, motivação, prazer e felicidade nas suas criações. A corroborar esta ideia, partilhamos as opiniões das Educadoras Cátia e Carla.

“Reagem da melhor forma possível. Demonstram bastante entusiasmo e motivação. Quando chega ao momento de partilhar que vamos explorar esta área as crianças começam imediatamente numa euforia” (Educadora Cátia).

“Com imensa satisfação, apesar de haver alguns que inicialmente têm receio de tocar em alguns materiais. Quando digo que “hoje vamos fazer pintura a pincel”, a reação é sempre muito eufórica. É o momento da criança se expressar de outra forma” (Educadora Carla).

Por outro lado, e centrando-nos agora no campo das dificuldades encontradas aquando da exploração das Artes Visuais, a Educadora Beatriz realça como limitação a sua dificuldade de gerir o tempo do grupo. Para tentar contornar estas dificuldades, a entrevistada opta por planificar tendo em conta os objetivos e competências a desenvolver por temas a explorar. Por seu turno, a Educadora Tânia realçou a dificuldade por parte dos mais pequenos na interação com novos materiais pois, na sua perspetiva, existem poucos recursos disponíveis para crianças de tenra idade, especificamente na área das Artes Visuais.

Quando confrontámos as entrevistadas sobre os espaços/materiais de que dispunham para a exploração da Expressão Plástica, as suas respostas foram bastante diversificadas, com realce para enumerarem espaços na sala de aula destinados a esse trabalho, tal como se nos é dado verificar nos relatos que transcrevemos de seguida:

“Uma área na sala destinada à exploração da Expressão Plástica. Os mais diversos tipos de materiais, desde tintas, pincéis, diferentes tipos de lápis, entre outros” (Educadora Cátia).

“Recreio e Sala” (Educadora Xana).

“Disponho na sala de um espaço/área para a Expressão Plástica com mesa e cadeiras e armário/estante com diversos materiais como os lápis, marcadores, giz, papel, tintas, recipientes, pincéis, esponjas... reservo também uma parede para exposição dos trabalhos” (Educadora Beatriz).

“Cavalete, tintas, pinceis, mesas, aventais, esponjas, etc.” (Educadora Carla).

“Pincéis, Tintas, esponjas, entre outros” (Educadora Tânia).

Nesta ordem de ideias, as educadoras adiantaram-nos que os materiais em causa eram suficientes, queixando-se apenas da ausência de água na sala de atividades, bem como da impossibilidade de se adquirir material de melhor qualidade, para que este seja mais duradouro.

Achamos pertinente perceber junto das Educadoras quais as sugestões/conceitos que diriam a outros profissionais da mesma área acerca da melhor forma de explorar as Artes Visuais nas suas práticas diárias. Neste contexto, destacamos de seguida os conselhos adiantados pelas Educadoras Carla e Beatriz.

“Aconselharia a fazer bastantes atividades dessa natureza, dando tempo a cada criança para explorar e disfrutar desses momentos” (Educadora Carla).

“Fazer formação acerca de como explorar a área em que sentem dificuldade, conhecimento das diversas técnicas e materiais mais apropriados à idade do seu grupo de crianças, delinear objetivos e competências na área e criar oportunidades para a criança explorar e desenvolver as suas capacidades criativas” (Educadora Beatriz).

Analisadas as respostas que nos foram adiantadas pelas Educadoras relativamente às suas práticas em regime presencial, também quisemos saber como se posicionavam relativamente às suas recentes experiências de ensino à distância. Como sabemos, esta foi a modalidade adotada no sentido de contrariar os constrangimentos da Pandemia que se instalou no decurso dos nossos estágios, impossibilitando as crianças de frequentar presencialmente as suas escolas, alicerçada na integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e nos processos de ensino e aprendizagem à distância como meio para que todos tivessem acesso à educação.

Nesta ordem de ideias, e ao questionarmos as Educadoras acerca da sua experiência nesta nova modalidade de ensino, no que respeita aos materiais e às técnicas mais convocados, estas foram as suas palavras:

“Pintura em cenário ao ar livre e pintura e recorte das mãos em caixas de cereais” (Educadora Xana).

“Como estava com um grupo de crianças dos 18 aos 24 meses, as atividades exploradas englobaram técnicas como desenho, digitinta, pintura com tintas caseiras e plasticina caseira” (Educadora Beatriz).

“Construção de casa de bonecas (divisões da nossa casa), elaboração de flores (primavera), etc.” (Educadora Carla).

“Digitinta, plasticina com farinha, sal e corante alimentar” (Educadora Tânia).

Interessante será notarmos que, tal como nós, também algumas destas Educadoras basearam as suas propostas de atividades em recursos que fossem de fácil acesso, tais como as caixas de cereais ou até mesmo as tintas e massas de modelar de fabrico caseiro.

Ao tentarmos perceber como reagiram os mais pequenos na sequência da exploração das Artes Visuais durante o período de ensino *online*, duas das Educadoras que entrevistámos realçaram que as crianças reagiam de forma alegre e divertida. Tal como no ensino presencial, mostraram muita satisfação. No entanto, nem todas as opiniões foram unânimes nesta matéria e as Educadoras Xana e Tânia registaram reações diferentes, muito semelhantes àquelas que também nós obtivemos durante a nossa experiência de estágio, tal como se depreende dos relatos que de seguida partilhamos:

“Pouca adesão, mas as crianças que participaram ficaram entusiasmadas e felizes, devolvendo filmagens com a elaboração dessas mesmas atividades” (Educadora Xana).

“Tal como já referi, foi complicado devido à escassez de materiais e de tempo dos pais, pois estes apresentavam dificuldades na execução das atividades” (Educadora Tânia).

Ainda no rescaldo do resultado das conversas que tivemos com as nossas entrevistadas, no geral, estas adiantaram-nos ter explorado as Artes Visuais, nesta modalidade de ensino, em articulação com as outras áreas do currículo. Neste particular, apenas a Educadora Tânia assumiu ter explorado esta área isoladamente.

Quanto às dificuldades encontradas, foram-nos dados a conhecer uma séria de obstáculos, desde a falta de material, a alteração da rotina, a adaptação das sequências didáticas aos materiais e espaços, o desinteresse dos pais pelas atividades dos seus educandos ou ainda, num outro extremo, o facto de as atividades serem feitas pelos adultos e não pelas crianças, como seria de esperar. As Educadoras Beatriz, Carla e Xana partilharam connosco algumas das estratégias que utilizaram para contornar tais obstáculos:

“Simplesmente, não desisti. Continuei a estar presente e ensinei aos pais como fazer tinta e plasticina caseiras a quem não tinha estes materiais disponíveis. Também expliquei como reutilizar de diversas formas materiais recicláveis. Tentei motivar e incentivar a realização e partilha destas mesmas atividades no grupo privado e congratulei todos os trabalhos que foram realizados” (Educadora Beatriz).

“Fazia videochamadas com os pais a explicar ao máximo toda a intenção da atividade” (Educadora Carla).

“Recorri a atividades de outras áreas, como a expressão físico-motora. Estas eram atividades em que as crianças participavam mais no ensino à distância” (Educadora Xana).

Nesta linha de ideias, convidámos as Educadoras que connosco colaboraram a refletir sobre todo este processo e perguntámos se lhes fosse dada a possibilidade de voltar atrás no tempo fariam alguma coisa diferente. Neste particular, as suas opiniões dividiram-se e, a título de exemplo, partilhamos os relatos das Educadoras Tânia e Beatriz.

“Talvez sim, tentar eu própria fazer vídeos de como fazer ou fazer ao mesmo tempo com os meninos... no entanto, tudo dependeria do tempo dos pais” (Educadora Tânia).

“Há sempre alguma coisa que podemos fazer de forma diferente. Começava pelo que deu menos certo, a participação ativa de mais encarregados de educação através de mais variadas estratégias de comunicação e a persistência na realização das atividades” (Educadora Beatriz).

Nesta ordem de ideias, ao fazermos um balanço final acerca desta experiência de ensino, as poucas respostas evidenciaram, com exceção para a Educadora Xana, uma perspetiva bastante positiva, tal como se depreende dos relatos que de seguida transcrevemos:

“Fracas e desmotivante” (Educadora Xana).

“Positiva” (Educadora Beatriz).

“Foi muito desafiante, mas constatei que é possível e consegue-se fazer um bom trabalho” (Educadora Carla).

“Tentei dar o meu melhor e penso que consegui e as crianças gostaram” (Educadora Tânia).

Por fim, e tal como havíamos perguntado no contexto do ensino presencial, quisemos saber que conselhos dariam a futuros colegas relativamente à melhor forma de explorar as Artes Visuais numa modalidade ensino *online*. Do conjunto das suas respostas, destacamos as que foram dadas pelas Educadoras Beatriz, Carla e Tânia.

“Foi um desafio para todos e muitos sentiram-se mais impotentes do que outros nesta matéria, mas o meu conselho passa por termos um compromisso connosco próprios e com todas as nossas crianças enquanto educadores e isso, num futuro cada vez mais próximo, passa por usar modalidades como a do ensino *online*. Por isso, aconselharia atividades ainda mais lúdicas, com recurso a vídeos interativos e elucidativos, visitas *online* a museus...” (Educadora Beatriz).

“Fazer muitas videochamadas com os pais.” (Educadora Carla)

“Pesquisar, ver recursos naturais em casa, e depois fazer pequenos vídeos com temas para depois abordar as expressões plásticas a seguir e de uma forma criativa” (Educadora Tânia).

Em suma, tendo em conta as opiniões e as conceções das Educadoras de Infância entrevistadas acerca das Artes Visuais na Educação Pré-Escolar, chegamos à conclusão de que estas valorizam este subdomínio. Assumem que promovem diariamente momentos em que convocam as Artes Visuais com as crianças, em articulação com as diferentes áreas curriculares, como também isoladamente.

Podemos ainda realçar que a maior parte das Educadoras entrevistadas sentiu algumas dificuldades na modalidade do ensino à distância, pela necessidade de aprender/se adaptar a novos recursos, bem como de conseguir captar o interesse dos encarregados de educação, condição muito importante para que pudessem proporcionar às crianças aprendizagens mais significativas.

Concluída a análise e reflexão acerca do nosso estágio pedagógico na Educação Pré-escolar, que quisemos complementar com os dados que recolhemos junto das Educadoras que entrevistámos, interessa-nos avançar para análise e reflexão da ação educativa que desenvolvemos no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico. É o que nos propomos fazer no Capítulo que se segue.



Capítulo III

Estágio Pedagógico II – Em contexto do 1.º Ciclo do E.B.

3. Práticas Educativas em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico

- 3.1. O Meio
- 3.2. A Escola
 - 3.2.1. Caracterização da sala
 - 3.2.2. Tempo e Espaço para o Ensino à Distância
 - 3.2.3. Caracterização geral da turma
 - 3.2.4. Caracterização dos Professores Entrevistados
- 3.3. Análise geral do Ensino à Distância
- 3.4. A Ação Educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico
- 3.5. A Educação e Expressão Plástica e as aprendizagens dos alunos no ensino presencial e no ensino à distância
 - 3.5.1. Diaporama “Fotografia de família”
 - 3.5.2. Atividade “Ao som da música”
 - 3.5.3. Decoração das personagens em fantoche do texto “Um dia especial na minha cidade”.
- 3.6. Opiniões e relatos de Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da abordagem à Expressão Plástica no Ensino Presencial e no Ensino à Distância.



Capítulo III

Estágio Pedagógico II – Em contexto do 1.º Ciclo do E.B.

3. Práticas Educativas em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Este Capítulo será dedicado à análise e reflexão acerca da ação educativa desenvolvida no Estágio Pedagógico II, no âmbito do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pelo que terá uma organização em tudo semelhante à do Capítulo anterior. Primeiramente, faremos uma caracterização dos contextos de intervenção, de forma a salientarmos as particularidades do meio, da escola e da respetiva sala de aula, bem como da turma que nos foi confiada. Para realizar esta caracterização foi necessário, numa primeira fase, recolher informação junto da Professora Cooperante em documentos norteadores da nossa ação educativa como o Plano Anual de Atividades (PAA), o Projeto Curricular de Escola (PCE) e os processos das crianças. Esta informação foi depois complementada com os dados que fomos recolhendo do através da nossa observação dos contextos em que nos movemos.

3.1. O Meio

A Prática de Estágio Pedagógico II decorreu durante o ano letivo 2019/2020 numa escola do concelho de Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, um município onde predominam as atividades do setor terciário, “com cerca de 46.102 habitantes, no perímetro urbano, e 20.113 habitantes, nas três freguesias urbanas, repartidos da seguinte forma: São Pedro (2 Km²; 7.177 habitantes), São Sebastião (2 Km²; 4.309 habitantes), São José (2 Km² 6.100 habitantes)”, tal como se lê na *Enciclopédia Açores XXI, 2020*.

Esta instituição ficava no centro urbano de Ponta Delgada, oferecendo assim oportunidades várias à realização de aprendizagens significativas ao longo do processo de ensino-aprendizagem das crianças. Contámos com a possibilidade de visitar diversas instituições, edifícios, palacetes e até mesmo jardins históricos, como o Palácio de Santana e do seu jardim, o Jardim José do Canto, o Centro Intergeracional da freguesia de São Sebastião, o Museu Carlos Machado, o Teatro Micaelense, entre outros.

Ainda relativamente perto da nossa escola, tínhamos também a Universidade dos Açores, a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, o Conservatório de Ponta Delgada, o Centro Comercial Parque Atlântico, um posto da Polícia, um quartel de bombeiros, um posto dos CTT, o Banco Alimentar, um centro de cópias, e a ainda, o Mercado da Graça, espaço com um enorme potencial em termos de visita e estudo. Nos arredores desta escola, contávamos ainda com os Serviços Agrários de São Gonçalo e a Quinta do Priolo, todos eles com enorme potencial educativo, considerada a oportunidade de acolherem visitas de estudo ou outros projetos a realizar em parceria.

Em suma, o meio onde se situava a escola oferecia uma multiplicidade de contextos que permitiam entrar em contacto com o quotidiano e a realidade das crianças, possibilitando assim um vasto leque de atividades capazes de desenvolver e enriquecer o seu processo de ensino-aprendizagem.

Infelizmente, e considerando os constrangimentos causados pelo contexto pandémico instalado durante o período de tempo em que desenvolvemos o nosso estágio, não nos foi possível tirar partido da riqueza e das potencialidades pedagógicas que aquela comunidade nos oferecia.

3.2. A Escola

Esta instituição escolar era composta por duas valências: Jardim de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Acolhia 251 alunos distribuídos por três grupos da Educação Pré-Escolar, com 49 crianças, e doze turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, que integravam 202 alunos, distribuídos por três turmas de cada ano de escolaridade. Estes alunos provinham de meios socioeconómicos e culturais diversos.

Relativamente ao pessoal docente e não docente, havia três Educadoras titulares de grupo, uma Educadora de apoio e de substituição, uma Educadora do Ensino Especial, uma Educadora responsável pela UNECA, doze Professores titulares de turma, dois Professores de Apoio Educativo e de substituição e um Professor de Educação Especial. No que toca ao pessoal não docente, importa realçar que existiam seis assistentes operacionais.

Quanto à estrutura física da própria escola, esta era constituída por dois pisos, sendo que no piso inferior existia um refeitório, uma biblioteca e um extenso pavilhão desportivo, assim como um campo de jogos no espaço exterior, espaços que foram partilhados entre todas os grupos/turmas da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do

Ensino Básico. Toda a escola continha instalações sanitárias nos dois pisos, com adaptações às necessidades das crianças. O pavilhão desportivo era composto por um espaço amplo, com algumas colunas revestidas por proteções de esponja, para assegurar uma melhor segurança das crianças. Ainda neste espaço, havia uma arrecadação onde se arrumavam os materiais utilizados nas aulas de Educação Física e mais três salas: uma destinada ao convívio dos docentes, outra reservada ao pessoal não docente (assistentes operacionais) e uma última onde se encontrava sediada uma UNECA (Unidade Especial de Currículo Adaptado). Esta escola também dispunha de um *hall* de entrada, onde as crianças eram recebidas diariamente e, no final do dia, aguardavam pelos seus pais e/ou encarregados de educação ou pelos responsáveis do CATL (Centro de Atividades de Tempos Livres).

No que respeita ao espaço de recreio, este era um local muito amplo e espaçoso, tendo capacidade suficiente para acomodar a quantidade de crianças que frequentavam esta instituição. Este espaço estava organizado em duas grandes valências: uma destinada às crianças da Educação Pré-Escolar e a outra dirigida aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ambos apetrechados com alguns equipamentos como escorregas e baloiços. Importa realçar que estas crianças podiam, ainda, frequentar um campo de futebol situado na parte de trás da escola.

A escola estava também preparada com várias rampas destinadas aos alunos com dificuldades locomotoras, de modo a simplificar o seu acesso a todos os espaços escolares.

No exterior desta instituição, existia um parque de estacionamento público, no qual existia apenas dois lugares reservados para o seu pessoal docente. Havia também dois lugares atribuídos a pessoas portadoras de deficiência, medida de extrema importância, principalmente, para facilitar o acesso à escola de crianças com Necessidades Educativas Especiais.

No que se refere à segurança dos alunos, a escola oferecia a devida proteção. A porta principal estava sempre fechada e o acesso era feito com recurso a uma campainha, sendo o atendimento feito por um assistente operacional, que controlava as entradas e as saídas dos visitantes. Ainda neste particular, a escola possuía extintores de incêndio, plantas de emergência afixadas nas salas de aula, alarmes de incêndio e mala de primeiros socorros.

3.2.1. Caracterização da sala

A sala do 2.º ano onde fomos recebidas localizava-se no primeiro piso da escola. Esta sala caracterizava-se por ser um espaço amplo, bem iluminado e arejado, visto que continha várias janelas numa das suas paredes laterais. Para além disso, possuía as necessárias mesas e cadeiras, um quadro de giz, um lavatório (muito útil no apoio às atividades de Expressão Plástica) e uma bancada com arrumos, que era preenchida com uma parede inteira de armários. Na Figura que se segue, mostramos uma planta da sala na qual se evidenciam as suas principais características e valências (ver Figura 6).

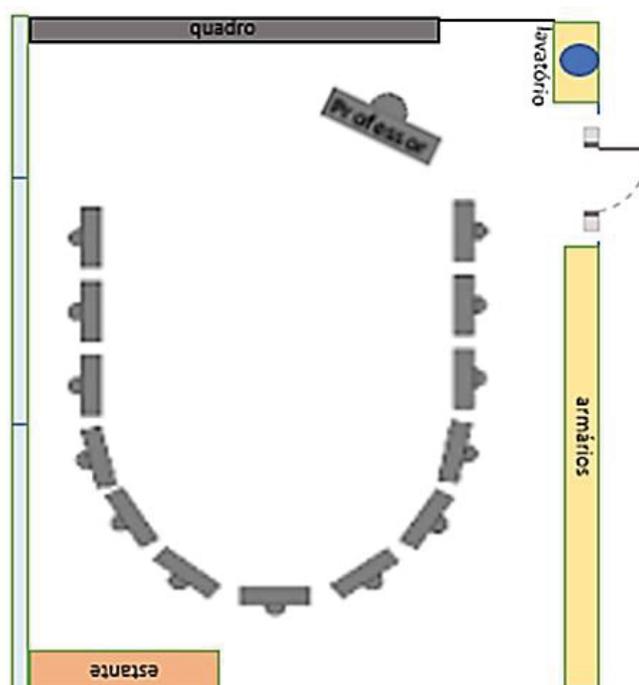


Figura 6 - Planta da Sala de aulas

O espaço da sala de aula estava organizado com as secretárias dispostas em U, opção esta que atribuía um lugar de destaque ao professor, permitindo-lhe assim uma maior liberdade de movimento, como também um acesso rápido ao quadro. Paralelamente, tem possibilidade de estabelecer um contato próximo com os alunos de forma a acompanhar de perto as suas dificuldades de aprendizagem.

3.2.2. Tempo e Espaço para o Ensino à Distância

O Ensino à Distância foi uma modalidade de ensino que o Ministério da Educação encontrou para colmatar o encerramento das escolas durante o surto epidemiológico causado pelo coronavírus (Covid-19), tendo transferido, dentro do possível, o processo educativo para uma plataforma digital cujo acompanhamento dos alunos era feito diretamente a partir das suas casas.

Em consequência, os professores e os alunos foram incentivados a explorarem este novo método de ensino. Segundo Vidal (2002),

o ensino à distância acontece quando educador e educando estão separados por uma distância física e é usada tecnologia para fazer a “ponte” entre os dois.” A Educação à Distância é uma metodologia de ensino em que as tarefas docentes acontecem num contexto distinto das discentes, de modo que estas são, em relação às primeiras, diferentes no tempo, no espaço ou em ambas as dimensões ao mesmo tempo. O oposto da educação à distância é a educação tradicional ou educação face a face: um tipo de educação em que existe contacto directo entre formador e formandos (p. 21).

Nos dias de hoje, e com uma simples pesquisa na internet, obtemos facilmente centenas de vídeos educativos, jogos e exercícios didáticos, conteúdos interativos ou mesmo plataformas digitais, que são autênticas escolas no mundo virtual.

O nosso processo de estágio não foi exceção e, desde a primeira hora, procurámos estar em sintonia com os nossos alunos. Neste sentido, criámos todo um conjunto de mecanismos capazes de funcionar como elementos didáticos, no sentido de ajudar os alunos e as suas famílias a acompanhar os seus estudos em casa. Estes foram acompanhando semanalmente, numa comunicação que se baseou no envio de emails ou ainda na utilização do Sistema de Gestão Escolar (SGE), iniciativas estas complementadas com atividades fornecidas pela professora Cooperante. Paralelamente, a escola criou um horário fixo semanal no qual se conjugou este trabalho com as emissões da RTP Memória e RTP Açores, criadas pela tutela para o efeito. Na Figura que se segue, partilhamos aquele que era o horário seguido semanalmente (ver Figura 7).

(Horários com RTP Memória, Açores e professores da turma)

	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
8:00 8:30	Português RTP Memória	Estudo do Meio/ Cidadania RTP Memória	Português RTP Memória	Estudo do Meio RTP Memória	Matemática RTP Memória
8:40 9:10	Hora da leitura RTP Memória	Educação Artística RTP Memória	Matemática RTP Memória	Educação Artística RTP Memória	Educação Física RTP Memória
10:20 10:50	Português	Educação Física	Português		Estudo do Meio
11:00 11:30	Educação Artística	Matemática	Atendimento aos EE (a)		Inglês
11:45 12:10	Matemática RTP Açores	Matemática RTP Açores (11:30/12:00)	Matemática RTP Açores	Matemática RTP Açores (11:30/12:00)	Matemática RTP Açores
14:00 14:30			EMRC		

Nota: verificar as horas do início de cada aula.
Recomenda-se a visualização, preferencial, dos conteúdos da área da Matemática transmitidos na RTP Açores.

a) Atendimento aos Encarregados de Educação por parte do docente titular

Figura 7 - Horário do 2.º ano

O #EstudoEmCasa da RTP Memória, nome que foi atribuído a este conjunto de conteúdos pedagógicos e temáticos, contemplava conteúdos que faziam parte das aprendizagens essenciais nas diferentes áreas do currículo. Esta modalidade ocupava o horário das 8h40 às 9h10. De seguida, das 10h20 às 11h30, eram trabalhadas as várias áreas dos professores de turma. O programa Aprender em casa da RTP Açores era seguido logo depois, das 11h45 às 12h10, pois foram explorados apenas conteúdos pedagógicos da área da Matemática Passo-a-Passo.

Importa realçar que a Professora Cooperante desempenhou uma função central ao nível da articulação feita com alunos e com as suas famílias. Organizou o trabalho semanalmente e centralizou a função de distribuir as tarefas a todos os alunos, de forma a garantir o contacto com os pais/encarregados de educação. Neste processo, cabia à família fazer a gestão das atividades e mandar o *feedback* à professora titular.

Inseridos neste contexto, e por forma a encontrar uma resposta adequada à necessidade de continuar a nossa prática pedagógica e promover a aprendizagem das crianças desta turma, elaborámos várias planificações/sequências didáticas de forma diversificada e criativa, tirando partido do Ensino à Distância, numa primeira etapa, e

posteriormente, depois de aligeiradas as restrições da Autoridade Regional de Saúde em matéria de pandemia, recorrendo novamente ao Ensino Presencial.

Na opinião de Ribeiro (2005, p. 86), “a planificação começa com a intenção inicial de realizar alguma coisa, no entanto, ela deve ser flexível e ajustar-se aos interesses e vontades do grupo”. Assim sendo, no Ensino à Distância (a primeira parte do nosso estágio) as atividades foram planificadas de semana a semana, formadas por cinco a nove atividades, por forma a explorar vários conteúdos do Programa Curricular propostos pela Professora Cooperante, de modo a propor/disponibilizar materiais de multimédia e utilizar ferramentas digitais para criar aulas interativas. Fizemo-lo conscientes de que “compete à escola educar os estudantes para que eles saibam, de uma forma autónoma, crítica e motivada, assumir um papel construtivo nas suas próprias aprendizagens ao longo da vida” (Agostinho, 2017, p. 12).

Numa primeira fase, a planificação destinada ao Ensino à Distância foi realizada em conjunto com os vários docentes do 2.º ano, foi um trabalho da equipa educativa. No entanto, a Professora Titular considerou que devia valorizar as planificações dos professores estagiários, de modo a oferecer todas as atividades realizadas ao seu grupo. Relativamente à área da Educação Física, as aulas foram planificadas pelo docente especializado. Ainda assim, a professora titular teve sempre o cuidado de estar a par.

A segunda parte do nosso estágio que, como acima adiantámos, se desenvolveu presencialmente, foi realizada no ano letivo seguinte, com a mesma turma, com a mesma Professora Cooperante, mas com os alunos a frequentar já o 3.º ano de escolaridade.

Antes de se iniciar a caracterização global dos alunos que nos foram confiados, consideramos relevante efetuar a identificação dos diversos intervenientes que constituíam a equipa educativa que estava responsável pela lecionação naquela turma. Assim, e para além da professora titular, a turma contava ainda com um professor de Educação Físico-motora, um professor de Inglês, dois professores de apoio (um deles na área da Educação Especial) e um professor do Prof. DA, um programa promovido pelo Governo Regional dos Açores com vista ao apoio dos alunos com dificuldades de Aprendizagem ao nível da Matemática.

3.2.3. Caraterização geral da turma

Para facilitar a elaboração da caraterização da turma, recorreremos ao apoio da nossa Professora Cooperante no que respeita às rotinas estabelecidas durante os vários momentos de ensino: presencialmente e à distância. Importa salientar que, considerando o cenário pandémico daquela altura, em que nos encontrávamos todos em confinamento, toda a interação desenvolvida naquela altura foi feita com recurso a videochamadas. Apesar de não ser o contexto ideal para este tipo de dinâmicas, foi o cenário possível na altura, sem o qual a nossa ação educativa se teria tornado praticamente inviável.

Esta turma em que desenvolvemos as nossas práticas era constituída por quinze alunos, sendo doze do sexo masculino e três do sexo feminino, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos. Estavam todos matriculados no 2.º ano de escolaridade, sendo que havia 2 alunos que tinham sido retidos neste ano de escolaridade, estando a frequentá-lo pela segunda vez.

Em contexto de Ensino Presencial, a Professora Cooperante mencionou que os alunos revelavam comportamentos que apontavam para uma generalizada falta de maturidade, característica que, aleada ao facto de serem muito conversadores, acabava por provocar momentos de muita distração e dispersão e muitos trabalhos incompletos.

A turma, no geral, revelava mais dificuldades na área da Língua Portuguesa, mais concretamente no domínio da leitura e da escrita. Para colmatar esta situação, a Professora implementou mais momentos de leitura individual e expressiva, bem como a introdução de exercícios ortográficos, uma vez por semana. Ainda assim, sentiu-se necessidade de reforçar este apoio e, para este ano de escolaridade, pensou-se criar mais momentos de escrita de pequenos textos sobre temas sugeridos pelos alunos, a par de um reforço em leituras recreativas.

Importa mencionar que duas das crianças desta turma, os **alunos M e N**, apresentavam muitas dificuldades na área da Matemática e tinham, por isso, apoio direto da Professora de Dificuldades de Aprendizagem (DA). Em contexto de sala de aula, os mesmos continuaram a apresentar obstáculos à aprendizagem, devido à sua falta de atenção e concentração, bem como uma evidente falta de interesse. Na altura em que iniciámos este processo, estes alunos, para além de beneficiarem de apoio educativo nas áreas de Português e Matemática. aguardavam uma avaliação especializada por parte do Núcleo de Educação Especial.

Salientamos ainda o caso do **aluno G**, que beneficiava de Apoio Educativo, mas continuava a aguardar Apoio Psicológico Escolar, tal como se defendia no seu relatório circunstanciado.

O **aluno S** havia sido transferido no mês de janeiro e foi integrado no Apoio Educativo.

Relativamente ao **aluno A**, este encontrava-se integrado no Regime Educativo Especial, onde beneficiava de apoio direto por parte do docente de Educação Especial.

Outro caso que mereceu a nossa atenção dizia respeito ao **aluno M** que, por vezes, apresentava comportamentos desadequados no recreio, de maneira que houve alguns contactos com a sua encarregada de educação, numa tentativa de minimizar esta situação.

Em geral, a turma apresentou um comportamento aceitável, tendo consciência das regras da sala de aula. Os alunos eram alegres e tinham em comum o gosto pela descoberta e pela novidade. Eram crianças bastante ativas e participativas, pois aderiam com facilidade e entusiasmo às atividades propostas. À exceção do **aluno G**, a assiduidade e pontualidade eram também recorrentes nesta turma.

No geral, os pais/encarregados de educação mostravam algum interesse pelas atividades que os seus educandos realizavam na escola e em casa, como também eram participativos nas atividades para as quais era solicitado o seu apoio ou a sua presença.

Em contexto Ensino à Distância, no geral, quase todos os alunos vinham participando e apresentando *feedback* à Professora Cooperante através de fotos e diretos em videoconferência. Nesta nova modalidade de ensino, houve apenas dois alunos que não apresentaram nenhum *feedback*. Estes alunos foram contactados pela Professora titular e justificaram não ter tido oportunidade de enviar *feedback*, mas assumiram ter realizado as respetivas propostas de trabalho/atividades. No entanto, a Professora Cooperante nunca chegou a receber “evidências” desse trabalho.

3.2.4. Caraterização dos Professores Entrevistados

Depois de abordar os contextos onde se desenvolveu a nossa ação pedagógica no 1.º Ciclo do Ensino Básico, e à semelhança do que fizemos relativamente às Educadoras de Infância entrevistadas, achámos importante caraterizar também os cinco Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico que conosco colaboraram. Como vimos, o principal objetivo destas entrevistas foi perceber quais as opiniões e conceções destes Professores

acerca da exploração da Expressão Plástica na prática pedagógica diária, quer no ensino presencial, quer na modalidade de ensino *online*, experiência pela qual todos passámos, fruto da situação pandémica que atravessámos durante os nossos períodos de estágio.

É importante salientar que tivemos em conta um conjunto de critérios aquando da escolha dos entrevistados, com o propósito de obtermos uma amostra diversificada, no que diz respeito à sua idade, ao seu tempo de serviço, à estrutura formal da sua escola de origem e ao ano de escolaridade a que lecionavam na altura, sendo que neste caso conseguimos abranger uma maior diversidade destes contextos, em comparação com os que havíamos conseguido nas entrevistas realizadas às Educadoras de Infância, nas quais as escolas públicas, bem como as fases mais avançadas da carreira, estiveram menos representadas. No quadro que se segue, procuramos dar conta desta realidade (ver Quadro 7).

Quadro 7 - Caracterização das Professoras Entrevistadas

Entrevistados	Idade	Tempo de Serviço	Estabelecimento	Idade das Crianças
Fabiana	30	9 meses	Público	9 /10 anos
Teresa	30	6 anos	Privado	8/9 anos
Sara	40	17 anos	Público	6/8 anos
Ana	45	24 anos	Público	9/10 anos
Paula	50	33 anos	Privado	8/9 anos

Com o mesmo propósito que norteou o nosso estudo no contexto da Educação Pré-escolar, procurámos saber mais acerca das nossas entrevistadas neste novo ciclo de ensino, em especial, algumas particularidades acerca da sua formação inicial ao nível das Expressões Artísticas, mais especificamente no âmbito da Expressão Plástica e Visual, assim como as conceções que tinham acerca da importância desta área de expressão na aprendizagem das crianças. Estes e outros dados serão aprofundados, um pouco mais adiante, no último ponto deste Capítulo.

3.3. Análise Geral do Ensino à Distância

Considerando o método do Ensino à Distância, de acordo com a Direção-Geral da Educação (2020), este consistiu numa modalidade de ensino que teve como principal finalidade disponibilizar um processo de aprendizagem dinâmico por intermédio de recursos tecnológicos.

Na opinião da Professora Cooperante, o Ensino à Distância havia sido mais benéfico para os alunos com mais recursos, nomeadamente ao nível de equipamentos informáticos e acesso à internet, mas revelou-se uma má opção para aqueles que, com menos oportunidades e mais limitados a este nível, viram aumentadas as suas recorrentes dificuldades e que, por esta via, muito provavelmente, ficarão ainda mais fragilizados em termos de aprendizagem, comparativamente aos seus pares.

Numa breve pesquisa pretendemos referir as oportunidades, forças (pontos fortes), fraquezas (pontos fracos) e ameaças numa perspetiva global do Ensino à Distância. Queremos com isto dizer que num contexto em que o sistema educativo é confrontado com a necessidade de fornecer novas oportunidades educacionais, “soluções tecnológicas para a criação de novas formas de ensino é uma área vibrante da Educação, com múltiplas inovações nos últimos anos, algumas delas com provas dadas e claro impacto positivo nos alunos” (Cristo, 2020). Mas, há muitas incertezas relativamente a este método de ensino, sobretudo quando se compara com o Ensino Presencial.

Segundo Cristo (2020), “o ensino à distância é um fraco substituto do ensino presencial. Mas, claro, a sua eficácia varia em função de vários factores, desde a preparação do professor para o ensino à distância ao perfil específico do aluno. (...) O ensino à distância aparenta ser mais benéfico para “alunos experientes”, mas parece uma má opção para os alunos que já sentem dificuldades e que, por esta via, muito provavelmente, ficarão ainda mais para trás em relação aos seus pares que frequentem aulas presenciais.”

Numa perspetiva global, o Ensino à Distância apresentou-se como uma alternativa, tendo várias particularidades, de entre as quais se destacou algumas em que o aluno, com a ajuda dos pais, poderá: “Ter a liberdade de gerir a sua aprendizagem (...); Ter motivação, responsabilidade e capacidade para a auto-aprendizagem, ou seja “aprender a aprender”; Ter a possibilidade de rever a matéria quando e quantas vezes o desejar; Avançar na sua aprendizagem de forma autónoma e individualizada; Aprender ao seu ritmo, de acordo com as suas capacidades e independentemente do ritmo do

grupo, como acontece no ensino presencial; Fazer a sua aprendizagem baseando-se em materiais especialmente concebidos para o ensino à distância, por especialistas qualificados, que tentam que estas sejam mais interessantes e motivadores” (Santos, 2000, citado por Vidal, 2002, p. 22)

Quanto aos pontos negativos do Ensino à Distância pela Internet, surge o problema de falta de recursos, como o aceder à rede, além de que, os alunos/pais precisavam de alguns conhecimentos prévios da utilização de computadores e de navegação e pesquisa. Além disso, na sua grande maioria, os professores não estavam treinados nem preparados para o Ensino à Distância e, por isso, sentiram enormes dificuldades em usar as ferramentas tecnológicas com eficácia. Por fim, os professores, sentiram ainda alguma desmotivação, na ausência da socialização, uma vez que estão muito focados no sistema do Ensino Presencial.

Contudo, o Professor foi um orientador para os alunos/pais, pois este manteve um contacto frequente e motivador, porque quanto mais frequente e de melhor qualidade for a interacção dos professores com os alunos, melhor a sua aprendizagem e a motivação. Pois um dos riscos/ameaça é o de os alunos “desligarem”, de forma a cair num abandono escolar (Cristo, 2020).

3.4. A Ação Educativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Feita uma abordagem inicial aos contextos em que nos movemos no âmbito do nosso estágio pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico, é chegada a altura de, à semelhança do que fizemos no nosso estágio anterior, nos debruçarmos em torno da nossa ação educativa.

Esta prática educativa foi desenvolvida ao longo de treze intervenções, divididas em duas partes, uma primeira parte desenvolvida totalmente à distância e uma segunda parte na qual, depois de regressarmos à escola, a nossa ação foi desenvolvida presencialmente.

Neste contexto, apresentaremos de seguida o conjunto de todas as atividades que foram planeadas e implementadas no decorrer das várias intervenções, desenvolvidas tendo em conta o previsto no Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Assim, por forma a facilitar a análise e reflexão acerca das atividades que desenvolvemos, preparámos uma tabela síntese, semelhante à que apresentámos no Capítulo anterior, na qual as mesmas se encontram organizadas, por ordem cronológica,

identificando-se as respetivas áreas curriculares, bem como os contextos nos quais as mesmas se desenvolveram (ver Quadro 8).

Quadro 8 - Síntese das Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico

		Atividades		Áreas Curriculares							
<u>Intervenções</u>	<u>Calendarização</u>	<u>Número</u>	<u>Temas</u>	Cidadania	Estudo do Meio	Português	Matemática	Educação Físico-Motora	Expressões Artísticas		
									Expressão Plástica	Expressão Dramática	Expressão Musical
1.ª Intervenção (Online)	4 a 6 de maio	A1	Visualização do vídeo “A Internet nas nossas vidas”								
		A2	Exploração do texto do manual “Os Perigos da Internet”								
		A3	Exploração dos “Aspetos Positivos e Perigos da Internet”								
		A4	Exploração do texto convencional – Banda Desenhada (revisões)								
		A5	Exploração “Os Animais Domésticos e Animais Selvagens								
		A6	Jogo de tabuleiro em <i>PowerPoint</i> “Vamos conhecer os animais!”								
		A7	Exploração e vídeo do Origami Gato e o Cão								
		A8	Introdução – Os Adjetivos								
		A9	Exploração “Vamos classificar os animais”								
		A10	Exploração de Sopa de Letras (Adjetivos)								
		A11	Visualização e exploração (Aquecimento de Ed. Física)								
		A12	Exploração “Alimentação dos animais”								
		A13	Exploração - Frações								
		A14	Introdução de situações Problemáticas (com frações)								
2.ª Intervenção (Online)	11 a 15 de maio	A15	Visualização do vídeo “A Dimensão Verde no Planeta”								
		A16	Exploração de sites e vídeos <i>online</i> sugeridos sobre o Plantas								
		A17	Introdução e exploração “Plantas Espontâneas e Plantas Cultivadas”								
		A18	Leitura e compreensão do texto do manual “A Semente Curiosa”								

		A19	Redação de um texto descritivo											
		A20	Dramatização do texto descritivo											
		A21	Ilustração do texto descritivo											
		A22	Visualização e exploração do vídeo “Bem-Vindo à minha horta!”											
		A23	Exploração “Constituição da Planta”											
		A24	Exploração “Meio das Plantas”											
		A25	Exploração de Sílabas e Ordem Alfabética											
		A26	Exploração de esquemas de contagem e pictogramas											
		A27	Exploração de resolução de problemas (4 operações básicas)											
		A28	Jogo: Adivinhas “Quem sou eu?”											
		A29	Exploração do Crucigrama “Quem sou Eu?”											
		A30	Exploração “A importância das Florestas no Planeta Terra”											
		A31	Exploração dos bons e maus comportamentos, preservando as Florestas e das Plantas											
		A32	Criação do Herbário através de um guião											
3.ª Intervenção (Online)	18 a 22 de maio	A33	Visualização e exploração da história “O menino e o Foguetão”											
		A34	Construção “Foguetão de Papel”											
		A35	Visualização e exploração “Os Meios de Transporte”											
		A36	Sopa de Letras (transportes: terrestres, aquáticos e aéreos)											
		A37	Exploração: “Os Transportes”											
		A38	Contextualização “Cuidados na utilização dos Transportes Públicos”											
		A39	Exploração “Que cuidados devemos ter na utilização dos meios de transportes públicos”											
		A40	Exploração da ação relativamente à utilização dos transportes públicos)											
		A41	Contextualização e exploração: Os Itinerários											
		A42	Visualização do vídeo sobre Segurança Rodoviária											
		A43	Jogo de tabuleiro “Vamos tornar a Cidade Segura”											

4.ª Intervenção (Online)	1 a 5 de junho	A44	Jogo “A confusão dos Sinais”									
		A45	Revisão de conteúdos sobre Segurança Rodoviária									
		A46	Introdução do texto da Notícia (relacionada com a temática dos meios de transporte e as regras de segurança/sinais de trânsito)									
		A47	Exploração as formas “Sinais de Trânsito”									
		A48	Exploração das Figuras Geométricas									
		A49	Revisão e atividade com Padrões									
		A50	Exploração Musical (Voz e corpo)									
4.ª Intervenção (Online)	1 a 5 de junho	A51	Visualização e exploração “Felicidade de ser criança”									
		A52	Exploração “Os Diretos da Criança”									
		A53	Exploração “Dia Mundial da Criança”									
		A54	Contextualização e exploração do Texto Literário (Poesia) “O Dia da Criança”									
		A55	Elaboração “Cria o teu brinquedo” (Bola Giratória; Bola Voadora e/ou Corrida de Lagartas)									
		A56	Visualização “Ao longo do ano”									
		A57	Trabalho de pesquisa Consultar um familiar ou <i>link</i>									
		A58	Visualização “Os meses do ano”									
		A59	Contextualização “As quatro Estações do ano”									
		A60	Visualização do vídeo “O Panda – As quatro estações”									
		A61	Contextualização e exploração “Os estados do Tempo”									
		A62	Jogo “Como está o tempo hoje?”									
		A63	Desafio: Provérbios									
		5.ª Intervenção (Online)	15 a 19 de junho	A64	Contextualização “Minha escola, ontem, hoje e amanhã”							
A65	Exploração “A minha família”											
A66	Visualização e exploração do poema “A minha família”											
A67	Jogo de sopa de letras, palavras relacionadas com família											
A68	Elaboração do Autorretrato											

6.ª Intervenção (Presencial)	21 de setembro	A69	Realização da ficha de trabalho “Descobre em família” (Sequências e Regularidades)									
		A70	Elaboração do Colar de Massas									
		A71	Visualização e exploração “A minha Escola”									
		A72	Exploração sobre os vários espaços da escola									
		A73	Realização da tabela das tarefas que os alunos fazem em casa									
		A74	Meios de comunicação (caderneta e email)									
		A75	Elaboração de uma “Fotografia de Família”									
		A76	Visualização e exploração “No regresso à Escola”									
		A77	Visualização e exploração “Anda por aí um bichinho”									
		A78	Exploração do folheto “No Regresso à Escola”									
6.ª Intervenção (Presencial)	21 de setembro	A79	Leitura e compreensão do texto email “O itinerário”									
		A80	Exploração acerca das “caraterísticas essenciais de um email”									
		A81	Crucigrama do texto “O itinerário” (perguntas de interpretação)									
		A82	Exploração livre do email, através do computador									
		A83	Jogo Bingo da Adição									
		A84	Jogo “Tio Papel da Multiplicação”									
		A85	Exploração o itinerário									
		A86	Jogo o Lince da Subtração									
		A87	Jogo a Memória da Divisão									
		A88	Jogo “Ontem, hoje e amanhã”									
	A89	Contextualização de mapas e itinerários										
	22 de setembro	A90	Visualização e exploração do PowerPoint “O dicionário”									
		A91	Recorte e colagem das regras para consultar um dicionário no caderno diário									
		A92	Exploração e elaboração do “Dicionário da Sala”									
A93		Realização da ficha de trabalho “Ponto de Partida e Ponto de Chegada”										
A94		Jogo “Quem sou eu?”										

		A95	Jogo dos Cartões de Cores (aquecimento)										
		A96	Exploração da mobilização do corpo										
7.ª intervenção (Presencial)	23 de setembro	A97	Leitura e compreensão do texto de: banda desenhada “Mapas e Itinerários”										
		A98	Revisão do Mapa e Itinerários										
		A99	Exploração da estrutura da Banda Desenhada (Revisões)										
		A100	Ficha de trabalho: Ordenar e escrever as frases dos balões										
		A101	Elaboração de uma BD, respeitando as regras do guião										
		A102	Ilustração da Banda Desenhada										
		A103	Jogo dos cartões “As direções”										
		A104	Jogo “Qual o meu destino?”										
		A105	Jogo do robô telecomandado”										
		8.ª Intervenção (Presencial)	28 de setembro	A106	Visualização e interpretação do vídeo “A família - a primeira escola”								
A107	Pesquisar no dicionário a palavra “Família” e registar no caderno e no dicionário da sala												
A108	Elaboração do cartaz “Eu tenho uma família” (Revisão dos adjetivos qualificativos)												
A109	Exploração da “Família de palavras”												
A110	Jogo “Palavras da família e os intrusos”												
A111	Jogo “Adição em círculo” (Revisões)												
A112	Resolução da ficha de trabalho – 4 situações problemáticas, recorrendo ao algoritmo da adição com um transporte com auxílio do cartão												
A113	<i>Puzzle</i> : Qual o meu resultado?” (algoritmo da adição com transporte)												
A114	Exploração da canção: “Um amor para a vida toda” de Carolina Deslandes												
A115	Elaboração: Pintura com a técnica do garfo: “O coração” (recorte e colagem no cartaz “Eu tenho uma família”												
9.ª intervenção (Presencial)	6 de outubro	A116	Jogo: labirinto de números até à dezena de milhar										
		A117	Exploração o sistema decimal através do material multibásico até 1 milhar x 10 = 1 dezena de milhar										
		A118	Jogo didático: Caixa dos Cartões de números.										

		A119	Exploração da receita típica do Arquipélago dos Açores (bolo de ananás)										
		A120	Dramatização – Cozinha dos Açores (programa de televisão)										
		A121	Visualização e exploração do <i>PowerPoint</i> (sílabas tónicas e sílabas átonas; acentos gráficos e classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica)										
		A122	Visualização e exploração do <i>PowerPoint</i> “Regiões Autónomas”										
		A123	Exploração da maquete dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira										
		A124	Visualização e exploração do <i>PowerPoint</i> : Símbolos Regionais (bandeira, brasão e hino)										
		A125	<i>Puzzle</i> : Bandeira da Região Autónoma dos Açores e da Madeira										
		A126	Jogos tradicionais da Ilha de São Miguel										
	7 de outubro	A127	Visualização e exploração do vídeo “A Lenda das Sete Cidades”										
		A128	Introdução de siglas e acrónimos de instituições, serviços e regiões										
		A129	Dramatização do texto narrativo “A Lenda das Sete Cidades”										
		A130	Explorar o quadro de valor posicional (Revisões)										
		A131	Exploração de sequências de números (Revisões)										
A132		Jogo: Dado de Números											
10.ª Intervenção (Presencial)	12 de outubro	A133	Leitura e compreensão do texto “Ponta Delgada, a cidade memória” através do jornal <i>online</i>										
		A134	Debate “vantagens e desvantagens da versão impressa e da versão <i>online</i> dos jornais”										
		A135	Redação de um pequeno texto com as conclusões após o debate										
		A136	Jogo “Linha do Tempo” Tempos verbais (passado, presente e futuro)										
		A137	Exploração da composição e decomposição de números com o material multibásico										
		A138	Exploração de decompor o número										

		A139	Jogo dos copos “Decompõe o número”											
		A140	Exploração Corporal Movimentos ao som da música											
11.ª Intervenção (Presencial)	19 de outubro	A141	Exploração e descrição de imagens de situações do uso dos vários meios de comunicação											
		A142	Visualização do vídeo “Os sinais de pontuação”											
		A143	Exploração do Jogo “Dado dos sinais de pontuação”											
		A144	Jogo “Telefone do cálculo mental” (Revisões – adição)											
		A145	Jogo “Telemóvel das operações” (adição)											
		A146	Realização da atividade “Ao som da Música”											
12.ª Intervenção (Presencial)	26 de outubro	A147	Exploração do dicionário											
		A148	Exploração oral da entrada da máquina do tempo (exposta na porta da sala)											
		A149	Visualização do vídeo informativo “À descoberta da minha localidade”											
		A150	Realização da ficha de trabalho (nomes dos monumentos da Cidade)											
		A151	Visualização e exploração do vídeo “O passado da Ilha de São Miguel”											
		A152	Apresentação do (TPC) cartaz sobre festas ou jogos tradicionais ou gastronomia ou trajes típicos da Ilha de São Miguel											
	27 de outubro	A153	Jogo “Linha do tempo” (Tempos verbais - revisões)											
		A154	Visualização do PowerPoint “Vamos aprender os verbos?”											
		A155	Exploração – “Os verbos”											
		A156	Exploração do Relógio das Tabuadas (2, 3, 4, 5, 6, e 7)											
		A157	Consolidação: Tabuada em círculo (2, 3, 4, 5, 6, e 7)											
	A158	Puzzle da tabuada (6 e 7)												
	A159	Visualização e exploração do vídeo “Conhecer a nossa cidade”												
	A160	Visualização e exploração do vídeo “A grande boca do crocodilo Tôze pela Ilha de São Miguel”												
	A161	Jogo “O maior número”												

28 de outubro	A162	Exploração dos sinais de maior, menor e igual									
	A163	Realização da ficha de trabalho “O tesouro do Tempo”									
	A164	Leitura e compreensão do texto “Um roteiro turístico da ilha de São Miguel”									
	A165	Exploração dos monumentos históricos da cidade de P. Delgada									
	A166	Visualização do vídeo “Nomes próprios e nomes comuns”									
	A167	Exploração dos “Nomes próprios e nomes comuns”									
	A168	Apresentação de cartazes sobre festas, jogos tradicionais, gastronomia ou trajes típicos da Ilha de São Miguel									
	A169	Exploração dos Jogos tradicionais da Ilha de São Miguel (Jogos do Lencinho e Cebra-cega)									
	A170	Realização de exercícios do manual de Português – Laboratório Gramatical – Sinais de Pontuação									
	A171	Redação de um texto narrativo “Um dia especial na minha cidade”									
	A172	Decoração das personagens em fantoche do texto “Um dia especial na minha cidade”									
	A173	Dramatização em grupo “Um dia especial na minha cidade”									
	A174	Visualização e exploração do vídeo “PASSADO - A Máquina do Tempo da turma 3.º I									
	A175	Exploração “Somos o Futuro”									

De acordo com a tabela apresentada, observamos que foram propostas/exploradas, no total, 175 atividades, que possibilitaram o desenvolvimento de diversas capacidades em várias áreas de conteúdo. Para facilitar a leitura e compreensão da tabela da nossa ação educativa, utilizámos a cor verde-escuro para assinalar a área que esteve em foco em cada atividade e a cor verde-claro para as áreas que lhes estiveram associadas. Na coluna das atividades, sinalizámos a azul todas aquelas que convocaram a Expressão Plástica e que aprofundaremos um pouco mais adiante.

Após analisarmos a tabela, vimos que ao longo do estágio foram desenvolvidas, com mais frequência, atividades que se inseriram nas áreas do Estudo do Meio, Português

e Matemática. Com menos frequência, desenvolveram-se atividades nas áreas de Expressão Plástica, Expressão Dramática e Expressão Musical.

Uma vez que as atividades desenvolvidas foram muitas, decidimos sintetizá-las e falar daquelas que entendemos serem mais relevantes e pertinentes, tendo em conta a temática que decidimos aprofundar neste trabalho, bem como as principais dificuldades e desafios encontrados durante a sua implementação. Um dos principais desafios foi o facto de a nossa ação educativa ter partido do Ensino à Distância. Neste contexto, foi fundamental, nos vários dias da semana, apresentar momentos de visualização de vídeos e apresentações de diaporamas, de modo a contextualizar e consolidar as temáticas e os respetivos conteúdos que se pretendia explorar.

A **primeira intervenção (online)** foi realizada em conjunto com o colega de estágio e decorreu entre os dias 4 e 6 de maio. Nesta intervenção, foram abordados conteúdos da área do Português, do Estudo do Meio, da Matemática, da Educação Física, das Expressões Artísticas, mais concretamente, da Expressão e Educação Plástica e, por último, mas não menos importante, da área de Cidadania. Foi explorado a temática “A Internet nas nossas vidas”, atendendo às circunstâncias que vivíamos. Neste sentido, esta temática foi trabalhada durante a primeira sequência didática, abordando alguns conteúdos que nos foram sugeridos pela Professora Cooperante, tais como: os perigos da Internet, os adjetivos, os animais domésticos e selvagens e as frações.

No que diz respeito à área do Português, o Currículo Regional de Educação Básica (2011, p. 11) defende que promover a aprendizagens nesta área “uma responsabilidade curricular transversal”. Isto significa que, todas as áreas curriculares devem contribuir para a aquisição e desenvolvimento de competências da área do Português. Logo, de forma a explorar os perigos da Internet, foi pedido às crianças a visualização do vídeo “A Internet nas nossas vidas” (A1), realizado pelos estagiários, de forma a contextualizar a temática desta primeira intervenção. Assim sendo, foi feita a leitura e compreensão do texto do manual “Os Perigos da Internet” (A2) e ainda a exploração dos “Aspectos Positivos e Perigos da Utilização da Internet” (A3), uma atividade na área da Cidadania. Nesta atividade, os alunos tinham de ler as frases do quadro que se encontravam no documento e de as agrupar numa de duas colunas (a coluna dos aspetos positivos e a coluna dos perigos da internet). Fizemo-lo conscientes de que a língua portuguesa é importante no desenvolvimento individual da criança, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e no exercício da cidadania.

Na atividade que se seguiu, de produção de texto da banda desenhada, as crianças adquiriram a sua competência de escrita, aplicando as regras dos processos gramaticais da nossa língua. Ou seja, primeiramente, foi feita uma breve contextualização do texto conversacional – a Banda Desenhada (A4), num pequeno documento em formato *word*. Foi também solicitada às crianças a pesquisa de bandas desenhadas, na internet, como a leitura de um guião para a elaboração de uma banda desenhada, de forma que a criança criasse o seu próprio registo e, por fim, o ilustrasse recorrendo a materiais de pintura. Esta foi uma atividade que permitiu à criança a escolha de materiais e cores que melhor se adequavam à sua sensibilidade, desenvolvendo assim as suas capacidades expressivas.

Outro conteúdo abordado na área do Português foram os adjetivos, conteúdo este que dinamizámos com base na exploração das características dos animais. Foi realizada uma breve contextualização do conteúdo (A8), uma atividade de correspondência (A9) e uma atividade a sopa de letras (A10) com alguns adjetivos com que podemos qualificar o gato (animal doméstico).

Relativamente à área do Estudo do Meio, foi realizado um jogo de tabuleiro “Vamos conhecer os animais” (A6), com o intuito de consolidar e rever os conteúdos que, haviam sido abordados no diaporama “Os Animais Domésticos e Animais Selvagens” (A5), de modo a proporcionar um momento mais lúdico, dinâmico e motivador para as crianças. Deste modo, segundo a perspetiva de Santos (2000), o jogo consiste numa ferramenta essencial na aprendizagem, visto que estimula os interesses dos alunos e desenvolve diferentes níveis da sua experiência pessoal e social, simbolizando assim “um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem” (p. 38).

Quanto à área da Matemática, esta esteve sempre presente no nosso quotidiano, de diversas formas, até porque “é uma das ciências mais antigas e é igualmente das mais antigas disciplinas escolares, tendo sempre ocupado, ao longo dos tempos, um lugar de relevo no currículo” (Ponte, 2007, p. 2).

No que diz respeito a esta área em específico, o conteúdo que foi abordado nesta sequência didática, prendeu-se com as frações, que explorámos através de um vídeo (A13), e da resolução de situações problemáticas (A14), relacionadas com a alimentação dos animais. Neste contexto, Sousa (2014) refere que existe uma multiplicidade de representações para o número racional, ou seja, os alunos devem compreender que um número racional pode ser representado na forma de fração, linguagem natural e pictórica, entre outras.

Em relação à Área de Educação Física, esta foi associada à área do Estudo do Meio. Explorámos um pequeno vídeo realizado pelos estagiários (A11), de modo que as crianças pudessem “imitar” a realização de pequenos percursos, simulando formas de locomoção dos animais. Fizemo-lo conscientes de que, tal como defende Jesus (2013) esta área “permite o encontro da criança com um conjunto diversificado de práticas e ações necessárias ao desenvolvimento físico-motor e impulsionadoras de um bom entendimento entre o fazer/executar e o mental” (p. 18).

Relativamente à área da Expressão e Educação Plástica, foi realizado um diaporama explicativo da construção de um “Origami – Gato e o Cão” (A7), através de um pequeno vídeo realizado pelo par pedagógico, onde se demonstravam todos os passos da técnica da dobragem. Esta atividade teve a intenção de alargar o campo de experiências das crianças, respeitando a sua expressividade plástica na decoração de cada animal proposto, de forma a desenvolver a habilidade manual e a concentração. De acordo com o Programa e Organização Curricular (2004), esta área apresenta como principal objetivo a exploração livre de meios de expressão e gráfica e plástica das crianças. Como vimos no nosso primeiro Capítulo, assume-se ainda como um recurso essencial ao nível da educação, não apenas como instrumento de desenvolvimento pessoal, social, cognitivo e emocional, mas também como instrumento transversal na aprendizagem de todas as áreas escolares, no desenvolvimento da motricidade, da criatividade e da imaginação das crianças.

Em jeito de balanço, esta primeira experiência foi encarada com alguma ansiedade e receio, sentimento partilhados com os Professores Cooperantes, Orientadores e crianças, não apenas por ser a nossa primeira intervenção pedagógica, mas por estarmos a desenvolvê-la num registo diferente, completamente à distância.

A **segunda intervenção (online)** foi realizada em conjunto com o nosso par pedagógico e decorreu entre os dias 11 e 15 de maio. Nesta intervenção foram abordados conteúdos da área do Estudo do Meio, do Português, da Matemática, da Expressão e Educação Dramática, da Expressão e Educação Plástica e, por último, mas não menos importante, da área de Cidadania. Teve como principal temática “As Plantas”. Esta temática foi explorada de modo a abordar também outros conteúdos que nos foram atribuídos pela professora cooperante, nomeadamente: o texto descritivo, as sílabas, a ordem alfabética, os esquemas de contagem e os pictogramas.

Na área do Estudo do Meio, foi introduzido, de forma a contextualizar a principal temática, a visualização do vídeo “A dimensão verde no nosso planeta” (A15). Neste

vídeo foram abordados alguns conteúdos importantes sobre as plantas, nomeadamente, as plantas espontâneas e as plantas cultivadas, entre outros. Foi ainda sugerida a consulta de *sites* e vídeos *online* (A16), relativamente à temática supramencionada, bem como uma pesquisa de algumas plantas espontâneas e cultivadas nos Açores. De seguida, as crianças tiveram oportunidade de completar um quadro, com o nome das plantas que pesquisaram, de modo a colocar na coluna correta (Plantas espontâneas/ Plantas Cultivadas) (A17). Este exercício foi feito num documento em formato de *PowerPoint*, pois consideramos que este tipo de recursos digitais constitui uma mais-valia para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois desenvolve a autonomia, o espírito crítico, ou ainda a exploração de outras fontes na construção do seu conhecimento. Para além disso, atendendo à temática em questão e visto que um dos elementos do par pedagógico tinha uma horta, este foi um excelente recurso para explorar determinados conteúdos relacionados o Estudo do Meio, nomeadamente, os tipos de plantas, a sua constituição e os meios onde vivem as plantas.

No que diz respeito à área do Português, foi feita a leitura e exploração do texto “A Semente Curiosa” (A18), que constava do manual utilizado pela turma, com o acompanhamento de um áudio feito pelos estagiários, com recurso ao *PowerPoint*. Neste mesmo diaporama, foi realizada uma breve exploração dos aspetos essenciais do texto lido e ouvido anteriormente, tais como os processos de crescimento de uma planta. Posteriormente, foi dada a oportunidade de as crianças elaborarem um texto descritivo tendo por base o texto “A Semente Curiosa” (A19), de modo a mencionar as principais etapas de crescimento de uma planta. Neste texto, os alunos tiveram de respeitar as regras do guião.

Ainda nesta área, deu-se espaço para a exploração da divisão silábica e para a ordenação alfabética de palavras relacionadas com as plantas (A25), permitindo assim à criança o conhecimento da aplicação das regras e processos gramaticais da língua, em diversas situações da escrita. Neste contexto, proporcionámos ainda a exploração de jogos variados e divertidos à volta das palavras e das regras de escrita, como adivinhas (A28) e palavras cruzadas (A29).

Neste sentido, defendemos com Alonso (2011) que a área de Língua Portuguesa desenvolve processos de compreensão e de expressão oral e escrita em torno de temáticas de âmbito ambiental, como é o caso específico desta unidade didática, contribuindo para a análise e reflexão sobre estas temáticas, de modo a relacioná-las com as vivências dos mais pequenos.

Na área da Expressão Dramática, as crianças tiveram oportunidade de dramatizar as principais etapas de crescimento de uma planta (A20), através da sua linguagem começavam por desempenhar o papel de semente e, lentamente, cresciam até se tornarem árvores com ramos e folhas, que até podiam bailar com o vento. Nesta atividade foi pretendido que a criança convocasse a sua capacidade de improvisação, aspeto que, na perspetiva de Alves (2007), “permite à criança explorar o mundo exterior através de experiências concretas sobre as quais são construídas as noções básicas para o seu desenvolvimento intelectual” (p. 17).

No que se refere à Área de Expressão e Educação Plástica, as crianças ilustraram o texto descritivo (A21) e ainda criaram um herbário (A32), onde exploraram a sua capacidade de selecionar, cortar e colar. Importa referir que as crianças que não tiverem possibilidades de juntar plantas, podiam pesquisar na internet e produziam o desenho sobre determinadas espécies. Nesta atividade, a natureza assumiu-se como ponto de partida para a observação e criatividade do herbário, pois a criança desenvolveu a sua concentração e empenho nas diferentes tarefas.

No que concerne à área da Matemática, foi explorada a organização e tratamento de dados, através exercícios baseados em esquemas de contagem e com pictogramas, envolvendo as Plantas (A26). Era nossa intenção ensinar as crianças a ler e interpretar dados, envolvendo-se em experiências de recolha e organização, representando-os em esquemas de contagem e pictogramas (Martins, 2010).

Outra atividade que integrou a nossa proposta foi a resolução de problemas (A27), de modo a rever as quatro operações básicas: adição, subtração, multiplicação e divisão. Na nossa perspetiva, enquanto futuros Professores, é fundamental demonstrar situações concretas relacionadas com o quotidiano, de modo que os alunos aprendam de uma forma mais significativa.

Relativamente à área da Cidadania, foi explorada a importância das Florestas no Planeta Terra (A30), através de um vídeo, como também os bons e maus comportamentos a adotar na preservação das Florestas e das Plantas (A31). Estas tiveram por base a reflexão e a ação de determinadas problemáticas sentidas pelas crianças e na sociedade, até porque esta área contribui para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus deveres e o respeito pela natureza. Segundo o modelo defendido por um vasto leque de autores, a área da Cidadania é uma área transversal a todas as áreas do currículo, podendo-se envolver nas diferentes dimensões da Educação.

A **terceira intervenção (online)** foi realizada em conjunto com o nosso par pedagógico e decorreu entre os dias 18 e 22 de maio. Nesta intervenção foram abordados conteúdos da área do Português, do Estudo do Meio, da Matemática, da Educação Física, da Cidadania, da Expressão e Educação Plástica e Musical. Esta intervenção teve como principais temáticas “Os meios de Transporte” e as “Regras de Prevenção e Segurança Rodoviária”. Estas temáticas foram exploradas de modo a abordar alguns conteúdos, que foram escolhidos pelo par pedagógico, com o respetivo parecer da Professora Cooperante, nomeadamente: a leitura, a compreensão e escrita de texto, a ortografia, a notícia, os meios de transportes e segurança rodoviária, os itinerários, as figuras geométricas e os padrões.

Relativamente à área do Português, foi explorado o vídeo da história “O menino e o Foguetão” (A33). Na sequência da exploração deste vídeo, os alunos tinham de ler a história sozinhos e, numa fase posterior, podiam acompanhar a história com o áudio fornecido pelos estagiários. Foi também sugerido que procurassem no dicionário o significado das palavras desconhecidas e que seleccionassem aquelas que entendiam ser as suas palavras-chave. Após a realização das atividades anteriores, os alunos tinham de responder a pequenas perguntas de interpretação.

Feita a visualização desse vídeo foi possível introduzir a definição de texto narrativo, de forma que as crianças pudessem elaborar um pequeno texto sobre a história dada. Neste caso específico, cada criança tinha de imaginar que era o menino da história e contava a sua viagem com o foguetão ao espaço.

Outra atividade que foi realizada nesta área foi a exploração do texto da notícia (A46), na qual as crianças tinham de escrever uma pequena notícia, relacionada com a temática dos meios de transporte e com as regras de segurança/sinais de trânsito. Sugerimos que ilustrassem os seus textos com desenhos ou fotografias de revistas/jornais. Após a elaboração dos textos da notícia, a ideia era os Encarregados de Educação enviarem para a Professora Cooperante as criações dos seus educandos e a Professora Cooperante enviar para os estagiários, de modo que, no final desse processo, criasse um pequeno jornal digital, de modo a circular por todos os Encarregados de Educação, ou até mesmo pelas restantes turmas do 2.º ano da escola. No entanto, e há semelhança do que aconteceu com outras propostas, não houve qualquer *feedback* desta atividade.

Escolhemos esta estratégia conscientes de que, tal como defendem Barbeiro e Pereira (2007) a escrita exige a capacidade de selecionar e de combinar expressões linguísticas, organizando-as numa unidade de nível superior, de modo a construir uma

representação do conhecimento, correspondente aos conteúdos que se pretende explorar. Neste sentido, a escrita encontra no texto a forma mais relevante de representação do conhecimento.

Em relação à área de Educação e Expressão Plástica, foi feita a visualização de um pequeno vídeo, de modo a dar algumas instruções importantes para a elaboração da atividade que se seguiu, a construção de um pequeno foguetão de papel (A33). Nesta atividade, as crianças foram convidadas a criar, a selecionar determinados materiais e a experimentar diferentes técnicas como a pintura e o recorte e colagem.

Na área do Estudo do Meio foi explorado o vídeo “Os Meios de Transporte” (A35), nomeadamente: terrestres, aéreos e aquáticos, a sua evolução e os seus principais tipos (públicos e privados). Outras atividades que também foram exploradas nesta área, que convocaram o tema em causa, foram uma sopa de letras (A36) e uma atividade de correspondência (A37).

Foi feita ainda a contextualização de outra temática relacionada com as anteriores – a Segurança Rodoviária (A42), através de uma apresentação em *PowerPoint*. Nesta apresentação, foram abordados conteúdos com as regras de prevenção e segurança rodoviária e os sinais de trânsito. Com este propósito, foi explorado o Jogo de tabuleiro, em *PowerPoint*, intitulado “Cidade Segura” (A43). Este jogo tinha como principal objetivo responder a determinadas questões a propósito das regras de prevenção e segurança rodoviária, de modo que as crianças identificassem os comportamentos corretos e incorretos de uma forma mais dinâmica e lúdica.

Outra proposta que fizemos tendo por base a temática da Segurança Rodoviária foi a atividade “A Confusão dos Sinais” (A44). Esta atividade consistiu, essencialmente, em agrupar os sinais de trânsito nas respetivas categorias: sinais de perigo, sinais de proibição, sinais de informação e sinais de obrigação. Fizemo-lo conscientes de que, tal como defende Silva (2016), “o Estudo do Meio assume uma perspetiva integrada e integradora do currículo nacional” (p. 3). Ainda, de acordo com este autor, é integrada, pois explora diversos domínios científicos de um modo interdisciplinar. Contudo, é vista como integradora, dado que as suas temáticas são excelentes pontos de partida para trabalhar e explorar as diferentes unidades curriculares.

No que diz respeito à área da Matemática, no caso concreto das atividades, estas foram, essencialmente, associadas ao domínio da Geometria, mais concretamente aos conteúdos das Figuras Geométricas (A48) e dos Padrões (Repetição e Crescimento) (A49). Importa clarificar que procurámos proporcionar um trabalho integrado, sendo que

todas estas atividades estavam relacionadas com os Sinais de Trânsito e com situações concretas do quotidiano das crianças, de modo que elas aprendessem de uma forma mais significativa.

No que concerne à área da Cidadania, foi realizado um jogo de tabuleiro “Cuidados na utilização dos Transportes” (A38), com o intuito de consolidar e rever os conteúdos que tinham sido abordados anteriormente, de um modo mais lúdico, dinâmico e motivador para as crianças. Este jogo tinha como principal finalidade as crianças distinguirem os bons e os maus comportamentos relativamente à Segurança Rodoviária, de modo a tornarem-se cidadãos mais responsáveis.

Finalmente, na área de Expressão e Educação Musical, a atividade centrou-se mais uma vez no tema da Segurança Rodoviária, que serviu de mote para a exploração de sons através do corpo (A50). As crianças começaram por ouvir uma canção e, numa fase posterior, tinham de cantar o seu refrão acompanhando da respetiva letra. Numa fase final, os alunos tinham de reproduzir o ritmo da canção com batimentos com o corpo (palmas e mãos nas pernas, de modo alternado). Fizemos esta proposta conscientes de que, tal como sublinha Santos (2010), toda a Expressão Musical adaptada a um ritmo é o resultado de um conjunto complexo e riquíssimo de atividades coordenadas. Por isso, a atividade de cantar, bater palmas, bater nos joelhos, são experiências importantes para a criança, pois desenvolve o senso rítmico e a coordenação motora.

A **quarta intervenção (online)** foi realizada individualmente e decorreu entre os dias 1 e 5 de junho. É de salientar que as áreas convocadas ao longo desta intervenção foram a Cidadania, a Língua Portuguesa, a Expressão e Educação Plástica e Musical, a Matemática e, por último, a área do Estudo do Meio. A nossa planificação teve como temática integradora “A felicidade de ser criança”, considerando a celebração do *Dia Mundial da Criança*, uma data comemorativa celebrada anualmente em homenagem aos mais pequenos. Neste sentido, foi proposta a exploração de alguns conteúdos, acordados com a professora cooperante, tais como: o texto literário (poema), grandezas e medida (dias, semanas, meses, ano...), o calendário, as estações do ano e os estados do tempo.

Importa mencionar que esta temática se insere na área da cidadania, pois foi feita a exploração de um vídeo com testemunhos das próprias crianças a definirem o que é a felicidade para elas. São relatos espontâneos, verdadeiros, onde se representam as suas emoções. Foi também facultado um diploma com os direitos das crianças, pois todas têm o direito de serem ouvidas e respeitadas, seja na família, na escola ou na sociedade. O Dia

1 de junho serve também para lembrarmos e ajudarmos aquelas que estão privadas dos seus direitos, mas também para alertar para a importância de os respeitarmos.

Relativamente à área do Português, foi explorado o diaporama “Dia Mundial da Criança” (A53), no qual foi feita a leitura e compreensão do texto literário (poesia) “O dia da Criança”. Foi ainda abordada a definição e principais regras de escrita do texto literário, de forma que as crianças realizassem uma quadra alusiva ao título “Sou feliz por ser criança”. Este foi um processo de escrita bastante criativo, ou seja, à medida que as crianças iam escrevendo, iam planificando a sua escrita de forma a conseguirem um bom produto final.

Importa referir que a Poesia, um dos géneros literários mais subjetivos, é de grande importância para a educação das crianças, pois ajuda a despertar a sensibilidade para um melhor desenvolvimento humano. Nas palavras de Melo (2011) “poesia e educação juntas são um meio valioso de aprender e praticar o que se aprende, expressando seus sentimentos e respeitando o outro e suas opiniões. A Poesia atribui à educação um valor inestimável, ao qual damos o nome de arte” (p. 93).

Na área de Expressão e Educação Plástica, foi explorado o vídeo “Cria o teu brinquedo” (A55), um recurso que utilizámos para explicar todos os passos para a construção de um brinquedo à escolha da criança. Os brinquedos sugeridos foram: uma bola giratória, uma bola voadora e/ou uma corrida de lagartas. De acordo com o Programa deste nível de ensino (2004), “as crianças necessitam de explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objectos, procurando, livremente, maneiras de os agrupar, ligar, sobrepor...Fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objectos” (p. 90). A este respeito, Eisner e Stern (citados por Gonçalves, 1991), enaltecem o potencial das atividades artísticas, tanto ao nível do desenvolvimento de competências da autoestima, autoconfiança, autonomia, capacidade reflexiva e de tomada de decisão, bem como, na promoção da flexibilidade e autenticidade do pensamento. Através do desenvolvimento destas competências nas crianças, potencia-se a capacidade para ultrapassar situações adversas com que se deparem ao longo da vida e desenvolve-se a capacidade “de vencer os obstáculos que a sociedade diariamente lhes apresenta” (p. 21).

No que diz respeito à área da Matemática, foi proposta a exploração da atividade de consolidação “Ao longo do ano” (A56). Explorou-se a leitura de calendários, nomeadamente, ao nível dos dias da semana, meses do ano, ano comum, ano bissexto e

estações do ano. Esperava-se que as crianças conhecessem as datas comemorativas e as sinalizassem no calendário, com destaque para o Dia Mundial da Criança. Por forma a facilitar uma melhor apropriação destas datas, foi sugerido um recurso de consulta através de um *link* fornecido pela estagiária (A57).

De modo a reforçar estes conteúdos, na área da Educação e Expressão Musical, as crianças, primeiramente, memorizavam a quadra popular “Os meses do ano” (A58). Numa fase posterior, tinham de cantar a quadra, acompanhando a letra e, por fim, tinham de reproduzir o ritmo da canção com um instrumento que tivessem em casa, por exemplo. Como sabemos, esta área ajuda no processo de aprendizagem, uma vez que desenvolve determinadas capacidades, nomeadamente: facilita a assimilação de conteúdos, desenvolve o sentido de ritmo, melhora a interação, desenvolve a sensibilidade, a criatividade, o prazer de ouvir música, a memorização, entre outros.

Relativamente à área do Estudo do Meio, foi proposta a exploração do conteúdo “As quatro estações do ano” (A59) através do *PowerPoint*. Exploraram-se conteúdos acerca das quatro estações e das suas características através de correspondências, preenchimento de espaços de pequenos textos: dias, meses, características das diferentes estações, como por exemplo as mudanças nas árvores, que variam de aspeto ao longo do ano. Posto isto, num momento mais lúdico, foi proposta a visualização do vídeo “O Panda e os Caricás - As 4 Estações”, de modo a proporcionar um momento de musicalidade e, ao mesmo tempo, a consolidação dos conteúdos explorados (A60).

Outra atividade proposta foi a visualização do vídeo “Os estados do tempo” (A61). Neste vídeo, eram abordados conteúdos acerca dos diferentes estados do tempo, permitindo às crianças fazer a correspondência do estado do tempo às respetivas imagens. Depois de visualizarem o vídeo explicativo dos diferentes estados do tempo, relacionavam-nos com as diferentes estações do ano. Posto isto, poderiam avançar para a atividade “Como está o tempo hoje?” (A62). Neste jogo foi disponibilizada a planificação do dado, no qual a criança desenhava e pintava em cada face os estados do tempo (solarengo, nublado, com chuva, trovoada, neve e vento). De seguida, através de técnicas básicas da Expressão Plástica, em especial o recorte e a colagem, deram forma aos seus dados, de modo a fazer vários lançamentos até preencher a tabela do estado do tempo.

A **quinta intervenção (online)** foi realizada individualmente e decorreu entre os dias 15 e 19 de junho. As áreas convocadas ao longo desta intervenção foram a Língua Portuguesa, a Matemática, o Estudo do Meio, a Expressão e Educação Plástica e a Cidadania. Foram acordados alguns conteúdos a explorar com a Professora cooperante,

tais como: adjetivos qualificativos; sequências; regras de convivência; meios de comunicação pessoal e consciência das várias medidas de proteção face à pandemia que atravessávamos (covid-19).

Neste sentido, esta intervenção teve como temática integradora “Minha escola, ontem, hoje e amanhã”, de modo a relembrarmos que a nossa primeira escola é a família, a principal e responsável pela nossa educação, independentemente do seu tamanho, da sua composição ou tipologia. Todas as famílias são importantes desde que haja amor, respeito e proteção. É o porto seguro onde, de forma consciente ou inconsciente, são transmitidos valores e crenças através do exemplo, das atitudes e comportamentos dos que nos rodeiam, por forma a nos tornarem melhores seres humanos.

Para além da família, a Escola desempenha um papel importante no desenvolvimento das crianças, uma vez que é a instituição que assegura a instrução e colabora na sua educação. Família e Escola são assim parceiras para o sucesso de qualquer criança.

Nesta ordem de ideias, na área de Cidadania, foi apresentado um vídeo de contextualização “A minha família” (A64). Neste vídeo eram explorados os valores da família, como base da educação dos alunos e, posteriormente, a importância da escola, como instituição de instrução para os alunos. Como complemento, com o objetivo de alertar para os efeitos da pandemia pela qual estávamos a passar e de forma a consciencializar para as medidas de proteção no regresso à Escola, foram ainda propostas as atividades “No regresso à escola” (A76) e “Anda por aí um bichinho” (A77), complementadas com a exploração de um folheto informativo (A78).

Na área do Português, as crianças tiveram de realizar a leitura e compreensão do poema “A minha Família” e realizaram o jogo de sopa de letras com palavras relacionadas com a família (A67). Optámos por sugerir este jogo conscientes de que, tal como sublinha Condessa (2009) este

pode ter uma utilização pedagógica com uma linguagem universal e um poder robusto de significação nas estratégias de ensino-aprendizagem. A existência de ambientes lúdicos em situações de aprendizagem escolar permite que as crianças obtenham mais facilidade em assimilar conceitos e linguagens progressivamente mais abstratos. Os estudos de investigação têm demonstrado que as crianças que foram estimuladas a partir de contextos lúdicos obtêm maior sucesso e adaptação escolar de acordo com os objetivos pedagógicos perseguidos (p. 18)”.

Nesta mesma área, de forma de analisar a parte gramatical, foram explorados os adjetivos qualificativos, uma competência do conhecimento explícito da língua. Neste contexto, foi pedido às crianças para atribuírem qualidades à família, casa e escola. Foi também sugerido às crianças que criassem anedotas, com o apoio da família e com recurso à internet.

Na área da Matemática, centrámo-nos essencialmente nas sequências e regularidades (A69). Os alunos tinham de descobrir ou criar uma repetição (regra ou critério) na organização ou nas características de uma lista de imagens, objetos ou números, de forma a trabalhar a respetiva sequência, na tentativa de melhor compreenderem o mundo que as rodeia e resolver problemas.

Em relação à área do Estudo do Meio, foi visualizado e explorado o vídeo “A minha Escola” (A71), na sequência do qual foi pedido um roteiro, de forma a recolher dados importantes da instituição escolar que frequentavam. Foram ainda exploradas algumas regras de convivência social no recreio e em casa (A71).

Ainda nesta área, foi apresentada uma atividade relacionada com os meios de comunicação pessoais na escola (A74), mais concretamente, com a caderneta do aluno, o recurso mais utilizado no ensino presencial e com o correio eletrónico, o recurso mais utilizado no ensino à distância.

No contexto da Expressão e Educação Plástica, foi proposta a atividade “Fotografia em Família” (A75), através de uma apresentação em *PowerPoint*, que mostrava como um frasco de vidro passa a um porta-retratos, neste caso, uma fotografia da família. Neste vídeo propúnhamos a decoração do frasco e a técnica para colocar a fotografia no seu interior. Importa salientar que a nossa intenção era estimular as crianças a desenvolverem as suas competências recorrendo a materiais que tinham em casa e convocando a sua criatividade. Fizemo-lo conscientes de que, tal como defende Sousa (2003) a Expressão Plástica

é essencialmente uma actividade natural, livre e espontânea da criança. (...) O seu principal objectivo é a expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança. (...) É a acção que interessa, é o acto de criar que é expressivo e não a obra criada (p. 160).

A **sexta intervenção (presencial)** foi realizada em conjunto com o nosso par pedagógico e decorreu entre os dias 21 e 22 de setembro. Importa recordar que, com o

regresso ao ensino presencial, esta intervenção marcou o início da segunda parte da nossa ação educativa. Tivemos por base, desta vez, as observações que fizemos junto da turma, em continuidade, agora no 3.º ano de escolaridade.

As áreas convocadas ao longo desta intervenção pedagógica centraram-se essencialmente no Português, no Estudo do Meio, na Matemática, na Expressão e Educação Plástica e, por último, na área de Expressão e Educação Físico-Motora. Esta intervenção teve como principal temática “Os Mapas e Itinerários”. Neste contexto, apesar desta temática pertencer ao programa de Estudo do Meio do ano de escolaridade em questão, importa referir que foram retomados determinados conteúdos inerentes a esta temática, específicos ao 2.º ano de escolaridade, uma vez que algumas das atividades relacionadas com este tema, por constrangimentos relacionados com a pandemia, não haviam sido implementadas no 1.º momento do Estágio Pedagógico II. Assim sendo, esta temática foi explorada de modo a abordar e rever determinados conteúdos que foram selecionados pela Professora Cooperante, nomeadamente: a leitura e compreensão de texto (texto informativo), os verbos, as quatro operações (adição, multiplicação, subtração e divisão) e os Mapas e os Itinerários.

Relativamente à área do Português, foi realizada e explorada a leitura do texto informativo (o email), tendo como tema “O itinerário” (A79). Após a leitura e interpretação oral do texto, as crianças realizaram uma atividade que tinha por base o preenchimento de um crucigrama, no qual tinham de interpretar as perguntas, de uma forma mais lúdica. Outra atividade desenvolvida nesta área foi a exploração do dicionário (A90), mais concretamente das suas regras. Como sabemos, esta é uma ferramenta de aprendizagem muito usada, principalmente por quem está a aprender a ler e a escrever.

Deste modo, as crianças recortaram e colaram toda a informação em esquema no seu caderno diário. Posteriormente, foi apresentado um dicionário, elaborado propositadamente pelo par pedagógico, para que os alunos pudessem registar alguma palavra, cujo significado desconhecem, como por exemplo “itinerário”. Importa referir que este dicionário ficou permanentemente na sala de aula, de modo que os alunos pudessem ir registando novas palavras. Este foi, sem dúvida, um recurso muito utilizado ao longo da nossa ação pedagógica, pois as crianças ficaram motivadas para acrescentar novas palavras por elas desconhecidas.

Nesta mesma área do Português, avançámos também para a exploração dos verbos, através do jogo “Ontem, hoje e amanhã” (A88). Neste jogo, as crianças tinham de identificar a ação praticada nas frases, permitindo assim o conhecimento de processos

gramaticais da língua, para que pudessem fazer uso sustentando do português padrão nas diversas situações da escrita e do diálogo. Tratando-se de um recurso lúdico e pedagógico, pretendia-se, simultaneamente, divertir e ensinar as crianças. Fizemo-lo conscientes de que, tal como defende Neto (2001), “a criança aprende a estruturar a linguagem através do jogo, isto é, brinca com verbalizações e, ao fazê-lo, generaliza e adquire novas formas linguísticas” (p. 195).

Relativamente à área da Matemática, os conteúdos abordados, numa primeira fase do início do ano letivo, foram substancialmente relacionados com revisões, de modo que as crianças consolidassem bem todos os conteúdos lecionados ao longo do ano letivo anterior, tendo em consideração o período de interrupção letiva, o período do Ensino à Distância e as naturais dificuldades sentidas pela turma. Nesta intervenção foi importante revermos as quatro operações básicas. Assim sendo, como revisão e consolidação deste conteúdo, foi realizado um conjunto diversificado de jogos e atividades lúdicas dedicadas às operações básicas da Matemática e, neste caso concreto, os jogos selecionados foram: o Bingo da Adição (A83), o Tio Papel da Multiplicação (A84), o Lince da Subtração (A86) e a Memória da Divisão (A87).

Assumimos tal metodologia conscientes de que, tal como realça Kishimoto (1994), “qualquer jogo empregado pela escola aparece sempre como um recurso para a realização das finalidades educativas e, ao mesmo tempo, um elemento indispensável ao desenvolvimento infantil” (p. 22). Assim sendo, na nossa perspetiva, consideramos imprescindível a implementação de atividades mais lúdicas, de modo a estimular a atenção e a motivação na realização das atividades e, neste caso, a revisão daquelas que estavam mais esquecidas e menos consolidadas.

No caso específico da divisão inteira, como forma de consolidar esta operação, no contexto da qual identificámos mais dificuldades por parte das crianças, o par pedagógico resolveu pequenas situações problemáticas através de material concreto (lápiz de cor ou rebuçados). Resumidamente, na nossa perspetiva, o material concreto assumiu-se aqui como uma forma de apresentar à criança uma maneira mais simples e concreta de aprender Matemática.

Em relação à área do Estudo do Meio, foi feita uma breve contextualização oral relativamente à temática que foi lecionada na disciplina de Português - os Itinerários (A89), uma apresentação e explicação de um modelo de Itinerário. Numa fase posterior, os alunos realizaram o seu próprio itinerário, com base em algumas situações concretas fornecidas pelos estagiários. Por fim, foi feita a apresentação oral dos itinerários para a

restante turma. Foi também explorado jogo “Quem sou eu?” (A94), que teve como principal objetivo a descoberta do ponto de partida e do ponto de chegada de um determinado itinerário.

A Área de Expressão e Educação Plástica foi explorada através da atividade de desenho e ilustração de vários elementos, bem como na atividade da realização do próprio itinerário. Como sabemos, “o desenho pode, em certo sentido, ser considerado como um processo que permite representar objetos, tanto pelo conhecimento que temos dele ou pela maneira como o conhecemos, como pela aparência que oferecem aos nossos olhos” (Binfaré, 2009, p. 16). Em suma, tal como evidenciámos mais atrás, no nosso entender, a área da Expressão e Educação Plástica assume-se como um recurso essencial ao nível da educação, não apenas como instrumento de desenvolvimento pessoal, social, cognitivo e emocional, mas também como instrumento transversal na aprendizagem de todas as áreas escolares, no desenvolvimento da motricidade, da criatividade e da imaginação.

Por último, e não menos importante, no que toca à área de Expressão e Educação Físico-Motora, foram explorados três momentos distintos entre si: um aquecimento, a realização de um percurso e uma sessão de relaxamento (A96). Os alunos realizaram um percurso com diferentes etapas, em formato de estafeta, como modo de trabalhar o Bloco dos Deslocamentos e Equilíbrios. Neste contexto, enquanto futuros Professores, realçamos que tais atividades constituem uma mais-valia no que diz respeito ao desenvolvimento do espírito de equipa, da cooperação e entreajuda.

O terceiro e último momento desta aula, centrou-se essencialmente numa breve sessão de relaxamento, que foi acompanhada com música, ao jeito do que sugere Moreira (2000), que defende que a Educação Física é de extrema importância, uma vez que para além de fomentar o desenvolvimento integral da criança, potencia e desperta aprendizagens nas outras áreas curriculares.

A **sétima intervenção (presencial)** foi realizada individualmente e decorreu no dia 23 de setembro. As áreas convocadas ao longo desta sequência didática centraram-se essencialmente no Português, na Matemática e nas Expressões Artísticas, mais concretamente na Expressão Plástica. A presente intervenção teve como principal temática “Mapas e itinerários” e possibilitou a abordagem de alguns conteúdos de revisão que foram sugeridos pela professora cooperante, tais como: exploração do texto – a banda desenhada, direções e itinerários, o desenho e a pintura.

No que diz respeito à área do Português, foi feita a leitura e exploração do texto “O percurso” (A97), um texto convencional em banda desenhada. Foi explorada a sua

estrutura numa apresentação em *PowerPoint* (A99). Neste seguimento, foi explorada uma ficha de trabalho que consistia na ordenação e escrita das frases apresentadas nos respetivos balões de fala (A100). Logo de seguida, os alunos elaboraram a sua Banda Desenhada (A101), com a ordenação e escrita das frases trabalhadas na atividade anterior, de forma a respeitarem as regras do guião.

A área de Expressão e Educação Plástica veio na sequência da atividade realizada na área do Português, sendo que as crianças desenharam e ilustraram a Banda Desenhada. No geral, foi uma atividade muito apreciada pela turma, que se manteve em silêncio e com um empenho acima da média habitual.

Na área da Matemática, foi realizado o jogo de cartões “as direções” (A103), de forma a explorar o conteúdo “mudanças de direção” (quarto de volta, meia-volta, volta inteira, direita e esquerda). Neste jogo, a criança escolhia um cartão e tinha de realizar as mudanças de direção nele representadas. Algumas das crianças apresentaram dificuldades ao explorarem a direita e a esquerda, que procurámos contrariar com a implementação de uma estratégia pensada na altura, a colocação de uma fita de cetim na mão esquerda, solução que resultou bastante bem.

De seguida, realizámos o jogo “Qual o meu destino?” (A104). Neste jogo cada criança tinha o seu tabuleiro e um cartão quadriculado, sendo que as mudanças de direção eram feitas através dos cartões, cartões estes que foram explorados anteriormente, de forma a traçarmos um percurso. Esta atividade foi corrigida em grande grupo, através da projeção do tabuleiro no quadro. Por fim, de forma a finalizar o dia, foi realizado o “jogo do robô telecomandado” (A105). Neste jogo, uma criança era o robô, que se movia entre as secretárias da sala, na sequência das instruções de mudança de direção dadas por outro colega. Infelizmente, só foi possível fazer este jogo com apenas algumas crianças da turma, visto que estávamos já muito próximos da hora da saída. Importa salientar que estes jogos tiveram o objetivo de consolidar e rever os conteúdos, de um modo mais lúdico, dinâmico e motivador para as crianças.

A **oitava intervenção (presencial)** foi realizada individualmente e decorreu no dia 28 de setembro. As áreas convocadas ao longo desta intervenção focaram-se essencialmente na Cidadania, no Português, na Matemática, na Educação e Expressão Musical e na Expressão e Educação Plástica. Esta teve como tema integrador “A Família” e os demais conteúdos explorados foram: família de palavras, algoritmo de adição com transporte, exploração do corpo ao som da música e pintura.

No que diz respeito à área da Cidadania, as crianças tiveram a oportunidade de visualizar e explorar o vídeo “A família – a primeira escola” (A106). Este vídeo foi recriado e inspirado no vídeo “Minha escola, ontem, hoje e amanhã”, criado e explorado por nós no Ensino à Distância.

De seguida, na área do Português, foi pedido às crianças para encontrarem a palavra “Família” no dicionário e registarem o seu significado no seu caderno diário (A107) e no dicionário da sala (A92). Nesta mesma área, foi explorada a parte gramatical e conhecimento explícito da língua, nomeadamente os adjetivos qualificativos, com a elaboração do cartaz “Eu tenho uma família” (A108), da família de palavras, explorada numa ficha de trabalho (A109) e do jogo “Palavras da família e os intrusos” (A110).

Na atividade de revisão dos adjetivos qualificativos, foi apresentado um cartaz para fixar na sala, de modo que as crianças pudessem ter conhecimento de novos vocábulos, aumentando assim o seu campo lexical. De acordo com Duarte (2008), a escola deve encarar como um objetivo o aumento do capital lexical. Neste sentido, defende que as crianças devem trabalhar e aprender os vários conteúdos gramaticais, tal como o conceito de família de palavras. Devem ainda praticar associações entre palavras a partir do som, dos constituintes morfológicos (radical e afixos) e do significado.

No que concerne à área da Matemática, em modo de revisão, foi realizado o jogo “Adição em círculo” (A111). Neste jogo, as crianças recorreram ao cálculo mental da adição de duas parcelas de uma forma lúdica. Formaram-se duas equipas e, cada uma, em fila, foi ao quadro resolver uma adição. Ganhou aquela que terminou corretamente todas as operações. Outra atividade desenvolvida foram as situações problemáticas (A112), desenvolvidas com o objetivo de se rever a utilização do algoritmo de adição com transporte em situações do dia a dia. Foram criados cartões para que os alunos pudessem resolver o algoritmo de uma forma mais compreensiva e lúdica.

As crianças que não sentiram dificuldades avançaram para outra atividade, o “*Puzzle*: Qual o meu resultado?” (A113). Foi colada uma ficha no caderno diário na qual os alunos, à medida que iam resolvendo os algoritmos, iam também pintando os resultados numa imagem que ia surgindo à medida que avançavam no exercício. Como sabemos, é essencial que as crianças se envolvam em atividades que as motivem, incentivando o seu interesse pela aprendizagem, de modo que se possam divertir ao mesmo tempo que aprendem Matemática.

Na área da Expressão e Educação Musical, de forma a fazer ponte com a temática da família, foi explorada a canção “Amor para a vida toda” da artista Carolina Deslandes,

ao som da qual também se exploraram os sons do corpo (A114). Em contexto escolar, a música constitui uma importante ajuda na aprendizagem, uma vez que desenvolve determinadas capacidades, facilita a assimilação de conteúdos, desenvolve o sentido de ritmo, melhora a interação, desenvolve a sensibilidade, a criatividade, o prazer de ouvir música, a memorização, entre outros aspetos. A este propósito, lembramos com Santos (2010), que toda a Expressão Musical adaptada a um ritmo é o resultado de um conjunto complexo e riquíssimo de atividades coordenadas. Por isso, a atividade de cantar, fazer estalinhos com os dedos das mãos, bater nos joelhos, são experiências importantes para a criança, pois desenvolvem o seu senso rítmico e a sua coordenação motora.

Importa mencionar que a Expressão Musical é uma área que se relaciona com todas as outras, possibilitando atividades de síntese porque é a partir da exploração da voz e corpo que os alunos podem, de uma forma integrada, harmoniosa e criativa, desenvolver as suas capacidades expressivas e criativas, o que se traduz em momentos de profunda riqueza, de bem-estar e de alegria.

No que se refere à Área de Expressão e Educação Plástica, foi realizada a pintura de um coração impresso numa folha A3. De forma fornecer aos alunos outras experiências, esta pintura foi feita com recurso a um garfo, uma técnica desconhecida da turma. No entanto, a atividade não teve o resultado que se pretendia. Algumas crianças não ouviram as instruções dadas por nós e, como desconheciam esta técnica, usaram o garfo como se fosse um pincel. Porém, o nosso objetivo foi criar oportunidades para que os alunos experimentassem um novo instrumento de pintura, aspeto que, por si só, já foi um elemento positivo.

A **nona intervenção (presencial)** foi também realizada individualmente e decorreu nos dias 6 e 7 de outubro. Para a distribuição dos temas/conteúdos, a Professora Cooperante sugeriu, na área de Estudo do Meio, a temática “Regiões Autónomas e símbolos regionais dos Açores e Madeira”, que acabou por funcionar como meio de integração de todas as áreas do conhecimento. Na área da Matemática foram explorados números e operações, mais concretamente, os números naturais até a centena de milhar.

Para a introdução deste conteúdo foi lançado um desafio às crianças – o labirinto de números (A116), para que estes se sentissem motivados. De seguida, foram explorados alguns jogos trazidos para a aula, tais como a “Caixa dos Cartões de números” (A118).

No Português foi explorado o texto intencional, através da receita do bolo de ananás, uma receita típica dos Açores, mais especificamente da ilha de São Miguel (A119), e o texto narrativo, através da lenda das Sete Cidades. Foram ainda exploradas

as competências linguístico-comunicativas, tais como sílaba tónica e sílaba átona; acentos gráficos e classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica. Era nosso objetivo que os alunos fizessem uso sustentado do Português nas diversas situações da oralidade, da leitura e da escrita, através da visualização de um *PowerPoint* (A121).

Relativamente à exploração do texto narrativo, as crianças dramatizaram em pequeno grupo a lenda das Sete Cidades. Esta assumiu-se como uma atividade bastante rica pois, como sabemos, “os jogos dramáticos permitirão que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo – unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção” (C.R.E.B., p. 77)

Relativamente à área de Estudo Meio, foram exploradas as maquetes do Arquipélago dos Açores e da Madeira (A123), por forma a facilitar a compreensão e identificação de cada ilha. A turma teve ainda a oportunidade de pintar as ilhas com a cor que as caracterizam. Posto isto, ainda foi possível que cada criança realizasse o *puzzle* da bandeira de cada Região Autónoma (A125).

Em relação à área de Educação Física, foram explorados os jogos tradicionais da ilha de São Miguel (A127), com o objetivo de se explorar algumas marcas da cultura açoriana.

A **décima intervenção (presencial)** foi realizada individualmente e decorreu no dia 12 de outubro. Nesta intervenção foram abordados conteúdos da área do Português, da Matemática, das Expressões Artísticas, mais concretamente, da Expressão Musical. Foi explorado a temática “O passado do meio local”, tema este que serviu como meio de interligação entre todas as áreas do conhecimento lecionadas nesta intervenção.

Na área do Português foi explorado o texto informativo “Ponta Delgada, a cidade memória” através do jornal *online* (cmjornal.pt) (A133). De seguida, realizou-se um pequeno debate acerca das vantagens e desvantagens da versão impressa e da versão *online* dos jornais (A143). Esta atividade desencadeou algumas dúvidas, pois verificou-se que algumas crianças desconheciam os jornais *online*. Para superar esta dificuldade sentida, pedimos a cada criança que pesquisasse um jornal *online* no computador da sala. No entanto, havia crianças que se encontravam bem familiarizadas com aquele formato, visto que em casa acedia-se com alguma frequência a jornais *online*, como por exemplo, o *Jornal da Bola*.

Na área da Matemática foi explorada, em modo de revisão, a composição e decomposição de números com material multibásico (A137). Foi também preenchido o quadro “Decompõe”, em grande grupo, com auxílio de peças de legos (A139). Foi ainda

realizado o “Jogo dos copos - Decompõe um número” (A139). Esta atividade foi realizada em pequeno grupo, de modo que as crianças pudessem manusear o recurso utilizado - os copos empilhados e numerados, de forma que cada uma formasse um número, o registasse no caderno e o decompusesse. Este recurso foi de fácil utilização e compreensão por parte das crianças, de maneira que as mesmas realizaram esta atividade várias vezes, experimentando a formação de novos números.

Na área da Educação e Expressão Musical, foram explorados “Movimentos ao som da música” (A140). Formou-se uma fila, para que cada criança se movimentasse livremente ao som da música. As músicas exploradas foram: uma música dramática e outra animada. Esta atividade tinha como a finalidade uma gravação para atividade “O Passado – A Máquina do Tempo” (A174).

A **décima primeira intervenção (presencial)** foi realizada individualmente e decorreu no dia 19 de outubro. Nesta intervenção foram abordados conteúdos da área do Português, da Matemática e da Expressão Musical. Para a distribuição dos temas/contéudos, a Professora Cooperante sugeriu na área de Estudo do Meio “Os meios de comunicação”, tema este que serviu de meio de interligação entre todas as áreas do conhecimento lecionadas neste dia.

Na área do Português, foi explorada a produção de escrita na atividade “Descrever imagens de situações do uso dos vários meios de comunicação, através de frases simples” (A141). Foram ainda explorados os sinais de pontuação, através da visualização de um vídeo com o mesmo nome (A142) e do jogo “Dado dos sinais de pontuação” (A143). Este jogo foi desenvolvido através do próprio dado, um recurso construído pela estagiária. Em cada face do dado estava desenhado um dos sinais de pontuação: o ponto final, a vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, o travessão e os dois pontos. Nesta atividade cada aluno lançava o dado e tinha de registar no quadro uma frase com o respetivo sinal de pontuação. Entretanto, todos os alunos registaram no caderno diário. Importa salientar que para Freire (1999, p. 48), ler e escrever são vistos como momentos inseparáveis de um mesmo processo – o da compreensão e o domínio da língua e da linguagem.

Na área da Matemática, em modo de consolidação, foram explorados o cálculo mental (adição) e o algoritmo de adição de um transporte, mais concretamente, através do jogo “Telefone do cálculo mental” (A144). Foram desenhados por nós dois telefones no quadro da sala com uma variedade de números. Cada criança tinha de se deslocar ao quadro e resolver a adição. Ganhou a equipa que resolveu as operações todas de forma

correta. Dentro da mesma lógica, outra atividade que desenvolvemos foi o jogo do “Telemóvel das operações” (A145). Neste jogo, cada aluno colou no caderno uma folha A3 em formato de telemóvel e resolveu as respetivas adições.

Por fim, na área da Expressão Musical, as crianças ouviram uma melodia (A146) e tiveram de se exprimir livremente a partir de um ponto numa folha A4. Associou-se assim a Expressão Plástica, de maneira que a criança interpretou a melodia, desenhou/criou e representou as suas emoções. Assumimos o estabelecimento desta conexão pois, segundo Read (2007), a área de Expressão Plástica, mais especificamente o desenho livre, vai permitir às crianças o desenvolvimento das suas capacidades artísticas, de forma a contribuir para o desenvolvimento da sua personalidade, imaginação e características emocionais, intelectuais, espirituais e materiais. Neste sentido, é importante que, na Educação, a Arte seja vista como: “o suporte de todos os momentos de um conjunto de ações educativas, que se (transforma) num instrumento útil e maneável por todos os agentes educativos e que contribua para a interligação de todas as áreas do saber pondo em prática a interdisciplinaridade” (Reis, 2012, p. 8). Assim, o mais importante é que se encare e desenvolva a atividade artística na escola tendo em conta a formação global das crianças, o que obrigará “a rever a posição da educação artística no currículo, que, por sua vez, levará à organização das práticas pedagógicas, à alteração das metodologias (e) à remodelação de programas de todas as diferentes áreas do currículo” (Reis, 2012, p. 8).

A **décima segunda intervenção (presencial)** foi realizada individualmente e decorreu entre os dias 26 e 28 de outubro. Nesta intervenção foram abordados conteúdos da área do Português, do Estudo do Meio, da Matemática, da Educação Física, das Expressões Artísticas e, por último, mas não menos importante, da área de Cidadania. Foi explorada a temática “O passado do meio local”, tema este que funcionou como meio de interligação entre todas as áreas do conhecimento lecionadas nestes três dias.

Na área do Estudo do Meio, as crianças embarcaram numa viagem ao passado da cidade de Ponta Delgada, ilha de São Miguel, uma viagem pelo conhecimento. Ao longo desta intervenção foram realizadas atividades enriquecedoras, como a visualização e exploração do vídeo “O passado da Ilha de São Miguel” (A151), a apresentação de cada aluno do seu cartaz sobre festas, jogos tradicionais, gastronomia ou trajes típicos da Ilha de São Miguel (A168) e o vídeo “Passado – A Máquina do tempo” (A174). Estas foram estratégias pensadas com o intuito de levar as crianças a conhecerem melhor as suas origens, o local onde vivem.

Na área da Matemática, em modo de consolidação, foram realizados jogos didáticos, como por exemplo: o “Relógio das Tabuadas do 2, 3, 4, 5, 6 e 7” (A157) e o “*Puzzle* da Tabuada” (A158). Na atividade do *puzzle*, cada criança colou no caderno diário um cartão, com vários retângulos, com operações de multiplicação das tabuadas dos 6 e 7. Posteriormente foram dados outros retângulos em cartão nos quais havia possíveis resultados das operações. A criança, à medida que ia resolvendo as operações e colando os resultados no retângulo original, ia montando um *puzzle* com a imagem de um dos monumentos emblemáticos da cidade de Ponta Delgada, as Portas da Cidade. Esta foi uma atividade que avaliámos como bastante positiva. Foi bastante apreciada pela professora Cooperante e as crianças também ficaram bastante surpreendidas e motivadas para a aprendizagem.

Na área do Português, foi explorado o texto “Um roteiro turístico da Ilha de São Miguel” (A164), onde foi possível identificar os vários monumentos da cidade de Ponta Delgada” (A165). A partir dos nomes dos vários monumentos, foi explorado o conteúdo “Nomes Próprios e os Nomes Comuns” (A167). Fizemo-lo conscientes da importância destas atividades diversificadas, de contacto permanente com a palavra oral e escrita, de forma a estimular na criança o gosto por ouvir, falar, ler e escrever.

Na área de Expressão Musical, que se articulou com a Educação Física, os alunos tiveram contacto com o folclore da ilha de São Miguel, através da visualização do vídeo “Conhecer a nossa cidade” (A159), como também tiveram espaço para, tirando partido do movimento do seu corpo, dançar ao som de uma melodia, de forma a desenvolverem a sua comunicação e expressão.

Na área de Expressão Dramática, desenvolvemos o jogo de dramatização “Um dia especial na minha cidade” (A173), que convocou a utilização de um fantoche, através do qual foi possível proporcionar estímulos à capacidade de recriar ou inventar personagens e de desenvolver situações. A atividade de construção do fantoche, que convocou também a Expressão Plástica, possibilitou à criança apelar à sua imaginação e criatividade, aplicando técnicas, comunicando e expressando-se ao dar vida ao fantoche. Como sabemos, a Expressão Artística “é um dos meios mais valiosos e completos da educação”. (Sousa, 2003, p. 33) e o fantoche, por sua vez, assume-se como um objeto muito importante “um brinquedo privilegiado como mediador entre o Eu e o Outro” (Costa e Baganha, 1989, p. 29).

Na área da Cidadania, foi explorada a temática dos valores humanos. Segundo Andrade (1992), “é necessário obter conhecimentos e debater valores, por um lado e, por

outro lado, mobilizá-los nas decisões que conduzem à ação” (p. 24). Nesta linha de pensamento, foi realizada a atividade “Somos o Futuro” (A175), que possibilitou uma reflexão sobre os valores, para que estes não sejam esquecidos nem se percam.

Por fim, convocou-se novamente a área da Educação Física, explorando-se uma vez mais os jogos tradicionais da ilha de São Miguel (A169), mais concretamente, o jogo do Lencinho e da Cabra-Cega. Neste contexto, para além de se praticar exercício físico, também se tomou conhecimento acerca da nossa cultura, aspeto que, segundo Jesus (2013), “permite o encontro da criança com um conjunto diversificado de práticas e ações necessárias ao desenvolvimento físico-motor e impulsionadoras de um bom entendimento entre o fazer/executar e o mental (p. 18).

Em jeito de balanço, entendemos que este conjunto de dinâmicas, quer aquelas que se desenvolveram à distância, quer aquelas que se experimentaram em contexto presencial, tornaram-se uma excelente oportunidade para entendermos o nosso papel enquanto Professores, no que respeita à gestão dos desafios com que nos confrontámos, no estabelecimento de prioridades pedagógicas, mas também na necessidade de articularmos as nossas propostas didáticas de forma integradora, sem deixar de explorar todas as áreas de conteúdo, em especial aquela cuja reflexão decidimos aprofundar neste trabalho, que nem sempre tem tido o enfoque que lhe é devido neste nível de ensino. É a ela que dedicamos o ponto que se segue.

3.5. A Educação e Expressão Plástica e as aprendizagens dos alunos no ensino presencial e no ensino à distância

Após terem sido apresentadas, de forma geral, as atividades desenvolvidas ao longo do Estágio Pedagógico II, decidimos explorar, uma vez mais e com um pouco mais de detalhe, aquelas que se desenvolveram no âmbito da Expressão Plástica que, pelo facto de terem convocado a componente expressiva e criativa, proporcionaram aprendizagens significativas nas crianças. Neste contexto, faremos uma breve apresentação das mesmas para que possam ser reproduzidas em outros contextos e momentos.

3.5.1. Diaporama “Fotografia de Família”

Esta atividade surgiu na sequência didática que foi explorada na quinta intervenção *online* e teve como objetivo dar oportunidade às crianças de criar, transformar

e produzir a sua própria obra de arte. No Quadro que se segue, apresentamos de forma resumida as suas principais características (ver Quadro 9).

Quadro 9 - “Fotografia de Família”

Atividade “Fotografia de Família”	
5.ª Intervenção 15 a 19 de junho	A75 – Fotografia de família
Pré-Requisitos	Exploração de técnicas de expressão diversificadas
Áreas Curriculares Convocadas	Área Foco: - Expressões Artísticas – Expressão Plástica Áreas Associadas: - Área do Estudo do Meio - Área da Cidadania
Objetivos Capacidades Competências	- Contruir adereços; - Recorrer a meios de expressão, como o recorte e colagem; - Colar elementos decorativos facultativos; - Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de cera, pontas de feltro; - Pintar livremente em suportes neutros (opcional)
Recursos	Pote de vidro (reciclado), fotografia de família, diversos materiais disponíveis em casa para a decoração do pote de vidro;

Desenvolvimento da Atividade

A atividade desenvolveu-se de forma a interligar-se com a temática explorada nesta intervenção, ou seja, a Família. Assim sendo, foi realizado um diaporama intitulado “A Fotografia de família”, no qual se solicitou às crianças que realizassem um porta-fotografia da sua família através de matérias que tivessem em casa. Neste diaporama, tal como nos é dado perceber na Figura que se segue, foi mostrada uma proposta de porta-fotografia feito num pote de vidro, com recurso a uma fotografia de família, flores secas, fitas decorativas e cartão. Foram apresentadas outras sugestões, de maneira que a criança pudesse inspirar-se e criar o seu próprio trabalho (ver Figura 8).

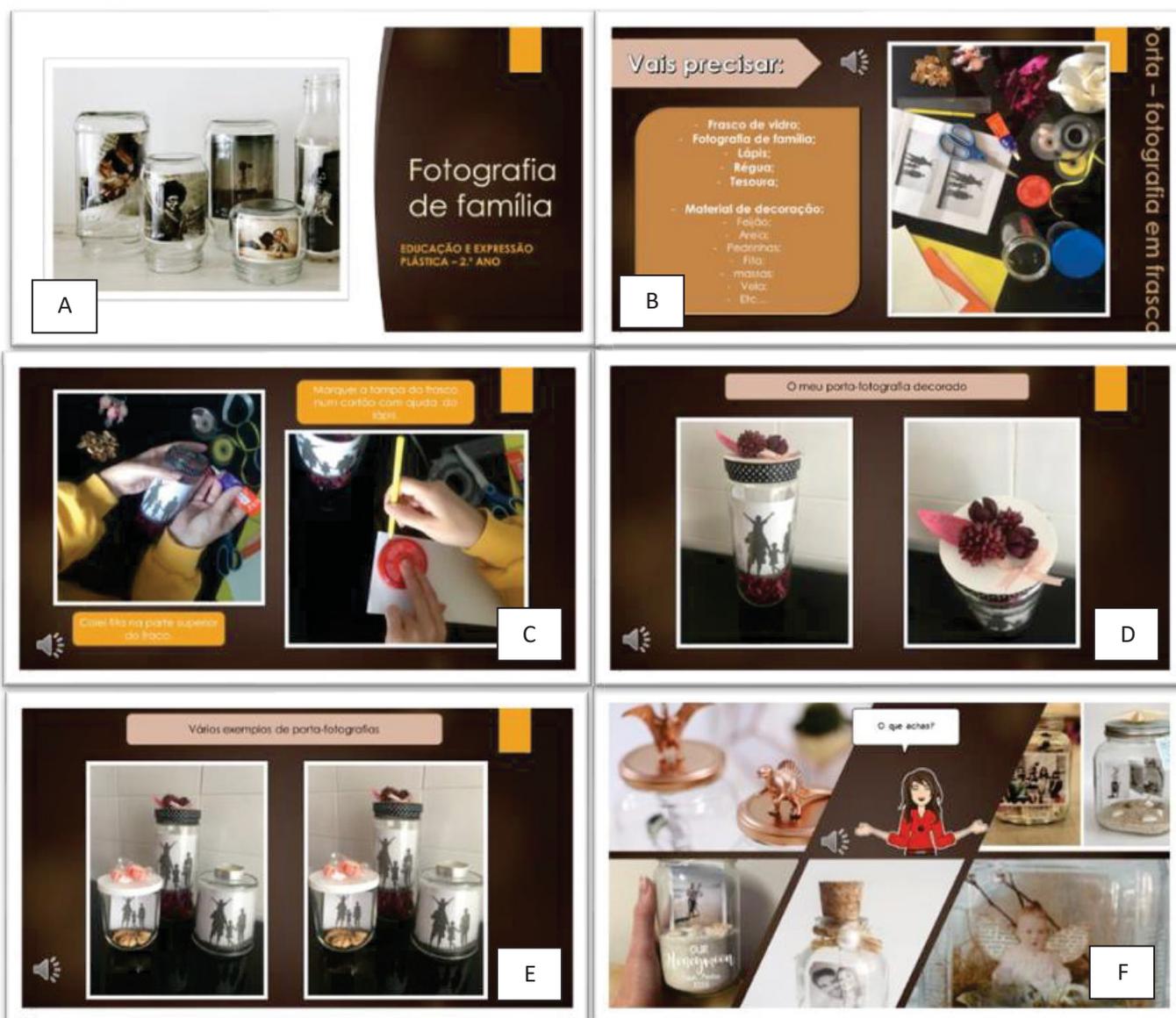


Figura 8 - “Fotografia de Família”

A – Diaporama “Fotografia de Família”; **B** – Lista de Material para criar e decorar o porta-fotografia; **C** – Fotografia com áudio a exemplificar cada passo na criação e decoração do porta-fotografia; **D** – Porta-fotografia decorado **E** e **F** – Várias sugestões de porta-fotografia.

Num primeiro momento deste diaporama foi mencionada a importância da fotografia, mais especificamente a fotografia da família. Posteriormente, foram dados vários passos para a criação/construção do porta-fotografia e da sua respetiva decoração. Esta foi apenas uma sugestão. Cabia a cada criança criar o seu porta-fotografias com matérias reciclados e/ou acessíveis em casa, dando “asas à sua criatividade”.

Infelizmente só obtivemos o *feedback* de uma das crianças que nos enviou a imagem que de seguida apresentamos (ver Figura 9).



Figura 9 - Porta fotografia da família elaborado pela criança Y

Tal como nos é dado perceber na Figura apresentada, neste trabalho, a criança recorreu a um pote de vidro (reciclado) e a uma fotografia da turma junto da professora, tirada na escola. O pote foi ainda decorado com flores secas.

Achámos curioso o facto de ter sido escolhida uma foto da turma, aspeto que, considerando o período de confinamento que atravessávamos, não deixou de ser bastante relevante. Neste contexto, entendemos que o conceito alargado de família foi bem assimilado e acabou por estimular a criatividade da criança que, como sabemos, é uma característica inerente à sua expressão gráfico-plástica e que por isso também deve ser estimulada.

Na realidade, estimular a criatividade tende a revelar-se uma das estratégias mais significativas ligadas à aprendizagem. Se o docente possuir a intenção de criar bases suficientemente sólidas para a criatividade, terá de diversificar as experiências das crianças, pois “quanto mais a criança viu, ouviu e experimentou, mais sabe e assimila” (Vygotky, 2012, p. 33).

3.5.2. Atividade “Ao som da música”

Esta foi mais uma atividade que se desenvolveu de forma a interligar-se com a temática explorada ao longo daquela intervenção, neste caso concreto, os “Meios de

Comunicação”. Assim sendo, foi possível explorar as Expressões Artísticas, nomeadamente a Expressão Plástica e a Expressão Musical, através de um dos meios de comunicação, o telemóvel. Através deste foi colocada uma melodia com vários sons da natureza, como a trovoadas, chuva, pássaros, etc., e a criança desenhava livremente aquilo que ouvia e sentia a partir de um ponto. O material e as cores foram também escolhidos pela criança, tal como nos é dado perceber no Quadro que se segue (ver Quadro 10).

Quadro 10 - “Ao som da música”

Atividade “Ao som da música”	
11.ª Intervenção 19 de outubro	A146 – Criar “Ao som da música”
Pré-Requisitos	Dominar técnicas de desenho e de pintura
Áreas Curriculares Convocadas	Área Foco: - Expressões Artísticas – Expressão Plástica Áreas Associadas: - Expressões Artísticas – Expressão Musical - Área do Estudo do Meio
Objetivos Capacidades Competências	- Ser criativo; - Saber representar as suas emoções; - Utilizar livremente lápis e marcadores; - Inventar sequências de imagens/traços com ou sem palavras; - Desenhar em superfícies planas; - Pintar livremente em suportes neutros; - Ser comunicativo.
Recursos	Telemóvel, coluna, folhas brancas A4, marcadores e lápis de cor

Desenvolvimento da Atividade

A atividade consistiu na elaboração de um desenho livre a partir de um ponto numa folha A4 branca, ao som de várias melodias. Para tal, foi convocada a Expressão Plástica, mais especificamente o desenho, e, ao mesmo tempo que ouvia a música, a criança representava com base no que ouvia, as suas emoções, através de marcadores e lápis de cor. No mosaico que se segue (ver Figura 10) partilhamos alguns apontamentos fotográficos dos trabalhos desenvolvidos.

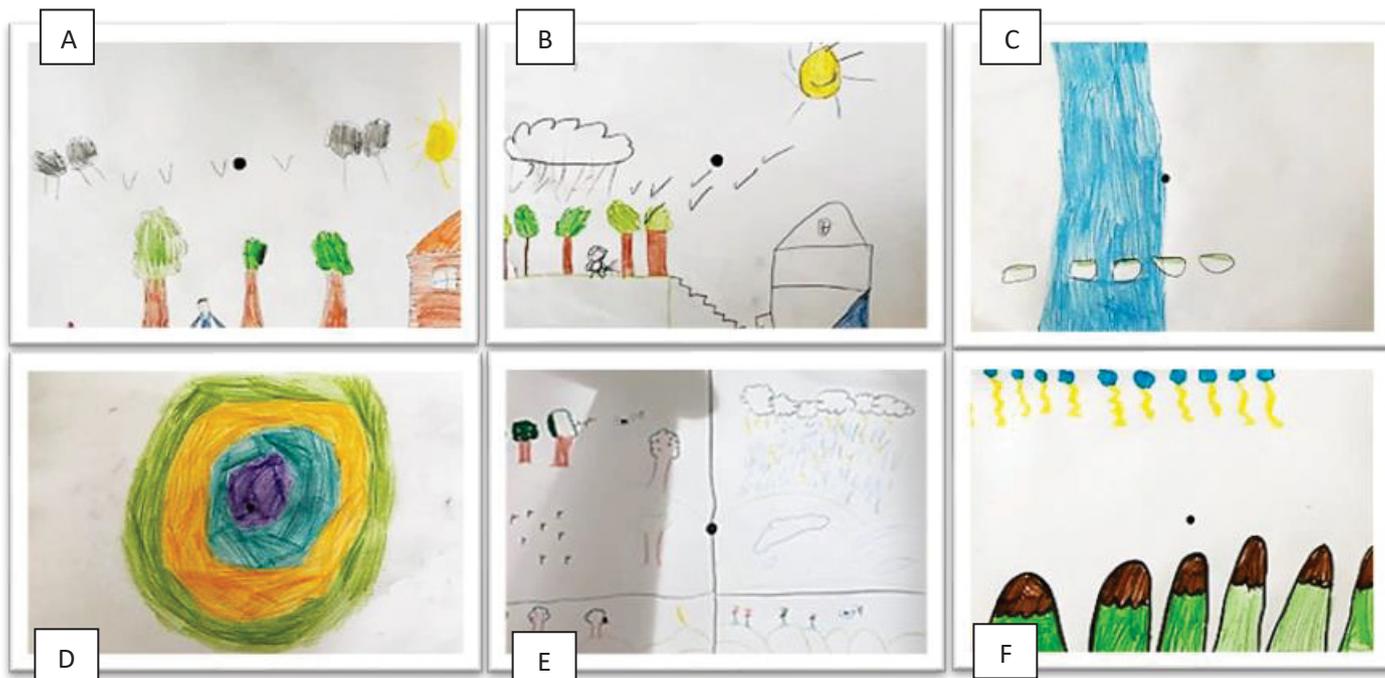


Figura 10 - Desenhos da atividade “Ao som da música”

A, B, C, D, E e F – Desenho das crianças N, F, A, R, T e P

Posteriormente foi feita uma apresentação por parte de cada criança, de modo a refletir, mostrar e comunicar as suas representações. As suas frases iniciaram-se com: “Eu ouvi...”, “Eu desenhei...” “Eu representei...” e “Eu senti...”.

Constatámos que a maioria das crianças, talvez por não estarem habituadas a este tipo de atividades, acabou por não entender ou não respeitar as nossas orientações, ignorando o ponto que havíamos colocado na folha a partir do qual se deveria desenrolar o desenho. Apenas uma criança o fez, tal como é visível na Figura 10 – D, aspeto que chamou a nossa atenção. Segundo as suas palavras, representou as cores que a melodia lhe transmitiu. No centro, pintou de azul-escuro de forma a representar a trovoadra, de seguida usou o azul mais claro para representar a água da chuva e da cascata, depois o amarelo a representar o sol e, por fim, a cor verde a representar a natureza.

Considerando o conjunto dos desenhos apresentados pelas crianças, e fazendo uma leitura global das suas características, podemos afirmar que as crianças se encontram, segundo Viktor Lowenfeld, no Estádio Pré-esquemático.

Realçamos ainda, em jeito de síntese, que o desenho pode assumir-se como uma ferramenta poderosa para os Professores interpretarem o pensamento da criança, visto ser o resultado, não apenas do seu desenvolvimento, mas também daquilo que ela sente, vê,

pensa e imagina. Nestas idades, há que ter em conta que a expressão gráfica, tal como defende Ana Salvador (1999), não tem de ser perfeita para ser vantajosa, pois não se deve ambicionar que as crianças sejam artistas. Deve, isso sim, ser vista como algo muito importante: como uma ferramenta expressiva, livre e comunicativa, que permite que com muito pouco se consiga dizer muito.

3.5.3. Decoração das personagens em fantoche do texto “Um dia especial na minha cidade”

Esta foi mais uma atividade que se desenvolveu de forma a conjugar-se com a temática explorada na intervenção em causa: “O passado do meu local”. Na área do Português, em pequeno grupo, foi elaborado um texto narrativo, “Um dia especial na minha cidade”. Neste texto procurou-se empregar o uso correto dos sinais de pontuação, um conteúdo anteriormente explorado nesta intervenção.

Posto isto, as crianças tiveram acesso aos diferentes materiais para a elaboração e decoração dos fantoches alusivos às personagens do texto “Um dia especial na minha cidade”, nos moldes que apresentamos no quadro que se segue (ver Quadro 11).

Quadro 11 - Construção de fantoches das personagens do texto

Atividade: Construção de fantoches das personagens do texto “Um dia especial na minha cidade”	
12.ª Intervenção 19 de outubro	A172 – Construção de fantoches das personagens do texto “Um dia especial na minha cidade”
Pré-Requisitos	Domínio das técnicas de Expressão Plástica e conhecimento das características das personagens do texto
Áreas Curriculares Convocadas	Área Foco: - Expressões Artísticas – Expressão Plástica Áreas Associadas: - Expressões Artísticas – Expressão Dramática - Área do Português - Área do Estudo do Meio
Objetivos Capacidades Competências	- Ser criativo e autónomo; - Ilustrar de forma pessoal; - Contornar formas; - Pintar livremente; - Explorar as possibilidades de diferentes materiais; - Fazer composições ao colar diferentes materiais; - Participar em atividades em pequeno grupo;

Recursos	Colheres de madeira, material de decoração (como tecidos), marcadores, cartão e o texto narrativo “Um dia especial na minha cidade” elaborado pela criança na área de Português.
-----------------	--

Após a elaboração dos fantoches, recorrendo à exploração de diferentes técnicas e diferentes materiais plásticos, as crianças, em pequeno grupo, tiveram a oportunidade de dramatizar para o restante grupo. No mosaico que se segue, partilhamos alguns dos fantoches criados pelas crianças (ver Figura 11).

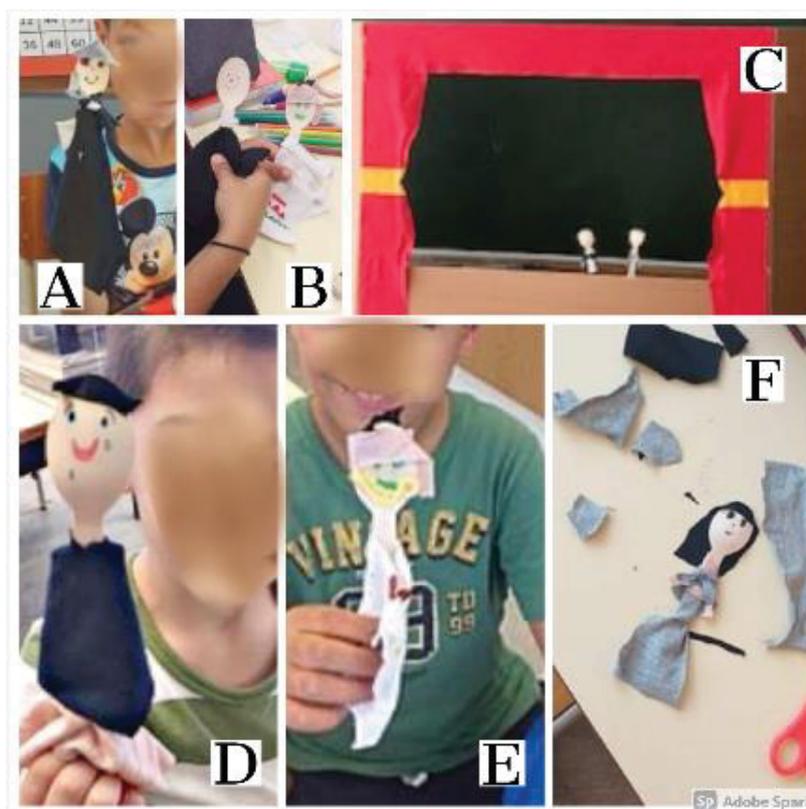


Figura 11 - Fantoches construídos pelas crianças

A, D e E – Os fantoches das crianças N, F, A. **B** - Fantoches para a dramatização do texto “Um dia especial na minha cidade” realizada pelo grupo 4; **C** - Apresentação no fantocheiro (grupo 2);
F - Processo de elaboração dos fantoches (criança Q);

Fazendo um balanço desta atividade, salientamos que foi notório o interesse e entusiasmo do grupo ao saber que iam elaborar e decorar o fantoche, pois as atividades plásticas eram sempre muito bem recebidas pela turma, no seu geral. Logo, as crianças revelaram-se bastante motivadas, alegres e desinibidas.

Esta foi mais uma atividade que convocou a imaginação e a criatividade dos alunos, quer no processo de construção dos fantoches, considerando a exploração e transformação dos materiais que foram fornecidos, através das diferentes técnicas de

Expressão Plástica, quer na sua posterior mobilização aquando da dramatização que se fez de seguida. Escolhemos convocar esta área porque entendemos que a Expressão Plástica é um excelente meio para a criança criar e inventar algo de novo. Na verdade, defendemos com Vygotsky (2012) que “existe criatividade não só quando se criam grandiosas obras históricas, mas sempre que o homem imagina, combina, altera e cria algo de novo, mesmo que possa parecer insignificante quando comparado com as realizações dos génios” (p. 26).

Nesta ordem de ideias, concluímos com a certeza de que, a área das Expressões Artísticas, no geral, e da Expressão Plástica, em particular, funcionam não apenas como um excelente veículo de expressão e comunicação da criança e da sua visão do mundo, mas também como um poderoso meio de articulação e integração de saberes das demais áreas curriculares, ao serviço da ação educativa diária, através do qual os professores podem e devem promover experiências de aprendizagem significativas, tornando as suas aulas mais ricas, lúdicas e motivadoras.

Este foi o contexto que quisemos explorar nas entrevistas realizadas aos Professores do 1.º Ciclo que colaboraram no nosso estudo, cujos resultados apresentamos no ponto que se segue.

3.6. Opiniões e relatos de Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da abordagem à Expressão Plástica no Ensino Presencial e no Ensino à Distância

Depois de apresentada e refletida a nossa ação educativa, desenvolvida no nosso Estágio Pedagógico II, no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com especial realce para algumas das atividades em que foi convocada a área que decidimos aprofundar neste Relatório, entendemos ser o momento de, à semelhança do que fizemos no Capítulo anterior, partilhar as opiniões e conceções dos Professores entrevistados sobre o lugar da Expressão Plástica nas suas práticas pedagógicas diárias.

Com o mesmo propósito que norteou o nosso estudo no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, procurámos saber mais acerca dos nossos entrevistados, em especial, certos aspetos referentes à sua formação inicial, nas áreas das Expressões Artísticas, no geral, e da Expressão Plástica, de forma particular, assim como as suas opiniões acerca da importância desta área no contexto da sua ação educativa.

No que respeita à sua formação inicial, as entrevistadas, de uma forma geral, exploraram e desenvolveram aptidões na área da Expressão Plástica. Ainda assim, duas das entrevistadas consideram que houve lacunas na sua formação, mais concretamente na abordagem dada à Expressão Plástica. Nas palavras destes docentes, faltou “aprender como interpretar os trabalhos de Expressão Plástica realizados por crianças” e “algum treino de técnicas e exploração de atividades pedagógicas e materiais”. Ainda assim, não sentiram necessidade de frequentar outra(s) formações no contexto desta área.

Consequentemente, quando questionadas relativamente à importância da área da Expressão Plástica no desenvolvimento das crianças, todas as entrevistadas afirmaram que consideravam ser uma área com muito potencial para o desenvolvimento de diversas competências. Nas palavras da Professora Teresa, a Expressão Plástica

“é um dos meios que a criança e o aluno tem para se exprimir e para aprender a contactar com diferentes materiais. Através da manipulação desses materiais aprende a conhecer e a interpretar o mundo que a rodeia e até mesmo a comunicar e exprimir os seus pensamentos e emoções. Desenvolve em muito a criatividade da criança e a capacidade de encontrar soluções para conseguir os seus objetivos” (Professora Teresa).

Também quisemos saber se estas Professoras se confrontavam com alguma dificuldade no contexto da exploração desta área curricular. Quatro das Professoras com quem falámos assumiram claramente tal dificuldade, realçando como aspeto negativo a reduzida carga horária atribuída no currículo deste nível de ensino. Nos relatos que se seguem apresentamos aquelas que foram as dificuldades por elas partilhadas, nas quais a gestão do tempo e o peso curricular das demais áreas do currículo assumem um papel preponderante.

“A falta de tempo devido à extensão dos programas das outras disciplinas que não é, muitas vezes, ajustado ao ritmo de aprendizagem e necessidades dos alunos” (Professora Fabiana).

“A gestão do tempo. O horário escolar e os conteúdos a serem lecionados nas outras disciplinas são muito exigentes e por vezes, dispensar mais do que 45 minutos semanais para a realização de maiores projetos torna-se complicado. Trabalhar diferentes materiais exige mais tempo de leção desta área, o que nem sempre é possível” (Professora Teresa).

“Pouco tempo para a sua prática, devido ao elevado número de conteúdos a lecionar nas outras áreas” (Professora Paula).

Para tentar contornar estas dificuldades, os docentes apontam para a realização de atividades no contexto desta área de expressão em articulação com as demais áreas curriculares, como também realçam a importância de se cumprir o tempo para ela estipulado, de forma a não prejudicar as crianças.

Assim sendo, e tal como se prevê no currículo desta área, a maioria das Professoras assumiu dedicar um momento, durante a semana, à sua exploração. Estes momentos, com uma duração de 45 minutos, tendem a concentrar-se no período da tarde e nos últimos dias da semana, tendência já verificada nos estudos que atrás mencionámos, que tiveram um propósito semelhante ao nosso.

Considerando ainda a prática diária destas docentes, quisemos saber que tipo de atividades desenvolviam com as crianças e quais os materiais que utilizavam. Estas responderam, no geral, que exploram a Expressão Plástica em dias festivos, na elaboração de acessórios para o desfile de Carnaval, por exemplo, ou ainda na construção de maquetes, fantoches e jogos matemáticos, recorrendo a materiais de desperdício, o que nos deu uma interessante nota da articulação que acontece entre esta e as demais áreas do currículo. O desenho livre foi a técnica mais mencionada e os lápis de cor, as pontas de feltro, as tintas, as aparas de lápis, a cola branca, o papel, as cartolinas, os pinceis, as tesouras, a plasticina e os materiais de desperdício, foram alguns dos recursos mais mencionados.

Também inquirimos os Professores acerca da possibilidade desta área ser abordada de forma isolada ou articulada com as restantes áreas curriculares e aí as respostas dividiram-se. As entrevistadas Fabiana e Teresa admitiram utilizar as duas formas de trabalho (isolada e articulada), os restantes afirmaram trabalhar a Expressão Plástica de forma articulada com as restantes áreas curriculares.

Considerado o contexto da exploração da Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico, todas as entrevistadas concordaram que as atividades desenvolvidas dentro desta área têm potencialidades educativas facilitadoras do desenvolvimento de competências em outras áreas curriculares. Em confirmação do que foi dito, partilhamos, de seguida, os relatos das professoras Fabiana, Sara e Paula.

“Sim, noto cada vez mais a necessidade de as crianças se expressarem, a insegurança que a maioria tem em desenhar. A Expressão Plástica é um excelente meio para abordar a individualidade de cada criança e, ao fazê-lo, dando um tempo à criança para se exprimir, estaremos a trabalhar o autoconhecimento, a oralidade, a partilha de opiniões, entre

outros. Todos estes aspetos, ao contribuírem para o envolvimento dos alunos na aula, permitem-lhes desenvolver capacidades emocionais que os levam a ter maior segurança perante as aprendizagens e por conseguinte maior abertura entre os colegas e com o professor para exprimirem as suas dúvidas e assim transformarem o que aprendem em conhecimento” (Professora Fabiana).

“Sim, sem dúvida. Esta área é alvo de grande motivação por parte da maioria das crianças, podendo constituir um facilitador de aprendizagens, na medida em que é muito fácil explorá-la em articulação com outras áreas do currículo” (Professora Sara).

“Permite à criança, através do acesso a diferentes materiais e formas de exploração dos mesmos, desenvolver a imaginação, o sentido estético e o seu conhecimento do mundo” (Professora Paula).

Quando confrontámos as entrevistadas sobre os espaços e os materiais disponíveis para a exploração da Expressão Plástica, percebemos que este não seria um contexto muito desfavorável, ao contrário do que encontrámos noutros estudos, que acima mencionámos, nos quais se conclui que a falta de espaço e de material adequado colocavam limites à sua efetiva exploração. Nos relatos que se seguem, damos conta dos contextos específicos adiantados por algumas delas, nos quais a utilização de material reciclado se assume como uma prática bastante recorrente.

“A sala dispõe de um lavatório e muitos armários para guardar material. Quanto aos materiais usados, utilizo sobretudo materiais reciclados” (Professora Fabiana).

“As salas de aula e a sala de estudo. Possuem materiais de pintura, tais como tintas, pincéis, lápis de cera, etc. Lãs, materiais de desgaste (rolos de papel higiénico, copos de iogurte, rolhas, palhinhas, algodão, restos de tecidos, caricas, etc), cartolinas EVA, alguma plasticina...” (Professora Teresa).

“A sala de aula com um cantinho com tintas, pincéis, lápis, canetas, materiais recicláveis...” (Professora Paula).

Quando confrontadas com a adequação destes recursos, de uma maneira geral, as docentes referiram que os materiais em causa são suficientes. Adiantaram também que, em algumas escolas é disponibilizada uma determinada quantia monetária para que cada docente possa gerir e comprar os materiais de que necessitar nas papelarias.

Achámos igualmente pertinente perceber junto dos professores quais as reações das crianças durante a exploração da Expressão Plástica. Neste contexto, destacaram-se

as opiniões das professoras Ana e Fabiana, tal como nos é dado a perceber nos seus relatos que de seguida partilhamos.

“Todas as crianças gostam de explorar as técnicas de Expressão Plástica. Há crianças que têm sempre algum receio e falta de segurança para iniciar as atividades, mas com um reforço positivo acabam por desenvolver o trabalho e gostar. Outras crianças pedem para realizar estas atividades espontaneamente. Muitas vezes as crianças chamam-me para ver o que estão a fazer e perguntam se está bonito, também explicam as suas escolhas. Os alunos ficam tranquilos durante a exploração destas aulas. De entre muitos episódios que acontecem, refiro o de uma aluna que no início da minha ação educativa era extremamente “refilona” e muito pessimista. Questionava muito e entrava quase em pânico quando não percebia algo, não me conseguia escutar porque bloqueava com o pensamento de que não estava a perceber e não sabia fazer. Isto acontecia em qualquer disciplina, sendo que quando se realizavam atividades plásticas, a atitude da aluna era esta: 1.º “não percebo como se faz”, 2.º “não consigo”, 3.º “está feio”. Após algum tempo e muitos diálogos, chegou um dia em que a aluna me chama e diz: “professora, eu pintei assim desta cor mas não gostei, então fiz desta forma, juntei outras cores à volta e agora acho que está bom”. Esta partilha da aluna comigo foi muito importante porque mostrou que ela conseguiu ultrapassar um obstáculo, sem reclamar, autonomamente, e ainda me chamou para mostrar um resultado positivo” (Professora Fabiana).

“As crianças ficam motivadas e muitas vezes surpreendidas com as suas criações. Chegam à conclusão de que são capazes de produzir pequenas obras de arte, com técnicas e materiais simples” (Professora Ana).

Já na reta final da nossa conversa, pedimos a opinião das professoras relativamente aos conselhos que dariam a futuros colegas acerca da melhor forma de explorar a Expressão Plástica na sua ação educativa diária. Do conjunto das suas respostas, realçamos as que foram dadas pelas professoras Fabiana, Ana e Paula. Nas suas palavras

“Limpar e fazer espaço no local onde vão fazer a atividade. Mostrar todos os materiais que serão usados, explicar cada passo da atividade e só depois entregar os materiais aos alunos. Fazer atividades que resultem em algo com alguma utilidade. Interligar as atividades com um ou mais conteúdos e temas trabalhados nas outras disciplinas. Circular pela sala e salientar aspetos positivos em cada criação” (Professora Fabiana).

“Não encarar a Expressão Plástica como uma área isolada” (Professora Ana).

“Para não ter medo de experimentar” (Professora Paula).

À semelhança do que havíamos feito nas nossas entrevistas às Educadoras de Infância, também questionámos as professoras acerca da sua experiência no ensino *online*, nomeadamente, no que respeita a exemplos de atividades/projetos que tenham desenvolvido no âmbito da Expressão Plástica. Apesar das dificuldades adiantadas na gestão à distância destas matérias, esta área não deixou de ser explorada, tal como se depreende dos seus relatos que de seguida transcrevemos.

“No ensino à distância as crianças fizeram cartazes sobre a reciclagem, o bem-estar animal e o *bullying*. Construíram também a lembrança do *Dia da Mãe* (Professora Fabiana).

“Por exemplo, no dia 25 de abril, após exploração de um texto sobre o tema, foi pedido aos alunos para construírem um cravo utilizando rolos de papel higiénico” (Professora Teresa).

“Na educação literária as crianças construíram fantoches; quando explorámos os seres vivos, as plantas, construíram um herbário” (Professora Ana).

“Na história do dia os alunos enviavam um desenho da mesma; no estudo dos animais fizeram e enviaram origamis de alguns animais” (Professora Paula).

Ao tentarmos perceber como reagiram as crianças na sequência da exploração da Expressão Plástica durante o período de ensino *online* as professoras, no geral, relataram que as crianças eram participativas e motivadas, enviaram as suas atividades através de fotografia e, nas aulas síncronas, partilhavam as suas criações. Nas palavras da Professora Ana, esta era mesmo a atividade que mais gostavam de realizar e, sempre que havia uma videoconferência, gostavam de partilhar as suas criações.

Ainda neste particular e de uma forma geral, mencionaram que exploravam esta área isoladamente, mas sobretudo em articulação com as outras áreas do currículo.

No que respeita às dificuldades sentidas durante o período de Ensino à Distância, foi-nos dado a perceber que houve uma série de dificuldades, desde as limitações no acesso por parte das famílias à falta de materiais por parte dos alunos. Para ultrapassar estas dificuldades, as professoras utilizavam algumas estratégias como:

“Preparava os materiais e deixava na escola para os pais irem lá levantar” (Professora Fabiana).

“Tentei arranjar atividades que fossem possíveis de serem realizadas com os materiais do dia a dia, que costumamos ter habitualmente em casa” (Professora Teresa).

“Pesquisa e trocando ideias com o meu par pedagógico” (Professora Paula).

Como sabemos, o Ensino à Distância foi uma nova realidade para os professores. Neste contexto, e em jeito de avaliação desta experiência, questionámos as professoras relativamente ao que fariam de diferente se pudessem voltar atrás no tempo e reformular as suas práticas. Com exceção de uma delas, todas as professoras responderam que não fariam nada de diferente, não deixando de assumir que este tinha sido um período difícil, quer para os professores, quer para as famílias, para os encarregados de educação e principalmente para os alunos. A professora Paula foi a única a referir que, uma vez que está sempre a avaliar o seu trabalho, se pudesse voltar atrás, procuraria melhorá-lo.

Nesta ordem de ideias, pedimos às nossas entrevistadas um balanço final das suas experiências nesta modalidade de ensino. Nas suas palavras:

“Correu bem, mas os alunos não evoluíam durante o ensino *online*” (Professora Fabiana).

“Foi uma experiência muito desafiante. Penso que o balanço foi positivo, mas exigiu do professor o dobro do trabalho das aulas presenciais” (Professora Teresa).

“Foi positiva, não esquecendo que não substitui, em nada, o ensino presencial, fulcral sobretudo nas faixas etárias de maior tenra idade” (Professora Sara).

“Razoável, mas ainda há muito a aprender” (Professora Ana).

“Sem querer ser presunçosa, acho que foi muito positiva. Esforcei-me muito para poder dar um ensino de qualidade aos meus alunos e também contei com a preciosa colaboração do meu par pedagógico, pois trabalhamos muito bem em grupo. A colaboração dos pais também tornou este processo mais produtivo e eficaz” (Professora Paula).

Por fim, e tal como havíamos perguntado no contexto do ensino presencial, perguntámos aos professores quais os conselhos que dariam a futuros colegas relativamente à melhor forma de explorar a Expressão Plástica nesta nova modalidade de ensino. Partilhamos de seguida algumas das suas respostas.

“Enviar um vídeo com a demonstração da atividade” (Professora Fabiana).

“Em primeiro lugar, criar uma relação de proximidade com os pais/encarregados de educação e manter um contacto regular com os alunos através dos mesmos, de maneira que, posteriormente, toda a colaboração/motivação surja de uma forma natural. É certo que ficamos um pouco limitados, pois nem todos os pais têm os mesmos recursos, nem a

mesma disponibilidade, contudo, apelando a alguma ginástica mental consegue-se sugerir atividades das quais se obtém *feedbacks* bastante positivos” (Professora Sara).

Concluimos esta nossa análise fazendo eco do conselho que nos foi adiantado pela Professora Paula com o qual muito nos identificamos. Nas suas palavras, o professor deve ter sempre em conta “a criatividade, dedicação e sempre com uma “pitada” de amor”.

Concluída a análise e reflexão acerca da nossa ação educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como do estudo que fizemos relativamente às opiniões e conceções de professores acerca do lugar da Expressão Plástica nas suas práticas educativas diárias, entramos na reta final do nosso trabalho. Resta-nos partilhar com o leitor aquelas que são as nossas principais conclusões de todo o processo que aqui fomos partilhando. É o que nos propomos fazer no último ponto deste trabalho.



Considerações Finais



Considerações Finais

Entrando na reta final do nosso Relatório de Estágio, é momento de fazermos algumas considerações finais acerca de todo o nosso percurso no contexto do Estágio Pedagógico, na Educação Pré-Escolar e do Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Para tal, recuperaremos os objetivos que nortearam o nosso trabalho, num ponto de vista mais reflexivo, com vista a um balanço final de todo o nosso trabalho, quer aquele que incidiu diretamente na nossa ação educativa, até aos aspetos que inspiraram e conduziram o nosso estudo empírico que, paralelamente às nossas práticas pedagógicas, nos convidou a uma reflexão mais aprofundada relativamente ao tema que entendemos aprofundar no presente Relatório.

Perante o primeiro objetivo *observar os contextos do Estágio Pedagógico I e II de forma a melhorar e adequar as práticas educativas*, consideramos que o período de observação inicial, embora muito curto, foi muito importante, na medida em que nos permitiu verificar como os grupos funcionavam, perceber e adquirir conhecimentos acerca de algumas técnicas e truques que as docentes tinham para que as crianças correspondessem ao pretendido, ganhar alguma confiança com os mais pequenos e perceber estratégias de ensino fundamentais para as nossas práticas. Assim, não “caímos de paraquedas” nas salas, mas fomos sendo integradas e, aos poucos, ganhando o respeito das crianças.

Quanto ao segundo objetivo, *planificar sequências didáticas, flexíveis e integradoras, que promovam aprendizagens significativas por parte dos alunos e se adaptem aos seus interesses e necessidades*, este foi alcançado com sucesso, pois ao idealizarmos as nossas sequências didáticas, tínhamos em conta a temática ou os conteúdos que nos eram sugeridos. Neste contexto, foi nossa preocupação convocarmos e integrarmos todas as áreas curriculares, de maneira a promover aprendizagens com significado e com sentido para os nossos alunos.

Diante o terceiro objetivo, *desenvolver uma ação educativa diversificada e integradora, capaz de proporcionar momentos de aprendizagem dinâmicos, com e significado para as crianças/alunos*, entendemos ter atingido tal propósito, visto que na nossa ação pedagógica, em ambos os contextos de estágio, fizemos uma reflexão ao nível pessoal e profissional para entendermos o que precisávamos de melhorar e para encontrarmos estratégias que nos possibilitassem superar as nossas naturais dificuldades. Por outro lado, com essa reflexão, também entendíamos quais eram as ferramentas que

resultavam com os grupos e isso facilitava o nosso desempenho no dia a dia. Foram adotadas algumas estratégias, rotinas e dinâmicas, bem como alguns recursos materiais, de modo a promover momentos de aprendizagens enriquecedores, significativos, dinâmicos e diversificados.

Referenciando acerca do nosso quarto objetivo, *implementar práticas de Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a promover ambientes favoráveis à aprendizagem das crianças/alunos e a facilitar a sua expressão livre e espontânea, a sua imaginação e a sua criatividade*, assumimos que este foi um dos objetivos que esteve sempre presente na nossa ação educativa diária, de forma a criar condições para que as crianças pudessem explorar técnicas, materiais, como também a emoção e a criatividade de maneira a influenciar positivamente o processo de ensino-aprendizagem.

No que diz respeito ao quinto objetivo, *avaliar o desempenho das crianças/alunos ao longo das Práticas Educativas dos nossos Estágios Pedagógicos, por forma a combater as suas dificuldades e criar condições facilitadoras da sua aprendizagem*, consideramos que este foi alcançado, mais especificamente no Ensino Presencial, pois no Ensino à Distância, pelas razões que explicámos ao longo do nosso trabalho, tivemos poucos *feedbacks* por parte das crianças. No entanto, tivemos sempre em conta as aprendizagens feitas pelas crianças ao longo da nossa ação educativa, bem como a preocupação de dar resposta às suas necessidades, dificuldades e motivações, na elaboração das nossas práticas educativas.

No que concerne ao sexto objetivo, *perceber de que forma os educadores e professores do 1.º Ciclo promovem a Expressão Plástica na sua prática docente*, este foi possível verificar no período de observação e intervenção, bem como nos relatos/opiniões dos docentes entrevistados. De acordo com os registos recolhidos e a análise das opiniões e representações dos docentes entrevistados, poder-se-á concluir, então, que os(as) Educadores(as) recorrem com maior frequência à área das Expressões, principalmente à Expressão Plástica nas suas práticas, enquanto os(as) Professores(s) demonstraram que tal estava aquém do desejado, devido à falta de tempo e à consequente preocupação em cumprir os vastos programas curriculares.

Posto isto, e no que concerne aos estágios Pedagógicos, tanto no contexto pré-escolar como no 1.º Ciclo, foram desenvolvidas atividades educativas, bem como recorreremos a estratégias e metodologias que, a nosso ver, foram interessantes, motivadoras e adequadas ao grupo/ turma. Quanto ao balanço da ação educativa que se

desenvolve na Educação Pré-escolar, vimos que as Artes Visuais, embora exploradas, não eram convocadas de forma constante nem diversificada. Importa salientar que também as nossas atividades e recursos ficaram limitados devido à fase pandémica que atravessávamos. No entanto, percebemos que as crianças estavam sempre motivadas e interessadas nas atividades que propusemos.

Já o Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico foi mais limitado e a exploração das Expressões, no geral, e da Expressão Plástica, no particular, acabou por ficar um pouco aquém do que desejaríamos. De forma a contrariar esta tendência, nas últimas intervenções, foi possível desenvolver mais atividades em torno das Expressões. Porém, ao explorar tais atividades verificou-se que as crianças desconheciam algumas das técnicas. Contudo, foi um momento de muito orgulho para todos, na medida em que estas se divertiram e aprenderam através da Expressão Plástica.

Importa salientar que, em ambos os estágios Pedagógicos, as docentes titulares recorriam muito ao desenho e pintura com lápis de cor. Ainda assim, percebemos uma certa limitação das crianças nas suas produções, pois as atividades eram muito orientadas pela docente, na tentativa de tornar as suas produções “perfeitas” ou “obras de arte”.

Por fim, falando um pouco sobre o nosso Estudo Empírico, após confrontarmos várias realidades e opiniões, conseguimos concluir que a Expressão Plástica, apesar de não ser das áreas mais convocadas na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, é reconhecida pelos Educadores e Professores como tendo um enorme potencial educativo. Se na Educação Pré-escolar a sua exploração acontece de forma mais natural e espontânea, no dia a dia das crianças, na sequência da forma como a sala de atividades está organizada e das rotinas que se desenvolvem nos seus diferentes cantinhos, no 1.º Ciclo do Ensino Básico os Professores adiantaram constrangimentos ao nível da gestão do tempo e do peso curricular das demais áreas programáticas. Ainda assim, em ambos os contextos, verificou-se a disponibilidade de materiais para a realização das atividades plásticas, sendo que muitos dos docentes assumiram recorrer bastante a materiais reciclados.

Ainda no contexto do nosso estudo empírico, notámos diferenças na exploração da área em causa no contexto do ensino à distância. Apesar de terem sido referidas algumas propostas de atividades no contexto desta área, a alteração das rotinas, a ausência de recursos técnicos para acompanhar as aulas à distância e os naturais constrangimentos criados às famílias pela situação pandémica que atravessamos assumiram-se como

limitações à ação educativa dos docentes, que acabaram por assumir que apesar de todos os seus esforços, os desempenhos das crianças ficaram muito aquém do desejado.

Ainda assim, e em jeito de conclusão, não podemos deixar de realçar as potencialidades da Expressão Plástica, que permite às crianças exprimirem-se livremente, exteriorizando, pelas manifestações artísticas que lhes são proporcionadas, o seu mundo interior, interagindo com os outros e definindo, assim, o seu lugar no mundo. A Expressão Plástica é o lugar por excelência onde a criança desenvolve a imaginação e a criatividade, dando azo a toda a curiosidade que a caracteriza nesta fase da sua vida. Trata-se de um contributo para o seu desenvolvimento emocional e cognitivo, que resulta da necessidade de se exprimir através da exploração progressiva dos materiais, num contacto próximo com uma grande variedade de técnicas. Por todas estas razões, o papel do Educador/Professor é de extrema importância, uma vez que têm de chamar a si a responsabilidade, não só de facultar o contacto das crianças com esses materiais e técnicas, mas, sobretudo, de perceber em que momento e com que finalidade estes devem ser implementados, de forma a contribuir verdadeiramente para o desenvolvimento integral da criança.

Por fim, e ao olharmos para todo o percurso que vivenciámos ao longo da realização deste Relatório, percebemos o quão difícil e desafiador é alcançar os nossos objetivos e perseguir os nossos sonhos. Apesar de todos os obstáculos e dos constrangimentos criados por via da pandemia que se instalou ao longo deste processo, concluímos com a sensação de dever cumprido, de realização e satisfação pessoal.

Temos consciência de que muito ficou por fazer e por dizer, mas também sabemos que este não é o fim de uma etapa, mas o princípio de outra, que se abre à nossa frente, com novos desafios, com renovadas expectativas, mas com a mesma vontade de aprender e fazer aprender, de inspirar todas as crianças que nos forem confiadas e colorir os seus sonhos, de contribuir para um mundo melhor.

«Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós».

(Antoine Saint-Exupéry, in O Príncipezinho)



Referências Bibliográficas



Referências Bibliográficas

A

- Agostinho, C. (2017). O Trabalho-Projeto como estratégia pedagógica no ensino da História. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas;
- Alonso, F. (2011). Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores. Direção Regional da Educação e Formação;
- Alves, F. (2007). Psicomotricidade: corpo, ação e emoção. Rio de Janeiro: Wak;

B

- Bell, J. (2002). Como realizar um projeto de investigação. Lisboa: Gradiva;
- Binfaré, C. (2009). Construções no desenho infantil: dos modelos referenciais à problematização dos estereótipos. Trabalho de conclusão do curso de especialização em pedagogia da Arte. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora;

C

- Castro, J., & Rodrigues, M. (2008). Sentido de número e organização de dados: Textos de apoio para educadores de infância. Lisboa: MEducação – DGIDC;
- Cardoso, C., & Valsassina, M. (1988). Arte Infantil – linguagem plástica. Lisboa: Editorial Presença;
- Condessa, I. (2006). Os Ambientes Facilitadores de Aprendizagem Na Educação Física Infantil. In: Cinergis (Revista do Departamento de Educação Física e Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul), vol.7, Santa Cruz do Sul: UNISC (ISBN 1519-2512);
- Condessa, I. (2009). (Re) aprender a brincar. Ponta delgada: Nova gráfica, Lda;
- Comissão Nacional da Unesco (2006). Roteiro para a Educação Artística – Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI. Lisboa: Comissão Nacional da Unesco;
- Correia, M. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar em Enfermagem* 3 (2), pp. 30-35 Santarém: Instituto Politécnico de Santarém;
- Correia, R. (2013). A Arte e Expressão Plástica em crianças com Síndrome de Asperger. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Costa, I., & Baganha, F. (1989). O Fantoche Que Ajuda A Crescer. Porto: Edições ASA;

D

- Dias, C. (2013). Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Relatório de Estágio. Departamento de Ciências de Educação, Ponta Delgada: Universidade dos Açores;
- Dias, M. (1999). Métodos e Técnicas de Estudo e Elaboração de Trabalhos Científicos. Coimbra: Minerva;
- Direção-Geral da Educação (2020). Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras;
- Duarte, I. (2008). O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística. DGIDC, Lisboa;

F

- Freire, P. (1999). A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 38.^a edição, Cortes. São Paulo;

G

- Gabinete de Educação Tecnológica, Artística Profissional (1991). Educação Artística Especializada. Preparar as Mudanças Qualitativas. Porto: GETAP;
- Gabey, G., & Vimenet, C. (1974). A criança criadora. Lisboa: Assírio & Alvim;
- Gordon, Edwin E. (2000). Teoria de aprendizagem musical competências, conteúdos e padrões. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Gonçalves, E. (1991). A arte descobre a criança. Lisboa: Raiz Editora;
- Guerreiro, M. (2012). A influência das artes plásticas no desenvolvimento da expressão plástica nas crianças de 5/6 anos. (Dissertação de Mestrado). Faro: Universidade do Algarve – Escola Superior de Educação e Comunicação;

J

- Jesus, J. (2013). Importância da Educação Física no Currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus;

K

- Kishimoto, T. (1994). O Jogo e a Educação Infantil, S. Paulo: Thomson Pioneira;

L

- Leal, S. (2009). Um-dó-li-tá: a linguagem das brincadeiras e as brincadeiras com a linguagem. In Isabel Condessa, (Re)Aprender a brincar: Da especificidade à diversidade. (pp. 115-128). Ponta Delgada: Universidade dos Açores;

Leenhardt, P. (2007) *A Criança e a Expressão Dramática*. 4ª Edição, Lisboa: Rolo & Filhos – Artes Gráficas, Lda;

M

Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: DGIDC;

Martins, J. (2010). *Organização e Tratamento de Dados*. Ministério da Educação;

Medeiros, C. (2017). *Queres que te faça um desenho? O Lugar e o Papel das Imagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio. Ponta Delgada: Universidade dos Açores;

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação;

Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Departamento da Educação Básica;

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica;

Mota, J. (2019). *A Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio. Ponta Delgada: Universidade dos Açores;

Moreira, D., & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no Jardim de Infância*. Lisboa: Universidade Aberta;

N

Neto, C. (2001). *Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de actividade física*. In G. Guedes (Ed.). *Aprendizagem Motora: problemas e contextos*. (pp. 193-220). Lisboa: Edições FMH;

P

Pantoja, A., & Velasco, A. (2012). *Trabajo por Proyectos en Expresión Plástica. Educación Infantil*. Valladolid: Universidad de Valladolid;

Ponte, J., Brocardo, J., e Oliveira, H. (2003). *Investigações matemáticas na sala de aula*. Belo Horizonte:

R

Read, H. (2007). *A educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70;

Reis, C. (2012). *A importância da Educação Artística no 1º Ciclo de Ensino Básico*;

Reis, R. (2004). *Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta;

Ribeiro, J. (2005). *Planificação Educacional*. R. bras. Est. pedag.. 86 (212):85-93;

- Rodrigues, J. (2014). Os Suportes de Expressão como veículos promotores de aprendizagens no Ensino Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores;
- Rouquet, A. & BRASSART, S. (1977). A Educação Artística na Acção Educativa. Coimbra: Edições Almedina;

S

- Salvador, A. (1999). Conhecer a criança através do desenho. Porto: Porto editora;
- Santos, S. (2000). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis: Vozes;
- Silva, S. (2016). O Estudo do Meio: Uma Área integradora. Perspetivas de um grupo de Professores. Instituto Superior de Educação e Ciências;
- Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação;
- Sousa, A. (2003a). Educação pela Arte e Artes na Educação. 1.º Volume: Bases Psicopedagógicas: Lisboa: Instituto Piaget;
- Sousa, A. (2003b). Educação pela Arte e Artes na Educação. 3.º Volume: Música e Artes Plásticas. Lisboa: Instituto Piaget;
- Sousa, A. (2005). Investigação em Educação. Lisboa: Livros Horizonte;
- Sousa, A. (2014). O Ensino e a Aprendizagem das Frações no 2.º Ano de escolaridade num contexto de ensino exploratório. Dissertação de Mestrado. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria;
- Sousa, R. (2014). A Expressão Plástica na Prática Pedagógica: Olhares de Educadores e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores;
- Stern, A. (s.d). Uma nova compreensão da arte infantil. Lisboa: Livros Horizonte;
- Spodek, B. (2010). Manual de Investigação em Educação de Infância. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;

T

- Travassos, S. (2017). (Re)Colocar as Expressões Artísticas no Currículo da Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Uma experiência no âmbito do Estágio Pedagógico. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

V

- Veiga, L. (2011). Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar. (Dissertação de Mestrado). Bragança: Instituto Politécnico de Bragança- Escola Superior de Educação;

- Veríssimo, I. (2012). A Expressão Musical na Educação Pré-Escolar. Dissertação de Mestrado. Beja: Instituto Politécnico de Beja;
- Vidal, E. (2002). Ensino à Distância vs Ensino Tradicional. Porto: Universidade Fernando Pessoa;
- Vygotsky, L. (2012). Imaginação e Criatividade na Infância. Lisboa: Dinalivro;

Webgrafia

C

- Conferência Mundial de Educação Artística (2006). Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as Capacidade Criativas para o Século XXI. - Acedido a 4 de abril 2021, em: <http://www.educacaoartistica.gov.pt/documentos/Roteiro.pdf>
- Cristo, A. (30 de março de 2020). *Observador*. Obtido de O ensino à distância funciona? Acedido a 10 de maio de 2020, a partir de: <https://observador.pt/especiais/o-ensino-a-distancia-funciona/>

D

- Dicionário, T. (s.d.). Tipologia textual (C. Análise do discurso. Retórica. Pragmática eLinguística textual). Obtido de DT - Dicionário Terminológico para consulta em linha: <http://dt.dge.mec.pt>

M

- Mallmann, M., & Barreto, S.J. (s.d) – “A Dança e seus efeitos no desenvolvimento das inteligências múltiplas da criança. (pp 9-10). Acedido a 10 de dezembro de 2020, de: <http://www.corpoemcena.com.br>

S

- Santos, J. (2010). Música no contexto escolar. Acedido a dia 16 de maio de 2020, através de: <http://www.grupoescolar.com/pesquisa/musica-no-contexto-escolar.htm>



Anexos



Anexo 1 – Guião da entrevista para Educadores e Professores 1.º CEB

Designação dos Blocos	Objetivos	Questões
Bloco A Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado em que consiste a investigação e quais os seus objetivos; - Legitimar a importância da participação e cooperação do entrevistado; - Certificar a confidencialidade da informação e o anonimato das respostas do entrevistado; - Elucidar como é que os dados vão ser utilizados e quem vai ter acesso aos mesmos; - Assegurar o rigor da informação; - Gratificar a participação do entrevistado na investigação. 	
Bloco B Dados profissionais do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a sua profissão e o tempo de serviço do entrevistado, enquanto Educador/Professor; - Conhecer qual o nível educativo que leciona; 	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo? - Idade? - Habilitações académicas? - Tempo de serviço? - Ano(s)/ Níveis de escolaridade em que leciona?
Bloco C Expressão Plástica na formação inicial e contínua para a docência	Entender se os Educadores e professores tiveram oportunidade de experimentar aquando da sua formação inicial e contínua o/a subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica;	<ol style="list-style-type: none"> 1. Na sua formação inicial frequentou alguma(s) unidade(s) curricular(es) relacionada(s) com a área da Expressão Plástica? Se sim, em que consistia? O que se recorda de ter feito? 2. Acha que o enfoque/abordagem dado(a) à Expressão Plástica durante a sua formação inicial foi suficiente? O que é que ficou por fazer? 3. Para além dessa formação frequentou outra(s) formações no contexto desta área? Se respondeu SIM, indique quais.
Bloco D Opiniões e representações acerca da Expressão Plástica	Compreender quais são as opiniões dos Educadores e Professores acerca dos contributos do/a subdomínio/área de Artes	<ol style="list-style-type: none"> 4. Se pudesse traduzir em poucas palavras o que entende por Expressão Plástica, como a definiria? 5. Poderá a Expressão Plástica contribuir na promoção das aprendizagens das crianças?

	Visuais/Expressão Plástica para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças	Se respondeu SIM, indique em que medida...
<p>Bloco E A Expressão Plástica na prática pedagógica diária</p>	<p>Entender qual a importância das/da Artes Visuais/ Expressão Plástica na prática diária do entrevistado;</p> <p>Entender quais as dificuldades encontradas pelos Educadores e Professores no desenvolvimento de atividades de Artes Visuais/ Expressão Plástica na sua prática pedagógica diária.</p>	<p>6. Costuma explorar a(s) Artes Visuais/Expressão Plástica no seu dia a dia?</p> <p>Se respondeu SIM, indique:</p> <p>6.1. Explora esta área isoladamente ou em articulação com outras áreas do currículo?</p> <p>6.2. Em que dia(s)/hora(s) costuma fazê-lo no seu horário semanal?</p> <p>6.3. Quais os materiais/técnicas que costuma convocar com mais frequência?</p> <p>6.4. Dê exemplos de atividades/projetos que tenha desenvolvido no âmbito da Expressão Plástica.</p> <p>7. Tem encontrado alguma dificuldade na exploração da Expressão Plástica nas suas práticas diárias?</p> <p>Se respondeu SIM, indique:</p> <p>7.1. Que dificuldades tem sentido?</p> <p>7.2. O que tem feito para contrariar/ultrapassar essas dificuldades?</p> <p>8. A sua escola/sala dispõe de espaços/materiais adequados à exploração das Artes Visuais/Expressão Plástica?</p> <p>Se respondeu SIM,</p> <p>8.1. Indique os espaços/materiais de que dispõe.</p> <p>8.2. Acha que os materiais em causa são suficientes?</p>

		<p>Indique outros que lhe fazem falta...</p> <p>9. Como reagem as crianças durante a exploração das Artes Visuais/Expressão Plástica? Dê exemplos, partilhe algum episódio...</p> <p>10. Se pudesse aconselhar algum Educador/Professor acerca da melhor forma de explorar a(s) Artes Visuais/Expressão Plástica nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?</p>
<p>Bloco F A Expressão Plástica no ensino <i>online</i></p>	<p>Entender quais as dificuldades encontradas pelos Educadores e Professores no desenvolvimento de atividades de Artes Visuais/ Expressão Plástica no ensino <i>online</i></p>	<p>11. Explorou a(s) Artes Visuais/Expressão Plástica durante o período de ensino <i>online</i>?</p> <p>Se respondeu SIM, indique:</p> <p>11.1. Explorou esta área isoladamente ou em articulação com outras áreas do currículo?</p> <p>11.2. Dê exemplos de atividades/projetos que tenha desenvolvido no âmbito da Expressão Plástica.</p> <p>12. Encontrou alguma dificuldade na exploração da(s) Artes Visuais/Expressão Plástica durante o período de ensino <i>online</i>?</p> <p>Se respondeu SIM, indique:</p> <p>12.1. Que dificuldades sentiu?</p> <p>12.2. Ultrapassou/procurou ultrapassar essas dificuldades?</p> <p>12.3. O que fez para contrariar/ultrapassar essas dificuldades?</p> <p>12.4. Se pudesse voltar atrás faria alguma coisa diferente?</p> <p>13. Como reagiram as crianças na sequência da exploração da(s) Artes Visuais/Expressão Plástica</p>

		<p>durante o período de ensino online? Dê exemplos, partilhe algum episódio...</p> <p>14. Como avalia a sua experiência do ensino <i>online</i>?</p> <p>15. Se pudesse aconselhar algum Educador/Professor acerca da melhor forma de explorar a(s) Artes Visuais/Expressão Plástica numa modalidade de ensino <i>online</i>, que conselhos lhe daria?</p>
<p>Bloco G Agradecimentos e validação da entrevista</p>	<p>- Agradecer a colaboração. - Informar da transcrição da entrevista para validação.</p>	

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal